



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Fabrício Aparecido Bueno

CARREIRA E TRABALHO NA VIDA APÓS O DOUTORADO
uma análise psicossocial das trajetórias de psicólogos doutores

Belo Horizonte
2023

FABRÍCIO APARECIDO BUENO

CARREIRA E TRABALHO NA VIDA APÓS O DOUTORADO
uma análise psicossocial das trajetórias de psicólogos doutores

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Linha de pesquisa: Cultura, Modernidade e Processos de Subjetivação

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Dias Cirino

150 Bueno, Fabrício Aparecido.
B928c Carreira e trabalho na vida após o doutorado [manuscrito];
2023 uma análise psicossocial das trajetórias de psicólogos doutores /
Fabrício Aparecido Bueno. - 2023.
146 f.
Orientador: Sérgio Dias Cirino.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia – Teses. 2. Pós-Graduação - Teses. 3. Trabalho –
Teses. I. Cirino, Sérgio Dias. II. Universidade Federal de Minas
Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE TESE DE FABRICIO APARECIDO BUENO

Realizou-se, no dia 06 de novembro de 2023, às 08:30 horas, Remoto - Plataforma Google Meet, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de tese, intitulada *Carreira e Trabalho na vida após o doutorado: uma análise psicossocial das trajetórias de psicólogos doutores*, apresentada por FABRICIO APARECIDO BUENO, número de registro 2020654126, graduado no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). SERGIO DIAS CIRINO - Orientador (UFMG), Prof(a). Andrea Knabem (Universidade Federal do Paraná), Prof(a). Ana Maria Jacó-Vilela (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Prof(a). Marcelo Afonso Ribeiro (Universidade de São Paulo (USP)), Prof(a). Tatiana Pereira Queiroz (UFMG).

A Comissão considerou a tese:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.



Documento assinado eletronicamente por **Sergio Dias Cirino, Professor do Magistério Superior**, em 07/11/2023, às 10:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tatiana Pereira Queiroz, Assistente em Administração**, em 07/11/2023, às 10:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Afonso Ribeiro, Usuário Externo**, em 07/11/2023, às 13:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **ANA MARIA JACO VILELA, Usuária Externa**, em 08/11/2023, às 10:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Andrea Knabem, Usuária Externa**, em 09/11/2023, às 13:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

AGRADECIMENTOS

A produção de uma tese só na aparência é um trabalho solitário. Além do autor, múltiplas são as vozes que atravessam a produção de uma obra científica, algumas mais explicitamente, como a dos participantes da pesquisa ou a dos autores e pesquisadores com cujas contribuições dialogamos no decorrer do texto, outras de maneira implícita, como a de todas aquelas pessoas ou instâncias que proporcionam suporte material, intelectual, emocional e afetivo para a realização do trabalho. Chega o momento de enaltecer algumas vozes tácitas desta tese, sem as quais, cumpre dizer, teria sido improvável chegar a este produto final. O que está neste momento ao meu alcance fazer para homenageá-las é deixar aqui o registo da minha mais honesta gratidão:

A Angélica Vieira Bomfim Tavares, minha esposa e companheira, sem dúvida a pessoa que mais compartilhou de perto comigo todas as agruras e satisfações envolvidas em um processo de doutoramento. A você, meu amor, serei eternamente grato pela paciência, pela compreensão, pelas palavras de incentivo, pelas escutas atentas e pelas valiosíssimas sugestões em momentos-chave da pesquisa e da escrita;

A Roseli da Silva Bueno e Eduardo dos Reis Bueno, meus pais; espero que encarem essa minha conquista como também uma conquista de vocês, que tanto batalharam para me proporcionar as condições necessárias para levar adiante o meu desejo de estudar e que me ensinaram a acreditar no poder transformador da educação. Eis que um filho de operários agora se torna doutor;

Ao Professor Sérgio Dias Cirino não só pela orientação cuidadosa, rigorosa e atenta da tese, como pela gentileza e empatia com que me acolheu como orientando, colocando-se constantemente à disposição para dialogar sobre a pesquisa, sobre as leituras e sobre as minhas ansiedades e inseguranças. Espero ter conseguido transmitir na escrita deste trabalho a leveza e a fluidez com se estabeleceu a nossa relação;

Aos professores Dr. Marcelo Afonso Ribeiro, Dra. Andrea Knabem, Dra. Delba Teixeira Rodrigues Barros, Dra. Ana Maria Jacó-Vilela e Dra. Tatiana Pereira Queiroz, integrantes das bancas de qualificação e/ou defesa da tese, pelas valiosíssimas contribuições prestadas ao desenvolvimento e ao aprimoramento deste trabalho. À Professora Andréa Knabem, em especial, não poderia deixar de agradecer também a generosidade e a sensibilidade com que se dispôs a conversar sobre a pesquisa após a realização da banca de

qualificação, contribuindo de maneira muito assertiva para o encaminhamento de algumas decisões que se mostraram cruciais para o bom andamento do trabalho de campo;

Aos colegas do *Alumni* – Grupo Transdisciplinar de Estudos sobre Carreira e Egressos da UFMG, que me acolheram de uma maneira muito especial no grupo de pesquisa e colaboraram com discussões de tópicos importantes da temática investigada em importantes momentos do desenvolvimento do trabalho;

Aos colegas do programa de doutorado da UFMG, pelas preciosas trocas nos debates teóricos e científicos travados durante as disciplinas. Uma pena havermos tido poucas oportunidades de contato presencial em razão do fato das disciplinas terem ocorrido durante a fase mais dura das restrições impostas pela pandemia do COVID-19, mas espero que a vida nos proporcione outras oportunidades de encontro. Faço aqui uma menção especial ao colega, e agora amigo, Thiago Mikael-Silva, pelas valiosas oportunidades de interlocução que não só trouxeram contribuições para a realização da pesquisa e produção da tese como para a ampliação do meu olhar para questões que transcendem o fazer acadêmico e profissional;

Aos Técnicos Administrativos em Educação (Fabrício Veliq e Luiz Claudio Mendonça) da Secretaria da Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, pela sempre atenciosa e prestativa prontidão em responder às dúvidas e resolver as pendências burocráticas relativas ao curso;

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas (IFSULDEMINAS), onde orgulhosamente atuo como psicólogo, por proporcionar o meu afastamento do trabalho para a conclusão do doutoramento, nos termos do Artigo 96-A da Lei 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Em especial, agradeço à equipe da Coordenadoria Geral de Assistência ao Educando (CGAE), à Direção de Ensino e à Direção Geral do IFULDEMIANAS/Campus Machado, que compreensivamente apoiaram o meu afastamento mesmo isso implicando um desfalque temporário na força de trabalho da instituição;

Enfim, aos demais familiares e amigos, mesmo que aqui não citados nominalmente, agradeço pelo apoio, pelo incentivo e pela confiança de sempre, e por jamais me deixarem esquecer que, independentemente de onde chegarmos e do que viermos a realizar, o que verdadeiramente importa é a capacidade de mantermos vivos em nós a cumplicidade e o amor.

“Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda num ponto muito mais em baixo, bem diverso do que em primeiro se pensou. Viver não é muito perigoso” (João Guimarães Rosa, em Grande Sertão: Veredas, p. 32).

RESUMO

Este trabalho condensa os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo central analisar trajetórias de psicólogos egressos do doutorado em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), visando compreender, sob uma ótica psicossocial, os impactos do doutoramento sobre as suas carreiras. O referencial teórico que norteou a condução da pesquisa, tanto no que diz respeito à concepção subjacente do construto de carreira como em relação à postura investigativa em face do fenômeno das trajetórias socioprofissionais, foi a abordagem psicossocial da carreira proposta por Marcelo Afonso Ribeiro. A pesquisa foi composta de duas etapas, sendo a primeira de cunho teórico-crítico e a segunda de caráter empírico. Na primeira etapa, foram estabelecidos os alicerces de uma abordagem psicossocial para a investigação das trajetórias de egressos do ensino superior. Partindo de uma análise crítica da literatura brasileira sobre pesquisas conduzidas com egressos de cursos superiores, foi possível verificar a fragilidade teórica dos estudos produzidos com essa temática no Brasil. Também foi possível identificar a carência de uma interlocução consistente desses trabalhos com conceitos e problematizações oriundos de outros campos de investigação mais consolidados epistemologicamente. Como proposta para a superação dessa lacuna, foi evidenciado, através da produção de um ensaio teórico, as vantagens que a adoção de um referencial psicossocial sobre as noções de carreira proporciona às investigações interessadas em compreender a dimensão das construções de trajetórias de vida de trabalho dos sujeitos após a formação acadêmica. A segunda etapa da pesquisa consistiu em uma aplicação dos preceitos elaborados na fase inicial e se desenvolveu mediante a produção de uma pesquisa qualitativa estruturada a partir de entrevistas com 14 egressos do doutorado em Psicologia da UFMG, titulados entre 2012 e 2018. Em linhas gerais, as entrevistas se concentraram em estimular os egressos a produzirem narrativas sobre suas trajetórias profissionais antes, durante e após o doutoramento, e a refletirem sobre os impactos da formação doutoral no modo de configuração dessas trajetórias. A tese ora apresentada se estrutura a partir dos três artigos gerados como desdobramento do desenvolvimento das duas etapas da pesquisa, sendo o primeiro artigo oriundo da fase teórico-crítica e os dois artigos subsequentes provenientes do trabalho empírico. As contribuições desta tese para a literatura que trata sobre as temáticas nela enfocadas devem ser consideradas à luz dos contributos proporcionados por cada um dos três artigos (estudos) que a compõem. O primeiro artigo fornece um referencial norteador para a produção de estudos com egressos do ensino superior, tanto da graduação quanto da pós-graduação (*stricto e latu sensu*), a partir de um enfoque centrado na própria percepção dos egressos acerca de suas trajetórias, algo pouco explorado na literatura produzida no Brasil. O segundo artigo analisa a problemática das decisões de carreira após o doutoramento, evidenciando o quanto as recentes reconfigurações do mercado de trabalho acadêmico têm provocado impactos profundos na relação dos doutores com os seus projetos profissionais e de vida. O terceiro artigo, por fim, dialoga com as discussões acerca dos impactos da formação pós-graduada sobre a vida profissional dos egressos da pós-graduação *stricto sensu*, tanto daqueles que optam por dar prosseguimento à atuação profissional na área acadêmica quando daqueles que seguem uma trajetória de inserção total ou parcialmente fora da academia.

Palavras-chave: Pesquisas com egressos; Pós-graduação; Carreira; Psicologia

ABSTRACT

This study abridges the results of a research which aims to analyze the trajectories taken by psychologists who graduated from the program of PhD in Psychology at the Federal University of Minas Gerais (UFMG), in order to understand, from a psychosocial perspective, the impacts of the PhD on their careers. The theoretical framework that guided the lines of the research, both regarding the underlying conception of a career construction as well as the relation of the investigative trend facing the phenomenon of socio-professional trajectories, was the career psychosocial approach proposed by Marcelo Afonso Ribeiro. The research contains two stages, the first bears a theoretical-critical nature while the second holds an empirical trend. In the first stage, it was established the foundations of a psychosocial approach to investigate higher education graduates' trajectories. Departing from a critical analysis of Brazilian literature on researches focused on graduates of higher education courses, it was possible to detect the theoretical fragility of studies approaching this topic in Brazil. It was also possible to identify the lack of a consistent dialogue between these works and concepts and problems originating from other more epistemologically consolidated fields of investigation. In order to display a proposal to overcome this gap, it was brought into light, by the production of a theoretical essay, the advantages that the adoption of a psychosocial framework on the notions of careers provides to investigations aiming to understand the dimension of constructions of subjects' life trajectories after finishing the academic training. The second stage of the research consisted of applying the precepts elaborated in the initial phase and it was composed of a qualitative research based on interviews with 14 graduates of the PhD in Psychology at UFMG, graduated between 2012 and 2018. In general, the interviews focused on encouraging graduates to produce narratives about their professional trajectories before, during and after finishing the doctorate program, and to reflect on the impacts of doctoral training on the ways these trajectories were built. The thesis presented here is based on three articles generated as a result of the development of the two stages of the research. The first article comes from the theoretical-critical phase and the two subsequent articles from the empirical work. The contributions of this thesis to the literature that deals about the themes it focuses on must be considered in the light of the contributions provided by each of the three articles (studies) that build it up. The first article provides a guiding framework for the production of studies with graduates of higher education, both undergraduate and postgraduate (*stricto* and *latu sensu*), from a focus centered on the graduates' own perception of their trajectories, something sparsely explored in literature produced in Brazil. The second article analyzes the issue of career decisions after the doctorate, highlighting how the recent reconfigurations of the academic job market have had profound impacts on the relationship between doctors and their professional and life projects. The third article, finally, dialogues with the discussions about the impacts of postgraduate training on the lives of *stricto-sensu* postgraduates, involving both, those who choose to continue their professional activities in the academic area and those who follow a trajectory of total or partial insertion outside the academy.

Keywords: Research with alumni; Postgraduate studies; career; psychology

LISTA DE TABELAS

Estudo 2

Tabela 1 – Caracterização dos sujeitos da pesquisa em termos de atual inserção profissional, idade, área de concentração no doutorado e ano de titulação 58

Estudo 3

Tabela 2 – Caracterização dos sujeitos da pesquisa em termos de atual inserção profissional, idade, área de concentração no doutorado e ano de titulação 89

LISTA DE SIGLAS

COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CPA	Comissão Própria de Avaliação
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Enade	Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
EaD	Ensino a Distância
IES	Instituição de Ensino Superior
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFSULDEMINAS	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
PPG-Psi	Programa de Pós-Graduação de Psicologia
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
SIAPE	Sistema Integrado de Administração de Recursos Humanos
SINAES	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
SNPG	Sistema Nacional de Pós-Graduação
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFSJ	Universidade Federal de São João del-Rei

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Referências	23
ESTUDO 1 - TRAJETÓRIAS DE EGRESSOS DO ENSINO SUPERIOR: ELEMENTOS PARA UMA ABORDAGEM PSICOSSOCIAL.....	25
Introdução	25
1. Emergência e configuração do campo de estudos sobre egressos do ensino superior ..	26
2. Pesquisas de egressos do ensino superior no Brasil: um campo em construção	32
3. Por uma abordagem psicossocial no estudo das trajetórias de egressos do ensino superior... ..	36
Considerações Finais	43
Referências	45
ESTUDO 2 - DECISÕES E DIRECIONAMENTOS DE CARREIRA APÓS O DOUTORAMENTO: UM ESTUDO COM EGRESSOS DE UM DOUTORADO EM PSICOLOGIA.....	50
Introdução	50
1. As dimensões psicossociais da carreira na vida de trabalho após o doutoramento	51
1.1 A noção de carreira sob uma ótica psicossocial.....	52
1.2 Trajetórias profissionais após o doutorado: um enfoque biográfico	53
2. Método.....	56
3. Análise e interpretação dos dados	59
3.1 Percepções sobre o contexto sociolaboral.....	60
3.2 Satisfação com a atuação profissional não acadêmica.....	68
Considerações finais	75
Referências	77
ESTUDO 3 - IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DO DOUTORADO SOBRE A CARREIRA: ANÁLISE A PARTIR DAS NARRATIVAS DE DOUTORES EM PSICOLOGIA	80
Introdução	80
1. A vida profissional depois da pós-graduação <i>stricto sensu</i> : análise da literatura	81
2. A carreira pós-titulação doutoral: fundamentos de uma abordagem psicossocial.....	85
3. Método.....	88
4. Resultados.....	90
4.1 Impactos do doutoramento sobre a carreira acadêmica	90

4.2 Impactos do doutoramento sobre a carreira não acadêmica	97
Considerações Finais	103
Referências	105
CONCLUSÕES.....	109
APÊNDICES	113
Apêndice A - Pesquisar egressos do ensino superior: desafios e estratégias.....	114
Apêndice B – Termo de consentimento livre e esclarecido (entrevista oral)	123
Apêndice C – Termo de consentimento livre e esclarecido (entrevista escrita)	125
Apêndice D – Roteiro de entrevista semiestruturada	127
Apêndice E - Relação de estudos empíricos realizados com egressos do ensino superior (2001-2020)	129
ANEXO.....	141
Anexo A - Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa	142

INTRODUÇÃO

É tentador dar a esta apresentação um caráter protocolar. Isso corresponderia a elaborar uma breve descrição dos objetivos do estudo empreendido, fazer algumas considerações de cunho teórico-metodológico importantes para situar o trabalho no campo mais amplo das análises que dialogam com as problemáticas alcançadas pela pesquisa e prestar alguns esclarecimentos referentes ao formato de organização da tese, estruturada não pela convencional segmentação em capítulos, mas por três estudos independentes, ainda que relacionados entre si. A tentação em adotar esse padrão advém de uma motivação simples e justificável: há um certo desgaste intelectual e subjetivo acumulado no momento de se produzir uma apresentação – geralmente o texto final a ser escrito após um longo, árduo e sempre desafiador trabalho de pesquisa – e o protocolar é sempre o atalho mais curto para o descanso.

Não vai aqui nenhuma crítica às apresentações protocolares, muito pelo contrário. Se a apresentação é comumente o texto que encerra o trabalho do autor, é, em contrapartida, o que principia o do leitor. Poupar este último de uma retórica demasiadamente detalhada é por certo o mais prudente para se garantir uma economia preciosa de energia e paciência, ativos essenciais para uma contemplação qualificada do que verdadeiramente importa ser apreendido em uma tese doutoral, a saber, o que ela traz de resultados, análises e conclusões.

Todavia, a autenticidade das considerações iniciais deste trabalho ficaria comprometida se as linhas desta seção não trouxessem nenhum comentário a respeito de questões que por vezes ficam de fora de preâmbulos mais sucintos e objetivos, tais como, as motivações que contribuíram para a aproximação do pesquisador com o objeto de investigação ou as dimensões subjetivas implicadas em escolhas realizadas no decorrer da pesquisa. É certo que algumas dessas informações, caso ausentes deste texto de abertura, poderiam ser encontradas nas entrelinhas do material que compõe o restante da tese ou deduzidas a partir de uma confrontação deste texto com outros escritos pelo autor no decorrer de seu percurso de produção. Entretanto, precisamos convir que todo esse trabalho de decifração exigiria do leitor um dispêndio de energia e paciência indubitavelmente muito mais oneroso do que o que gastará para ler algumas notas do próprio pesquisador a respeito de esclarecimentos que tem a oferecer sobre esses assuntos.

Este trabalho, como se verá, consistiu, acima de tudo, em um exame cuidadoso de trajetórias. Por certo, qualquer leitor atento teria razão em apontar um descuido desta apresentação caso nela não encontrasse nenhuma consideração a respeito da trajetória do

próprio autor da pesquisa, sobretudo no que tange à relação deste com a temática escolhida para ser abordada na tese. Afinal, dada a opção deste estudo por tomar como interlocução teórico-analítica referenciais oriundos de uma tradição socioconstrucionista de investigação, há uma premissa de fundo que percorre todo o desenvolvimento do trabalho: a de que a subjetividade do pesquisador não deve ser apagada do processo de produção do conhecimento. Em outras palavras, subjetividade e conhecimento são tomadas como dimensões indissociáveis, o que implica reconhecer que aspectos de ordem subjetiva da vida do pesquisador atravessam continuamente o seu trabalho de produção do conhecimento ao mesmo tempo em que ele próprio, pesquisador, tem a sua subjetividade transformada pelos conhecimentos que produz e com os quais toma contato no decorrer de seu percurso intelectual (Gergen, 1985, Spink & Menegon, 1999). Nesse sentido, vale o esforço em tecer aqui algumas breves considerações a respeito de como as temáticas abordadas nesta tese vieram a se constituir como questões no âmbito da minha trajetória profissional e acadêmica.

Ocorre que, assim como se passou com os sujeitos da pesquisa ao serem confrontados com questões acerca de seus percursos de vida profissional e de formação, existe uma certa dificuldade inicial em se discorrer de maneira elaborada sobre o que supomos serem as razões que nos levaram a seguir este ou aquele caminho, ou mesmo sobre os possíveis atravessamentos de ordem subjetiva na configuração de nossas afinidades. Ao fim e ao cabo, não dispomos de outro recurso mais sofisticado do que narrar a si mesmo e/ou sobre si mesmo as inconstâncias de nossas experiências, na esperança de que as eventuais lacunas de consciência possam paulatinamente ir sendo preenchidas de sentido.

Preciso começar esclarecendo que o surgimento do interesse por realizar uma pesquisa sobre trajetórias profissionais de doutores em Psicologia foi algo que se processou no decorrer do doutorado, ou seja, não se apresentava como a temática inicial projetada para a tese. Ainda que à primeira vista trivial, essa informação tem, entretanto, uma importância central para contextualizar as circunstâncias objetivas e subjetivas sob as quais a presente pesquisa foi idealizada, planejada, executada e agora submetida ao escrutínio acadêmico. Em linhas gerais, é possível dizer que, não obstante os deslocamentos temáticos ocorridos em relação à proposta inicial de pesquisa, a essência da problematização que motivou a minha busca pelo doutorado em Psicologia permaneceu praticamente intacta: compreender os aspectos psicossociais envolvidos nos processos de transição da formação acadêmica para a prática profissional.

É possível situar meu encontro com essa problemática de investigação tanto de um ponto de vista pessoal como profissional. Pessoalmente, vivenciei com consideráveis expensas subjetivas a minha transição da graduação em Psicologia para a atuação como psicólogo.

Sempre me incomodei com a generalidade e com a naturalização com que as dificuldades associadas à passagem da graduação para o campo da prática costumam ser encaradas não só no senso comum como no próprio contexto acadêmico. Se parece ser verdade, como atestam diferentes estudos que se dedicam a analisar essa temática (Pimentel, 2007, Teixeira & Gomes, 2004), que algum nível de desconforto é mesmo inevitável em processos com exigências tão significativas de deslocamentos identitários – afinal, migra-se de uma condição de estudante para a de trabalhador - sempre questioneei se não haveria nada mais que as instituições de ensino superior pudessem fazer para ao menos tornar essa experiência menos solitária e sacrificante do que em geral costuma ser.

Eis que profissionalmente me torno psicólogo de uma instituição de ensino que tem como clientela estudantes de cursos profissionalizantes, tanto de nível médio-técnico quanto de nível superior. Muito rapidamente, ao iniciar um trabalho de escuta do público-alvo dessa instituição, passo a me deparar com um acúmulo de angústias muito fortemente associadas às incertezas em relação ao futuro profissional, sobretudo entre aqueles estudantes que tinham como projeto enfrentar no curto prazo a inserção no mundo do trabalho dentro da área de formação. Aos poucos, foi se tornando claro para mim que a maior demanda em relação à busca de apoio para lidar com essa questão da transição para o “mercado de trabalho” era proveniente, sobretudo, de estudantes do ensino superior que estavam na iminência de passar por esse processo que eu mesmo havia vivenciado anos atrás como bastante intenso e angustiante.

Uma hipótese para tentar explicar as razões por trás do fato de que, pelo menos entre os alunos a instituição educativa onde atuo, a preocupação com a transição para o mundo do trabalho seja mais comum e intensa entre estudantes do ensino superior do que a demonstrada entre aqueles que cursam o nível médio-técnico, pode ser aventada à luz do próprio momento de vida inerente a cada uma dessas etapas de formação. Para estudantes do ensino superior, ressalvadas particularidades de ordem social e econômica, as possibilidades de protelação da inserção profissional na área de formação são, por questões ligadas à idade, muito mais restritas do que os estudantes cursando o ensino médio, cujas preocupações em relação ao futuro profissional costumam geralmente estar mais relacionadas à escolha do curso superior do que propriamente à inserção profissional de curto prazo.

Ao me lançar na busca por auxiliar os estudantes dos cursos superiores a desenvolverem estratégias para o enfrentamento mais assertivo dos desafios inerentes à transição da formação acadêmica para o campo da atuação profissional, passo a me deparar com algumas lacunas de conhecimento inviabilizadoras do desenvolvimento de um trabalho satisfatório de orientação profissional e de carreira voltado a esse público. A primeira dessas lacunas dizia respeito a uma

precariedade da minha própria compreensão acerca das transformações contemporâneas do mundo do trabalho. Se, como sabemos, é sempre inevitável que transições no âmbito da carreira impliquem algum nível de ansiedade inerente às instabilidades típicas de qualquer processo que envolva deslocamentos identitários, o que dizer de transições que ocorrem no contexto de uma realidade sociolaboral marcadamente mutante, como a atual?

Mas esta estava longe de ser a principal lacuna, mesmo porque não só a Psicologia como outras áreas das Ciências Humanas e Sociais vêm já há algum tempo produzindo análises que auxiliam na compreensão das dimensões psíquicas, sociológicas, políticas, econômicas e culturais envolvidas nas transformações contemporâneas no mundo do trabalho (Antunes, 2009, 2015; Maciel, 2021, Ribeiro, 2014). A segunda e mais decisiva lacuna tinha a ver com a dificuldade em compreender os impactos dessas transformações nas diferentes áreas de atuação profissional bem como nos diferentes segmentos e modalidades de carreira. O que efetivamente sabemos, por exemplo, a respeito das repercussões das mudanças no mundo do trabalho sobre as condições de transição da graduação em Psicologia para a atuação profissional como psicólogo? A menção que aqui faço à área da Psicologia não é fortuita, afinal, como bem lembram Costa e Yamamoto (2010, p. 9), “não é rara a alusão ao fato de que a Psicologia é uma das profissões que mais estuda e discute seus rumos, no Brasil”. Ainda assim é importante insistir: até que ponto a temática da transição da graduação para o universo da atuação é problematizada no âmbito dos estudos acerca da atuação profissional do psicólogo? E quanto a outras áreas com menor tradição de pesquisa sobre as condições de trabalho de seus profissionais, o que temos efetivamente de produções que ajudam a compreender o fenômeno da transição da formação acadêmica para o mundo da vida profissional?

Essa breve contextualização acerca de como se deu meu encontro com as problemáticas situadas na interface entre formação acadêmica e atuação profissional é necessária para explicar as circunstâncias sob as quais me aproximei do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPG-Psi/UFGM) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFGM). Foi com um misto de surpresa e entusiasmo que, meses antes de me candidatar a uma vaga nesse programa, soube haver no corpo docente do departamento de Psicologia da UFGM um pesquisador interessado em estudar a temática da carreira sob a ótica do acompanhamento de egressos do ensino superior. Em linha com muitas das inquietações que permeavam a minha atuação profissional desde que me tornei psicólogo na área educacional, descobri que o Professor Sérgio Dias Cirino, que viria a se tornar o orientador desta tese, coordenava um grupo de estudos e pesquisa (o

“*ALUMNI - Grupo transdisciplinar de Estudos sobre Carreira e Egressos*”¹) interessado em acolher discussões e investigações em torno da temática da trajetória de egressos do ensino superior.

A aprovação no processo seletivo para ingresso no Doutorado em Psicologia, no segundo semestre de 2019, e o envolvimento que passei a ter desde então com atividades ligadas ao *Alumni* me oportunizaram estabelecer interlocuções com estudos interessados em se debruçar sobre a temática do acompanhamento de egressos. Antes mesmo do início oficial das aulas do doutorado, tive contato com uma coletânea, à época recém-publicada, de trabalhos conduzidos por pesquisadores, vinculados à UFMG, sobre a trajetória de egressos de cursos ofertados pela universidade (Las Casas, Cunha, & Queiroz, 2019).

A menção ao contato com essa obra é relevante dada a importância do papel que desempenhou na construção da minha percepção acerca do campo de problematização no qual, mesmo sem me dar conta, eu já estava imerso desde que me interessei por estudar questões relativas à construção de trajetórias após a titulação acadêmica. Deparar-me com a diversidade temática e teórica constitutiva de uma compilação de pesquisas com egressos de diferentes áreas de formação foi o estímulo definitivo que faltava para me convencer da existência de um campo de investigação com enorme potencial de contribuição para as discussões produzidas na interface entre educação superior e mundo do trabalho: o campo das pesquisas sobre egressos do ensino superior.

Ao perceber que muito pouco ainda havia sido produzido no Brasil em termos de reflexões sobre o desenvolvimento de pesquisas a respeito dessa temática – somado à constatação de que, para além da aludida coletânea de estudos com egressos da UFMG, era possível encontrar uma variedade considerável de trabalhos com interesses congêneres desenvolvidos em diferentes instituições brasileiras ao longo dos últimos anos – tornou-se para mim uma meta de investigação conhecer um pouco mais sobre o que naquele momento estava claro para mim se tratar de um campo de pesquisa ainda em construção no nosso país. Os dois primeiros anos do doutoramento foram dedicados a levantar e analisar pesquisas desenvolvidas com egressos do ensino superior, visando a uma compreensão a respeito de como esses estudos vinham sendo realizados, com quais objetivos, a partir da interlocução com quais referenciais teóricos e quais as principais contribuições vinham oferecendo para o avanço nas discussões em torno das temáticas exploradas.

¹Maiores informações sobre o *Alumni* podem atualmente ser encontradas em <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8186208088718199>.

A partir do momento em que esse desafio se tornou o principal objetivo da fase inicial do trabalho, o enquadre da pesquisa empírica que seria desenvolvida na sequência passou a ser por mim considerado uma questão de importância secundária. Isso porque, após quase dois anos de trabalho ininterrupto analisando pesquisas com egressos do ensino superior, saí com a convicção que seria imprescindível conseguir produzir uma investigação capaz de apresentar uma alternativa ao que constatei como a principal fragilidade dos estudos produzidos sobre egressos no Brasil, a saber, a baixa consistência teórica das análises empreendidas. Os fundamentos que subsidiam essa constatação estão apresentados no primeiro dos três estudos que compõem esta tese, o qual teve a sua primeira versão já apresentada no texto produzido por ocasião do exame de qualificação.

A propósito do exame de qualificação, aliás, cabe também salientar a sua para a definição dos rumos assumidos pela etapa empírica da pesquisa que veio a ser desenvolvida nos dois anos finais do doutoramento. Tive o privilégio de poder contar na banca examinadora com a participação de dois interlocutores fundamentais para a estruturação dos delineamentos teóricos e analíticos da pesquisa tal qual ela foi planejada e executada. Começo mencionando a Professora Andrea Knabem, com cuja tese de doutoramento tive a grata satisfação de me deparar no momento em que fazia a revisão da literatura de estudos produzidos com egressos do ensino superior no Brasil (Knabem, 2016). A leitura do trabalho empreendido pela Professora Andrea trouxe inspirações importantes para construção desta pesquisa ao evidenciar: a relevância de se ancorar a investigação em uma perspectiva teórica bem estabelecida, capaz de oferecer coerência e consistência analítica ao material empírico – algo quase sempre negligenciado no âmbito das pesquisas com egressos produzidas no Brasil; a pertinência em se trabalhar com a articulação entre dimensões objetivas e subjetivas na investigação das trajetórias profissionais de egressos do ensino superior; e a conveniência da interlocução das pesquisas de egressos com os estudos sobre carreira.

A segunda participação honrosa na composição da banca foi a do Professor Marcelo Afonso Ribeiro, orientador da aludida tese da Professora Andrea Knabem e autor do principal referencial que dá sustentação à abordagem teórica adotada por esta pesquisa. Como ficará explícito no decorrer da leitura da presente tese, algumas formulações conceituais presentes na obra do Professor Marcelo, como “carreira psicossocial”, “trajetórias de vida de trabalho” e “construções identitárias”, foram de suma importância para dar consistência analítica a esta investigação. Ademais, a decisão por se abordar psicossocialmente as trajetórias dos egressos, com todas as implicações relativas aos procedimentos de coleta e análise dos dados, tem na

proposta de abordagem psicossocial da carreira elaborada por Ribeiro (2014) a sua base principal de inspiração.

O primeiro dos três estudos que compõem esta tese cumpre, dentro do escopo mais amplo da pesquisa, uma função de abrigar teoricamente o desenvolvimento de uma análise sobre trajetórias de egressos do ensino superior a partir dos preceitos de uma abordagem psicossocial de investigação. A necessidade de elaborar este referencial adveio da constatação de que não havia no âmbito da literatura brasileira sobre egressos do ensino superior nenhuma formulação que pudesse dar sustentação à produção de uma pesquisa com essas características. A ideia que guiou a proposição do desse estudo inicial (Estudo 1) era de que ele poderia servir de base não só para a produção da pesquisa que dá sustentação a esta tese, mas para qualquer outra investigação que se interessasse em produzir análises da trajetória de egressos do ensino superior a partir de uma perspectiva centrada na noção de indissociabilidade entre aspectos sociais e subjetivos.

É precisamente em razão da construção desse estudo inicial, que estabelece os pilares para a proposição de uma pesquisa teoricamente bem fundamentada sobre trajetórias de egressos do ensino superior, que, como já indicado anteriormente, a escolha do enquadre investigativo da tese passou a ter uma importância secundária no escopo mais amplo do trabalho. Não se deve entender com essa declaração nenhuma forma de desprestígio em relação às decisões que foram tomadas posteriormente à conclusão do primeiro estudo, e sim o reconhecimento de que o estabelecimento de um solo teórico consistente para abrigar uma investigação capaz de alcançar as dimensões objetivas e subjetivas que permeiam a construção das trajetórias de egressos foi a realização crucial para viabilizar a estruturação da fase empírica da pesquisa, que poderia ser realizada indiferentemente com egressos de diferentes cursos ou modalidades de ensino superior.

A despeito do projeto inicial de ingresso no doutorado trazer uma proposta de investigação sobre a carreira de egressos de cursos de graduação em Psicologia, no decorrer do próprio trabalho de revisão de literatura ficou evidenciado a incipiência de problematizações mais aprofundadas sobre a carreira de egressos da pós-graduação *stricto sensu* brasileira. A propósito, a agenda das pesquisas desenvolvidas no âmbito do Alumni no momento em que essa questão do enquadre investigativo entrou no horizonte das decisões que precisariam ser tomadas para a continuidade da tese estava bastante voltada à produção de análises sobre trajetórias de egressos da própria pós-graduação em Psicologia da UFMG. Em face dessas circunstâncias, fui paulatinamente me convencendo da relevância em eleger como público-alvo da pesquisa os egressos do próprio programa de formação ao qual eu estava vinculado.

O contato com os resultados proporcionados pela dissertação de mestrado produzida por Laurent Frank Junior Charles, intitulada “Formação acadêmica e mercado de trabalho: destinos profissionais de doutores em Psicologia”, defendida em 2020, evidenciou para mim ainda mais as contribuições que uma abordagem psicossocial de investigação poderia trazer ao campo dos estudos sobre egressos do ensino superior. Em síntese, a pesquisa conduzida por Charles (2020), no que pese a relevância de conseguir sistematizar informações a respeito de aspectos objetivos das trajetórias dos egressos, sobretudo acerca dos destinos profissionais pós-titulação, não alcança – e nem era este o objetivo da pesquisa – a dimensão subjetiva das experiências de construção e reconstrução da carreira provocadas pelo doutoramento. Não se quer dizer com essa observação que essa seria a única maneira possível, ou mesmo a forma ideal de se analisar as trajetórias socioprofissionais de egressos do ensino superior, mas sim uma alternativa profícua para se focar aspectos impossíveis de serem abrangidos por uma abordagem metodológica de caráter quantitativo.

Nesse sentido, é importante salientar que a presente tese ocupa, em relação ao trabalho preliminar desenvolvido por Charles (2020), uma posição de complementariedade, e não de antagonismo. Não se trata de antagonizar as vantagens de uma abordagem psicossocial de investigação da trajetória de egressos do ensino superior em contraposição a outras perspectivas de investigação de caráter mais objetivo (estatístico ou quantitativo), mas sim de demarcar as distinções em relação aos aspectos alcançados por cada um desses diferentes modos de abordar as trajetórias das pessoas investigadas.

É oportuno tecer algumas considerações a respeito do formato escolhido para estruturação do texto, uma vez que este, como sucintamente apontado no início da apresentação, não segue o convencional modelo segmentado por capítulos. Aqui optei por uma sistematização em três estudos independentes, em uma formatação correspondente a três artigos científicos². A opção por esse formato de estruturação, ao invés do tradicional modelo monográfico, ancora-se na premissa de que a divulgação dos resultados da pesquisa, mediante a utilização de gêneros textuais com maior potencial de difusão (como artigos ou capítulos de livros) tende a favorecer não só uma maior circulação como uma maior acessibilidade das contribuições das pesquisas produzidas no âmbito da pós-graduação *stricto sensu* (Nassi-Calò, 2016).

² É importante salientar que essa modalidade de apresentação é prevista e autorizada pelo Regulamento dos Cursos de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

O Estudo 1 traz, como já sinalizado, uma articulação teórico-conceitual com vistas a fundamentar uma abordagem psicossocial de investigação sobre a trajetória de egressos do ensino superior. Tal articulação se estabelece a partir da interlocução com referenciais do campo dos estudos sobre carreira, nomeadamente a abordagem psicossocial da carreira proposta por Marcelo Afonso Ribeiro (2014, 2017). Esse primeiro estudo, intitulado “Trajetórias de egressos do ensino superior: elementos para uma abordagem psicossocial”, foi submetido para avaliação no periódico *Quaestio - Revista de Estudos em Educação*, do qual recebeu parecer favorável para publicação, encontrando-se no momento em trabalho de editoração.

O Estudo 2, intitulado “Decisões e direcionamentos da carreira após o doutoramento: um estudo com egressos de um doutorado em Psicologia”, apresenta uma parte dos resultados proporcionados pelo trabalho de campo desta pesquisa. Enfoca, como sugere o título, os fatores que permeiam as decisões de carreira tomadas pelos doutores em Psicologia após concluída a titulação doutoral. Para além da interlocução com a abordagem psicossocial da carreira, esse estudo dialoga também com a perspectiva biográfica de análise da trajetória de doutores proposta por Lynn McAlpine e Cheryl Amundsen (McAlpine & Amundsen, 2016, 2018; McAlpine, Amundsen, & Turner, 2014). Com imensa satisfação, fui convidado a endereçar o texto desse segundo estudo da tese para integrar como capítulo o segundo volume da coletânea “UFMG Pesquisa Egressos”, que está prevista para ser publicada em formato de *ebook* pela Editora Dialética³.

O Estudo 3 é um artigo que tem como título “Impactos psicossociais do doutorado sobre a carreira: uma análise a partir das narrativas de doutores em Psicologia”. Assim como o segundo estudo, o Estudo 3 resulta de um recorte do trabalho analítico dos dados produzidos pela pesquisa. Tem como ênfase temática central os sentidos que os sujeitos investigados atribuem aos impactos do doutoramento sobre as suas carreiras e em que medida consideram que a formação doutoral repercute em suas trajetórias de vida de trabalho nos diferentes contextos de atuação profissional nos quais se inserem, seja na esfera de atuação acadêmica ou fora dela. O artigo gerado a partir dos resultados desse terceiro estudo da tese vem sendo trabalhado para um endereçamento direcionado a um periódico nacional que acolha discussões a respeito da pós-graduação *stricto sensu* brasileira.

Nota-se, portanto, que cada um dos três estudos constituintes da tese cumpre no escopo mais amplo do trabalho uma função específica; o primeiro estudo cumpre o papel de estabelecer

³ Também no caso do texto referente ao Estudo 2, cabe um esclarecimento quanto à diferença de padronização da formação entre a versão apresentada na tese e a versão apresentada na coletânea, tendo em vista a opção da Editora Dialética em seguir a normatização da ABNT.

as bases teórico-conceituais da pesquisa enquanto os estudos 2 e 3 o de apresentar os resultados oriundos do trabalho de campo. Dada a especificidade dos objetivos de cada estudo, os métodos empregados para coleta, análise e sistematização dos resultados foram também distintos. O primeiro estudo se constituiu a partir de uma revisão crítica da literatura brasileira sobre as pesquisas com egressos, ao passo que os dois estudos que congregam os resultados empíricos da investigação ancoram-se em dados provenientes da realização de entrevistas semiestruturadas com quatorze egressos do doutorado em Psicologia da UFMG.

Ao final da tese, a título de fechamento do trabalho, consta um texto com as considerações finais da pesquisa (Epílogo) e, na sequência, nas seções Apêndices e Anexos, são apresentados documentos produzidos por ocasião da realização do trabalho de campo e que favorecem uma maior compreensão sobre aspectos práticos da execução da pesquisa. Dentre esses documentos, cabe uma especial menção a um texto produzido sobre a minha relação, na condição de pesquisador, com os sujeitos da investigação (Apêndice 1). Trata-se de um texto descritivo, com características e finalidades incompatíveis com as demais seções que compõem esta tese, mas que considere importante divulgar como uma contribuição a pesquisadores que se interessem em produzir estudos com egressos do ensino superior.

Referências

- Antunes, R. (2009). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo.
- Antunes, R. (2015). *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez.
- Charles, L. F. J. (2020). *Formação acadêmica e mercado de trabalho: destinos profissionais de doutores em Psicologia*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Gergen, K. (1985). The social constructionist movement in modern Psychology. *American Psychologist*, 3(40), 266-275. doi: 10.1037/0003-066X.40.3.266
- Knabem, A. (2016). *Construção da carreira em egressos do ensino superior público: trajetórias e projetos de vida de trabalho*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Las Casas, E. B., Cunha, D., & Queiroz, T. (Orgs.) (2019). *UFMG pesquisa egressos*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

- Maciel, F. (2021). *A nova sociedade mundial do trabalho: para além de centro e periferia?* 2 ed. Rio de Janeiro: Autografia.
- McAlpine, L., & Amundsen, C. (2016). *Post-PhD Career trajectories: intentions, decision-making and life aspirations*. Londres: Londres: Palgrave Macmillan.
- McAlpine, L., & Amundsen, C. (2018). *Identity-trajectories of early career researches: unpacking the Post-PhD Experience*. Londres: Palgrave Macmillan.
- McAlpine, L., Amundsen, C., & Turner, G. (2014). Identity-trajectory: reframing early career academic experience. *British Educational Research Journal*, 40(6), 952-869. doi: 10.1002/berj.3123
- Nassi-Caló, L. (2016). Teses e dissertações: prós e contras dos formatos tradicional e alternativo. *Scielo em perspectiva*. Recuperado de <https://blog.scielo.org/blog/2016/08/24/teses-e-dissertacoes-pros-e-contras-dos-formatos-tradicional-e-alternativo/>
- Pimentel, R. G. (2007). *“E agora, José?”: jovens psicólogos recém formados no processo de inserção profissional no mercado de trabalho*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, MG, Brasil.
- Ribeiro, M. A. (2014). *Carreiras: novo olhar socioconstrucionista para um mundo flexibilizado*. Curitiba: Juruá.
- Ribeiro, M. A. (2017). Psicossocial: *continuum* ontológico do processo relacional. In N. da Silva Júnior, & W. Zangari (Orgs.), *A Psicologia Social e a questão do hífen* (pp. 263-277). São Paulo: Blucher.
- Spink, M. J. P. & Menegon, V. M. (1999). A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In M. J. Spink (Org.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano - aproximações teóricas e metodológicas* (pp. 63-92). São Paulo: Cortez.
- Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2004). Estou me formando... e agora?: Reflexões e perspectivas de jovens formandos universitários. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5(1), 47-62. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902004000100005&lng=pt&tlng=pt.
- Yamamoto, Oswaldo H., & Costa, A. L. F. (2010). Apresentação. In O. H. Yamamoto, & A. L. F. Costa. *Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil* (pp. 9-13). Natal, RN: EDUFRN.

ESTUDO 1

TRAJETÓRIAS DE EGRESSOS DO ENSINO SUPERIOR: ELEMENTOS PARA UMA ABORDAGEM PSICOSSOCIAL

Introdução

A expansão do acesso à educação de nível superior e as constantes transformações no cenário produtivo, processadas principalmente ao largo das últimas cinco décadas e com repercussões mais ou menos acentuadas em praticamente todo o mundo globalizado, suscitam questões das mais diferentes ordens ao campo dos estudos produzidos na interface entre educação e mundo do trabalho. Pensar a função social das instituições de ensino superior (IES), no que tange à sua missão de formar trabalhadores, torna-se uma tarefa das mais desafiadoras, sobretudo levando-se em consideração a heterogeneidade com que as recentes transformações sociais, políticas, econômicas e tecnológicas atingem os diferentes contextos de trabalho e áreas de atuação.

O desenvolvimento de pesquisas dedicadas a acompanhar a trajetória de egressos⁴ do ensino superior apresenta-se, nesse contexto, como uma salutar estratégia para a produção de conhecimentos voltados à compreensão do processo de reconfiguração da relação entre educação e trabalho. Como abordaremos no decorrer do presente artigo, as pesquisas de egressos vêm cumprindo desde meados dos anos 1960, no contexto europeu, e muito timidamente a partir dos anos 1980, no Brasil (Paul, 2015), um importante papel no fornecimento de informações que ajudam a compreender aspectos da dinâmica de transição da formação acadêmica para o mercado de trabalho, bem como do nível de adequação da formação ofertada pelas IES perante às demandas encontradas pelos egressos no âmbito da atuação profissional.

O presente artigo se estrutura em torno de dois objetivos principais. O primeiro é apresentar um panorama do desenvolvimento do campo das pesquisas de egressos do ensino superior, com especial enfoque na análise sobre as características assumidas pelas iniciativas produzidas no contexto acadêmico brasileiro. O exame panorâmico da literatura nacional

⁴ No âmbito deste trabalho, optamos por trabalhar com a definição de “egresso” presente em Coelho (2009), segundo a qual egresso(a) é a pessoa que saiu de uma instituição de ensino após a conclusão dos estudos, amparado por uma certificação ou um diploma que atesta formalmente essa conclusão. Essa definição mais específica, portanto, exclui o caso de estudantes evadidos, isto é, que deixaram a instituição de ensino por algum motivo que não a conclusão do curso, seja por decisão própria ou em decorrência de procedimentos administrativos.

relativa a essa temática nos proporcionou constatar a incipiência de estudos que se dedicam a analisar as trajetórias de egressos do ensino superior sob a ótica da articulação entre as dimensões objetivas e subjetivas que permeiam os percursos construídos pelos sujeitos. Contribuir para a superação dessa lacuna nos conduz ao segundo objetivo deste artigo, qual seja, o de chamar a atenção para a proficuidade de uma abordagem psicossocial para o desenvolvimento de estudos sobre a trajetória de egressos do ensino superior e apresentar algumas ferramentas teórico-conceituais capazes de subsidiar a construção de análises guiadas com base nesse enfoque.

1. Emergência e configuração do campo de estudos sobre egressos do ensino superior

Em âmbito internacional, o aparecimento das primeiras pesquisas desenvolvidas com egressos de cursos de ensino superior ocorreu nos anos 1960, no contexto de países com sistemas de educação superior mais consolidados, como Inglaterra, Alemanha, França e Itália. É preciso circunstanciar o interesse pela realização dessas pesquisas pioneiras ao desencadeamento de uma série de processos que impactaram fortemente os debates sobre a relação entre educação e formação para o trabalho, dentre os quais, em especial, o crescimento do número de matrículas no ensino superior e as transformações estruturais no sistema produtivo (Paul, 2015, Shomburg & Teichler, 2005, 2006).

Tratando da conjuntura na qual as primeiras pesquisas de egressos foram desenvolvidas, Shomburg e Teichler (2006) elucidam que os estudos produzidos na década de 1960 ocorreram em um cenário marcado tanto pela ampliação do acesso ao ensino superior como também pela esperança de que essa ampliação pudesse contribuir para o crescimento econômico e a redução das desigualdades sociais, tal como sustentado pela Teoria do Capital Humano⁵. Temas como o futuro da demanda e da oferta de mão de obra, retornos dos investimentos educacionais, padrões de mobilidade ocupacional, impactos da origem social sobre a realização educacional, dentre outros, ocuparam a atenção de pesquisadores que descobriram no acompanhamento das trajetórias de egressos uma rica fonte de investigação sobre a relação entre ensino superior e trabalho.

Na década de 1970, a agenda de investigação sobre a trajetória profissional de egressos do ensino superior foi fortemente influenciada pelas discussões em torno da problemática da sobreeducação (ou *overeducation*), preocupada em examinar em que medida, diante da

⁵ A Teoria do Capital Humano, proposta inicialmente por Gary Becker, tem como premissa central a tese do impacto positivo da educação formal na renda dos trabalhadores e nas chances destes obterem e manterem-se empregados (empregabilidade).

estagnação da criação de novos postos de trabalho, a ampliação do acesso à formação de nível superior não poderia acarretar um descompasso entre a qualificação da mão de obra e a capacidade do mercado de trabalho em absorver um maior contingente de trabalhadores titulados. Após um significativo arrefecimento na produção de pesquisas de egressos na década de 1980, o interesse por essa área de investigação volta a crescer a partir de meados dos anos 1990, quando novas problematizações, tais como as elencadas a seguir, passam a se impor como presentes no campo dos debates a respeito da função social da educação superior:

o crescimento da velocidade e da rotatividade de conhecimentos exigidos nos empregos, as dramáticas mudanças estruturais da força de trabalho na esteira da introdução de novas tecnologias e novos conceitos de gestão, os processos de globalização e europeização da economia e da sociedade, a rápida massificação da educação superior desde meados dos anos 1980 em muitas sociedades industriais, o crescimento do desemprego, o declínio da transparência e continuidade das carreiras etc. (Shomburg & Teichler, 2006, p. 3-4, tradução nossa).

As primeiras pesquisas de egressos eram comumente conduzidas por economistas e sociólogos interessados nos debates sobre as transformações nos sistemas de ensino superior ou em compreender as evoluções do mercado de trabalho. Pouco a pouco, contudo, as preocupações com as problemáticas geradas pelo desemprego e pela instabilidade social do trabalho começaram a extrapolar as fronteiras disciplinares dos estudos de base sociológica e econômica, o que diversificou o conjunto de especialidades que passaram a se interessar pela produção de estudos dedicados a tomar a trajetória de egressos do ensino superior como objeto de investigação (Shomburg & Teichler, 2005). Além do mais, não demorou para que centros estatísticos governamentais e sistemas autônomos nacionais de monitoramento da qualidade da formação de nível superior descobrissem, no acompanhamento de egressos, uma rica fonte de informações para subsidiar as finalidades de avaliação e *accountability* com relação a recursos alocados e políticas educacionais implementadas (Paul, 2015)⁶.

Em um artigo dedicado a comparar as experiências brasileiras e estrangeiras de práticas de acompanhamento de egressos, Paul (2015) apresenta um conjunto ilustrativo de exemplos de iniciativas em alguns países europeus, como França, Itália, Alemanha e Inglaterra, dedicadas à elaboração de sistemas de acompanhamento da trajetória acadêmica e profissional de titulados no ensino superior. Trata-se de sistemas de acompanhamento que, a despeito das diferenças que

⁶ Estamos de acordo com Dias e Nunes (2017) sobre a importância de se diferenciar pesquisas de egressos e acompanhamento de egressos. Enquanto o acompanhamento de egressos diz respeito ao desenvolvimento de sistemas institucionalizados de monitoramento e armazenamento de informações sobre os egressos (de uma IES específica ou de um sistema nacional de educação superior), as pesquisas de egressos são iniciativas de investigação científica conduzidas por pesquisadores não necessariamente vinculados a sistemas de acompanhamento de egressos, não como objetivo, portanto, a geração de informações para a alimentação de bancos de dados.

guardam entre si, possibilitam a construção de amplos bancos de dados que facilitam sobremaneira a sistematização de informações a respeito dos destinos e itinerários assumidos pelos egressos. A esse respeito, cabe destacar que, no Brasil, as pesquisas que procuram analisar a situação profissional de egressos a partir de levantamentos em larga escala, tais como as que são realizadas no contexto europeu a partir dos sistemas de acompanhamento de egressos citados por Paul (2015), necessitam recorrer a cruzamentos nem sempre tão abrangentes entre bases de dados com objetivos muito específicos⁷.

Estima-se que as primeiras pesquisas de egressos realizadas no Brasil tenham ocorrido na década de 1980. Já quanto às experiências institucionalizadas de acompanhamento de egressos, só recentemente (a partir da primeira década do século XXI) tem sido possível notar uma maior preocupação por parte das IES em desenvolverem mecanismos de sistematização de informações a respeito de seus ex-alunos (Paul, 2015).

Paul (2015) chama a atenção para a proliferação, nos últimos anos, dos chamados “portais do egresso”, no âmbito de inúmeras IES. A partir de uma busca em sites da internet, o autor chega a identificar 32 instituições de ensino superior que possuem o seu “portal do egresso”. Por já dispormos de quase uma década desde a realização desse levantamento, é de se supor que outros portais tenham sido criados desde então. Convém também alertar que esse número poderia ser ainda maior desde que fossem levadas em consideração iniciativas isoladas de faculdades ou departamentos específicos dentro de algumas IES. Em todo caso, o mais importante de ser indagado a respeito dessas iniciativas é em que medida elas estariam a nos indicar um crescimento, no Brasil, da consciência sobre a importância de se acompanhar a trajetória dos egressos de cursos superior. Seria seguro afirmar que o crescimento de iniciativas voltadas a estabelecer estratégias de acompanhamento de egressos é uma expressão do aumento da consciência, por parte dos gestores e agentes educacionais brasileiros, acerca da importância do acompanhamento dos ex-alunos como ferramenta de controle e avaliação da qualidade do ensino ofertado pelas IES?

Para analisar essa questão, é oportuno considerar o papel cumprido pelos portais de egressos no contexto da atual política de avaliação da educação superior brasileira. O vigente

⁷ É o que podemos observar em trabalhos como os de Vieira (2020), Vaz e Vaz (2020) e Zuccarelli (2020), os quais, para analisarem aspectos da transição universidade-mercado de trabalho e da inserção profissional dos egressos do ensino superior brasileiro, recorrem ao cruzamento de informações constantes no banco de dados de estudantes avaliados pelo Enade (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes) com dados da plataforma RAIS (Relação Anual de Informações Sociais). Uma das limitações importantes desse cruzamento se refere ao fato da plataforma RAIS somente dispor de dados de trabalhadores do mercado formal, deixando de fora uma série de outras modalidades de ocupações não incluídas nesse tipo de vínculo com o trabalho.

Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) foi instituído pela Lei n. 10.861 (2004). O objetivo da criação do SINAES foi o de disciplinar o processo nacional de avaliação das IES brasileiras, dos cursos de graduação e do desempenho acadêmico de seus estudantes. No mesmo ano de publicação da referida lei, o Ministério da Educação (MEC) lançou um roteiro de orientação para subsidiar os trabalhos das Comissões Próprias de Avaliação (CPAs) no âmbito das IES, as quais passariam a ter a partir daquele ano suas primeiras avaliações realizadas em conformidade com o recém-criado SINAES (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2004). Ao detalhar cada uma das dimensões institucionais estabelecidas pelo SINAES a serem obrigatoriamente consideradas nas avaliações das IES, o roteiro elaborado pelo MEC atribui especial destaque ao acompanhamento que as instituições deveriam fazer de seus egressos (indicadores de atuação profissional, mecanismos para conhecer a opinião dos egressos sobre a formação recebida, mecanismos para conhecer a opinião dos empregadores sobre os egressos da instituição avaliada etc.), tornando-se este um elemento que passa a ser ponderado (e pontuado) na avaliação institucional e dos cursos.

Ao analisar os mecanismos de coletas de dados que subsidiam os portais de egressos no Brasil – muitos dos quais criados como uma forma de atender aos requisitos previstos na política nacional de avaliação da educação superior – Paul (2015) aponta uma série de fragilidades que vão desde aspectos mais operacionais e metodológicos, como a qualidade dos instrumentos de coleta de informações ou o pouco cuidado na divulgação dos resultados, até aspectos mais sistêmicos e conceituais a respeito do entendimento e da concepção sobre a importância do acompanhamento de egressos. Essas inconsistências levam o autor a presumir que o crescimento das iniciativas de acompanhamento de egressos no Brasil, expresso pela proliferação dos portais de egressos, não estaria necessariamente a indicar o advento, no país, de uma tomada de consciência sobre a importância estratégica da contribuição das informações prestadas pela análise da trajetória dos ex-alunos para a melhoria da qualidade da formação ofertada pelas IES. Na maior parte dos casos, adverte o autor, os portais deixam transparecer que foram desenvolvidos com um propósito meramente protocolar, para atender às demandas das autoridades encarregadas das avaliações e creditações das IES.

Nessa mesma direção, caminham as conclusões apresentadas por Andriola (2014) ao problematizar a cultura do acompanhamento de egressos nas IES brasileiras. O autor também chama a atenção para a escassez de iniciativas concretas por parte dessas instituições em consolidarem sistemas que efetivamente consigam atrair a colaboração dos egressos e reunir informações consistentes a respeito de suas trajetórias. Mesmo quando existentes, são poucos,

segundo o autor, os sistemas cujas metodologias adotadas possibilitam uma análise mais aprofundada das dimensões relacionadas aos reais impactos da formação sobre a trajetória profissional dos estudantes.

Com base nessas considerações, uma das conclusões possíveis é a de que não dispomos ainda, no contexto brasileiro, de uma convicção consolidada a respeito da importância da produção de iniciativas voltadas ao acompanhamento de egressos do ensino superior. De fato, essa constatação não deixa de ter a sua parcela de plausibilidade, sobretudo se tomarmos como parâmetro as experiências internacionais destacadas por Paul (2015). No entanto, é necessário observar que as experiências de acompanhamento de egressos não se restringem ao estabelecimento de portais e sistemas desenvolvidos pelas próprias IES.

Saindo da seara das iniciativas institucionais de acompanhamento de egressos e tomando-se em consideração a literatura acadêmica nacional das pesquisas produzidas com egressos do ensino superior, nota-se uma situação um pouco mais promissora quanto ao reconhecimento da relevância de analisar as trajetórias de estudantes após a titulação. Um atento levantamento bibliográfico sobre a temática dos egressos do ensino superior brasileiro atesta a existência de inúmeras iniciativas independentes de investigação sendo conduzidas no âmbito do contexto acadêmico nacional, dando corpo a uma significativa literatura constituída por livros, teses, dissertações e artigos científicos dedicados a apresentar resultados de investigações empíricas conduzidas com egressos de diferentes áreas de formação.

Uma discussão mais aprofundada acerca das características de parte dessa produção nacional sobre egressos do ensino superior será objeto do tópico seguinte deste texto. Cabem aqui, entretanto, algumas considerações a respeito de como aparece, nos trabalhos produzidos em solo brasileiro, a justificativa sobre a relevância de pesquisar egressos. Afinal, quais as razões alegadas pelos pesquisadores brasileiros para justificar a importância de se tomar egressos do ensino superior como alvos de pesquisa? Para responder a essa pergunta, procedemos a uma análise de diferentes trabalhos sobre egressos do ensino superior com o intuito de examinar a justificativa comumente alegada pelos pesquisadores para se recorrer a essa estratégia. Desse exame, verificamos que três vertentes de argumentação se destacam, todas elas reveladoras de alternativas que as pesquisas de egressos oferecem à produção de conhecimentos relacionados a problemáticas presentes no campo da educação superior.

A primeira dessas vertentes dialoga com as discussões em torno da temática da avaliação do ensino superior (Andriola, 2014, Coelho & Oliveira, 2012, Meira & Kurcgant, 2009, Vasconcelos & Pereira, 2015). Os estudos que se alinham a essa tendência tomam a avaliação como um mecanismo indispensável para o monitoramento e aprimoramento da qualidade da

formação ofertada pelas IES, bem como uma prática que tende a favorecer o aumento da transparência das realizações institucionais tanto para a comunidade universitária como para a sociedade de uma maneira geral. A averiguação da opinião dos egressos a respeito da formação por eles recebida é tida como uma das diferentes estratégias para se garantir um processo mais efetivo e abrangente de avaliação.

Os estudos que adotam essa perspectiva partem da premissa de que o egresso enfrenta, no seu cotidiano de trabalho, situações complexas, que o levam a confrontar as competências desenvolvidas durante o curso com as requeridas no cotidiano da atuação profissional. De posse dessas informações, torna-se possível para as IES avaliarem a adequação da estrutura pedagógica do curso, assim como analisar a presença de aspectos intervenientes no processo de formação acadêmica.

A segunda vertente, também alinhada a uma perspectiva avaliativa, chama a atenção para as contribuições dos estudos de egressos para a avaliação de programas e políticas públicas na área educacional (Amaral & Oliveira, 2011, Dazani & Lordelo, 2012, Lima, Jesus, Oliveira, & Gomes, 2019), Lordelo, Oliveira, Argolo, & Andrade, 2012; Pires, 2009, Vargas 2011). Nesse caso, busca-se enaltecer a relevância da avaliação de programas sociais e educacionais como um mecanismo de regulação social da ação pública. Dentre programas educacionais voltados ao ensino superior dos quais encontramos egressos estudados, cabe citar o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), programas vinculados a políticas de ação afirmativa para ingresso e permanência no ensino superior, dentre outros.

Os estudos dedicados a estudar os impactos de políticas educacionais estão geralmente interessados em garantir a aferição da eficiência e do valor público da ação pleiteada pelos programas. Quanto ao reconhecimento da importância das pesquisas de egressos, pesquisadores interessados na avaliação de programas educacionais salientam que as trajetórias de estudantes que se beneficiaram de políticas públicas específicas no decorrer de sua formação devem ser tomadas como fontes privilegiadas de informações a respeito do quão bem-sucedidas tais iniciativas têm sido em termos de suas condições de alcance, efeitos e capacidade de produzir transformações (Dazzani & Lordelo, 2012).

Por fim, a terceira das vertentes identificadas condensa um conjunto de pressupostos a respeito da proficuidade das pesquisas de egressos como estratégia de aproximação com diferentes problemáticas que povoam a interface entre ensino superior e mundo do trabalho. Apesar da amplitude dessa vertente, cabe mencionar alguns dos temas que costumam ser enfocados pelos estudos que se alinham às suas características: transição da universidade para

o mundo do trabalho (Carneiro, Sampaio, Knabem, & Ribeiro, 2015, Mattosinho, Coelho, Meirelles, Souza, & Argenta., 2010), impactos materiais e simbólicos da formação de nível superior (Falcão, 2019, Ferreira & Abranches, 2018, Ferrugini & Castro, 2015, Oliveira, 2019), condições de inserção profissional e características do mercado de trabalho (Colenci & Berti, 2012, Furtado & Santiago, 2015, Vargas, 2019), escolhas profissionais e planejamento de carreira (Amorim, 2019, Souto & Paiva, 2013, Felicetti, 2018) e desenvolvimento de competências profissionais (Barrese, Bastoni, & Nogueira, 2017, Valadão Júnior & Rodrigues, 2012).

Como podemos notar, trata-se de um espectro bem amplo de possibilidades investigativas, o que sem dúvida justifica o crescimento do interesse pelas pesquisas de egressos do ensino superior no Brasil, especialmente levando-se em consideração o acirramento da complexidade que cada vez mais passa a caracterizar as intersecções entre educação e mundo do trabalho (Pochmann, 2012). Não obstante, dada a dificuldade de se encontrar, no âmbito da literatura nacional, estudos que se dedicam a refletir sobre aspectos conceituais e metodológicos das pesquisas de egressos, é possível afirmar estarmos ainda diante de um campo de investigação subexplorado por pesquisadores brasileiros. Além do mais, pouco se tem produzido em termos de revisões bibliográficas ou articulação de referenciais teórico-metodológicos capazes de subsidiar estudos com essa temática. Parte das motivações que nos levaram a produzir o presente trabalho está relacionada ao interesse de contribuir com a redução dessas lacunas.

2. Pesquisas de egressos do ensino superior no Brasil: um campo em construção

A literatura dedicada a tratar sobre as pesquisas de egressos no Brasil é bastante esparsa, estando registrada em livros, teses, dissertações, capítulos de livros, textos em anais de eventos e artigos em periódicos. Dada a amplitude e o volume do conjunto dessas publicações, uma apresentação minuciosa do estado da arte da produção acadêmica sobre egressos do ensino superior no Brasil demandaria a construção de um estudo à parte, fugindo, portanto, ao escopo do presente artigo. Em conformidade com os propósitos deste trabalho, concentrar-nos-emos em apresentar algumas características desse campo de estudos, tomando como base um recorte de pesquisas divulgadas por meio de artigos publicados em periódicos científicos nacionais nos 20 anos (2001-2020) que antecederam à elaboração deste levantamento.

Para tanto, procedemos inicialmente a um levantamento bibliográfico nas bases de dados *Scielo*, *Redalyc*, *Scopus*, *Pepsyc*, *SocIndex*, *Educ@* e *Web of Science*, valendo-nos do

cruzamento dos descritores “egressos” e “ensino superior”⁸. Em seguida, selecionamos somente pesquisas de caráter empírico, isto é, que se dedicaram a analisar a temática dos egressos mediante um delineamento de investigação centrado na coleta de dados sobre o perfil, os destinos e as trajetórias dos egressos de cursos de nível superior.

Com base nesses critérios, chegamos à seleção de 99 artigos⁹, dos quais nos dedicamos a analisar os resumos e os tópicos de introdução e metodologia. A análise dos estudos encontrados guiou-se pelas seguintes questões: como costumam ser realizados os estudos com egressos do ensino superior no Brasil? De que técnicas metodológicas se valem no processo de coleta de dados? De que temas geralmente tratam? Em que medida as pesquisas produzidas dialogam entre si? É possível falar na existência de um campo das pesquisas de egressos do ensino superior no Brasil?

Um primeiro aspecto a se destacar é que, independentemente do ponto de vista que levemos em conta (metodológico, teórico ou temático), o conjunto das pesquisas de egressos é caracterizado por uma marcante heterogeneidade. Trata-se de estudos realizados com egressos de diferentes áreas, sendo que algumas se destacam por serem contempladas por um volume maior de investigações: Enfermagem (13), Administração (12), Pedagogia ou Educação (8), Medicina (7), Ciências Contábeis (7), Cursos de Licenciatura (6), Educação Física (5), e Psicologia (3). Há também uma quantidade significativa de estudos (10) que não elegem uma área ou um curso específico para investigação, tomando ao mesmo tempo egressos de cursos diversos dentro de uma mesma IES ou de IES diferentes. Quanto ao nível de ensino, predominam largamente as pesquisas realizadas com egressos de cursos de graduação. Dos 99 artigos analisados, 69 (69,7%) foram desenvolvidos com egressos graduados, sendo o restante dividido entre 27 (27,3%) com egressos pós-graduados *Stricto Sensu*, dois com pós-graduados *Lato Sensu* (2%) e um que analisa conjuntamente egressos da pós-graduação *Stricto e Lato Sensu*.

⁸ Cabe ressaltar que o número de pesquisas localizadas poderia ser ainda maior desde que ampliássemos a busca mediante a utilização de outros descritores que geralmente aparecem associados às pesquisas de egressos de cursos de ensino superior, tais como “graduados”, “pós-graduados”, “formados”, “recém-formados”, etc. Optamos por nos ater somente à utilização do cruzamento desses dois descritores por já nos colocar em contato com um número de trabalhos suficiente para nos permitir cumprir um dos objetivos do presente estudo, que é o de traçar uma breve caracterização do campo das pesquisas de egressos no Brasil. Ademais, é preciso advertir que o não aparecimento do termo “egresso”, seja no título ou nas palavras-chave do trabalho, pode ter dificultado a captação de estudos que poderiam constar no levantamento ora apresentado.

⁹ A listagem das referências dos artigos catalogados por este levantamento pode ser consultada através do link: <https://scholar-tools.github.io/pesquisa.com.egressos/> e também está disponibilizada ao final desta tese, no Apêndice D.

Outra característica que chama a atenção é o crescimento de publicações relacionadas a essa temática nos últimos anos. A imensa maioria dos artigos identificados (80,8%) foram publicados nos dez anos que antecederam à elaboração deste artigo, isto é, entre 2011 e 2020. Essa constatação nos permite inferir estarmos diante de um campo em franca expansão no cenário acadêmico nacional, pelo menos desde que levemos em consideração o aumento significativo, nos últimos anos, da produção de estudos empíricos interessados em analisar a temática egressos.

Do ponto de vista da abordagem metodológica adotada pelos estudos, as pesquisas quantitativas predominam em relação às qualitativas e qualiquantitativas: 46 (46,4%) dos estudos analisados adotam uma abordagem exclusivamente quantitativa, enquanto 36 (36,4%) conjugam procedimentos quantitativos e qualitativos, e 17 (17,2%) seguem uma abordagem exclusivamente qualitativa. O relativo predomínio de estudos exclusivamente quantitativos revela um certo perfil hegemônico das pesquisas produzidas com egressos no Brasil, na grande maioria das vezes, preocupadas em mapear e descrever aspectos estruturais sobre a trajetória dos sujeitos pesquisados, mas com pouco espaço para a contemplação de elementos que digam respeito aos sentidos atribuídos às suas experiências após a titulação. Evidentemente, não há como negar que isso guarda alguma relação com a amplitude do universo de sujeitos a serem investigados, sendo realmente pouco provável que um único estudo consiga abarcar, em uma perspectiva qualitativa, aspectos de ordem subjetiva de um contingente tão amplo de indivíduos. Essa ressalva, entretanto, não nos impede de constatar que permanece ainda um desafio, para esse campo de investigação, criar alternativas para que a perspectiva e a voz dos egressos estejam mais presentes nos estudos produzidos com essa temática.

Quanto aos procedimentos de investigação utilizados, a aplicação de questionários (estruturados ou semiestruturados) foi empregada por 78 (78,8%) dos estudos analisados, sendo em 61 (61,6%) pesquisas o único procedimento utilizado para coleta de informações sobre os egressos, e em 17 (17,1%) aparecendo como recurso metodológico conjugado a outras estratégias de investigação, como entrevistas, análise documental, grupo focal etc. A realização de entrevistas aparece como segundo procedimento mais frequente: foram utilizadas em 27 (27,3%) trabalhos, ora de forma isolada (10,1%), ora conjugadas a outros procedimentos investigativos (17,1%). Além dos procedimentos aqui citados, aparecem como recursos metodológicos, ainda que de forma menos frequente, a análise documental ou curricular (12,1%), encontros grupais (5%), observações, estudos de caso e análise de banco de dados (estes três últimos com aproximadamente 1% cada).

No que diz respeito ao enfoque temático, o que verificamos é que, não obstante a marcante heterogeneidade entre as pesquisas de egressos, é com relação a esse aspecto que elas menos se diferenciam, pelo menos desde que levemos em consideração uma delimitação mais ampliada dos diferentes temas abordados. Os dois enfoques temáticos que mais apareceram contemplados, nas pesquisas analisadas, foram: “trajetórias e destinos profissionais dos egressos” (74,7%) e “avaliação dos egressos sobre a formação recebida” (47,5%), sendo que em 37,3% dos estudos esses dois enfoques aparecem articulados dentro da mesma investigação. Chama ainda a atenção o aparecimento de outros dois enfoques temáticos, ainda que com frequência consideravelmente menor do que os dois de maior recorrência: levantamento e análise da produção científica de egressos (5%) e avaliação de programas educacionais, como programas de Iniciação Científica ou Iniciação à Docência (4%).

Por fim, é oportuno tecer algumas considerações a respeito da dispersão dos estudos analisados. Conforme constatamos, é inegável o aumento do interesse pela produção de pesquisas de egressos no Brasil, sobretudo nos últimos dez anos que antecedem o levantamento aqui apresentado. A multiplicidade das áreas investigadas e a amplitude do escopo analítico dos estudos já produzidos evidenciam a robustez do potencial investigativo demonstrado pelas pesquisas de egressos do ensino superior, o que nos permite vislumbrar um caminho promissor para o desenvolvimento de novos esforços de investigação no escopo dessa temática no decorrer dos próximos anos.

Cumprido, entretanto, questionar: seria adequado considerar que dispomos de um campo consolidado de pesquisas de egressos no Brasil? Entendemos não haver ainda entre as pesquisas produzidas uma interarticulação satisfatória que nos permita responder positivamente a essa questão. Há, inclusive, no âmbito da maior parte dos trabalhos analisados, pouca menção a outras pesquisas de egressos, indicando ser precário, no âmbito das diferentes experiências já realizadas, o reconhecimento de pertencimento a um campo comum de problematizações. O mais prudente seria considerar estarmos diante de um campo em construção, ainda que com forte perspectiva de expansão e consolidação no contexto acadêmico nacional.

Outro ponto a ser destacado é que ainda não se tem no Brasil um arcabouço teórico-conceitual produzido a partir de uma reflexão em torno da temática dos egressos do ensino superior. A ausência de referenciais teóricos capazes de aglutinar uma discussão mais específica sobre essa área de investigação faz com que cada pesquisador que resolva se aventurar nesse caminho necessite recorrer integralmente a referenciais presentes em outros campos mais bem consolidados do ponto de vista teórico-metodológico, dentre os quais, para ficar nos exemplos mais recorrentes, os estudos sobre o mundo do trabalho, as discussões sobre a formação

profissional e as discussões sobre a avaliação da qualidade do ensino superior. Embora isso não tenha que necessariamente ser encarado como um problema, não deixa de ser revelador do quanto ainda está por se construir um quadro teórico-conceitual capaz de subsidiar e fomentar esforços de uma maior articulação entre as investigações sobre egressos no Brasil.

A análise da literatura de estudos produzidos com egressos no contexto brasileiro mostra a diversidade das perspectivas a partir das quais é possível explorar o fenômeno “trajetória de egressos”. Aspectos como a qualidade do ensino superior, impactos econômicos da formação universitária, inserção profissional e transição universidade-trabalho, ganhos de capital social proporcionado pela formação, entre inúmeros outros, apresentam-se como chaves de leitura recorrentemente utilizadas como eixos analíticos de temáticas ligadas a esse campo. No tópico seguinte, nos concentraremos em alertar para a proficuidade da interlocução das pesquisas de egressos com o campo da Psicologia Social que se dedica a investigar a temática da carreira na contemporaneidade, tomando como ponto de partida o constructo de carreira psicossocial desenvolvido por Marcelo Afonso Ribeiro. Nosso objetivo é sustentar o argumento em favor das vantagens que um olhar psicossocial para as trajetórias de vida de trabalho pode trazer ao desenvolvimento de estudos sobre egressos do ensino superior.

3. Por uma abordagem psicossocial no estudo das trajetórias de egressos do ensino superior

Como já assinalado, as primeiras pesquisas desenvolvidas com egressos do ensino superior tiveram sua acolhida nos campos da sociologia e da economia. Isso porque os interesses desses estudos pioneiros estavam voltados para aspectos mais diretamente associados às dimensões sociais envolvidas no fenômeno da massificação do acesso à educação superior e aos impactos, sobretudo econômicos, que esse processo poderia acarretar para a dinâmica de qualificação da mão de obra e para o mercado de trabalho. Atualmente, entretanto, já não é mais possível reconhecer o interesse por pesquisar egressos como terreno privilegiado de uma ou algumas poucas disciplinas específicas, uma vez que a própria interface entre educação e mundo do trabalho torna-se uma seara de investigação intrinsecamente transdisciplinar.

Nos dois tópicos anteriores, nos concentramos em apresentar um panorama do campo das pesquisas de egressos do ensino superior, sobretudo no contexto acadêmico nacional. Na presente seção, nos dedicaremos a evidenciar as vantagens que a interlocução com uma abordagem psicossocial da noção de carreira tende a proporcionar para as pesquisas cujo eixo temático central consista em analisar a trajetória profissional de egressos do ensino superior. Para tanto, estruturaremos nossa argumentação em dois momentos. Inicialmente, buscaremos

destacar a relevância que enxergamos nas possibilidades de interlocução das pesquisas de egressos com o campo dos estudos sobre a carreira. Em seguida, sinalizaremos a adoção de uma abordagem psicossocial da noção de “trajetória” como um caminho promissor para se estabelecer essa interlocução.

A respeito das vantagens proporcionadas pela interlocução do campo das pesquisas de egressos com os estudos sobre a carreira, convém salientar que, embora a análise das trajetórias profissionais se constitua como o enfoque temático mais recorrente nas pesquisas de egressos produzidas no Brasil (conforme examinado no tópico anterior), pouco ainda foi produzido em termos de análises acerca de como as transformações mais amplas no mundo do trabalho impactam as diferentes modalidades de carreira associadas às formações de nível superior. Como será discutido mais adiante, as mutações que afetam o universo sociolaboral e, por consequência, as condições de construção das trajetórias profissionais, não atingem uniformemente todos os tipos de carreira e/ou áreas profissionais. Em face disso, as pesquisas de egressos se apresentam como recursos valiosos para a compreensão das especificidades nos modos como cada tipo de área ocupacional é afetada por essas transformações.

Existe um relativo consenso no âmbito da literatura acadêmica dedicada a tratar das características do mundo contemporâneo do trabalho que demonstram estarmos em meio a um processo marcado por intensas transformações. O fenômeno da reestruturação produtiva, acentuado pelas crises estruturais do capitalismo no último quartel do século XX, traz como principais implicações uma série de modificações não só nos modos e ambientes de trabalho como nos sentidos que as pessoas passam a conferir à sua vida profissional. A retração dos postos de trabalho no setor industrial, acompanhada de uma expansão do setor de serviços, leva a um deslocamento da predominância do emprego de tipo formal, estável e regulamentado, para um tipo de trabalho cada vez mais flexibilizado, transitório, desregulamentado e, por vezes, precarizado (Antunes, 2015; Maciel, 2021).

Do ponto de vista das implicações para a relação dos trabalhadores com a construção de suas trajetórias profissionais, os impactos dessas transformações são bastante significativos. Como salienta Ribeiro (2009, 2014), os processos de flexibilização, heterogeneização e complexificação do mundo do trabalho e das empresas, iniciados nas décadas finais do século XX, tiveram como um de seus principais efeitos a ruptura do emprego estável e organizacional como modelo hegemônico de inserção profissional e vínculo com o trabalho. Em suma, a carreira de tipo organizacional perdeu a centralidade como expressão mais recorrente de carreira profissional, o que não significa o fim da noção de carreira, mas antes o surgimento de novos modelos e possibilidades de constituição de trajetórias e vínculos com o trabalho.

Ribeiro (2009, 2014) salienta ainda que esse cenário traz desafios cruciais para os estudos contemporâneos sobre a carreira. Um dos principais desafios passa a ser o de se compreender o que há de mudanças e de permanências nesse processo. Afinal, é preciso estar atento ao fato de que reconhecer a intensidade e a complexidade das transformações contemporâneas do trabalho não significa negar a existência de continuidades. O máximo que podemos afirmar é que estamos diante de uma conjuntura que passa por processos acentuados de transição, mas, ao mesmo tempo, na qual formas tradicionais de estruturação da vida de trabalho seguem operando, ainda que sem o mesmo vigor de outrora.

Nessa mesma direção, Dowbor (2002) salienta que, embora seja preciso reconhecer que a intensificação tecnológica de áreas produtivas tradicionais alterou de maneira significativa as condições para a realização do trabalho no âmbito dos mais variados setores produtivos da economia, não cabe uma generalização analítica a respeito dos impactos dessas transformações sobre as diferentes formas de ocupação. O autor enfatiza a importância de não se desprezar as especificidades das dinâmicas setoriais que compõem esse complexo amálgama de funções, relações e atividades que genericamente designamos como “mundo do trabalho”. Mesmo que, por exemplo, nos atenhamos somente ao conjunto de atividades atinentes ao que costuma ser designado como “setor de serviços”, existe nesse universo uma infinidade de subcampos que vão desde ofícios ligados a processos extremamente sofisticados de inovação ou aplicação tecnológica a trabalhos na área das políticas sociais em que o fator humano continua ainda fundamentalmente decisivo. Atentar-se à diversidade dos modos pelos quais uma dada transformação, seja ela de natureza tecnológica, estratégica ou organizacional, alcança e afeta esses diferentes campos de atividade ajuda a prevenir visões simplificadoras e generalizantes sobre as mutações que impactam o trabalho na sociedade contemporânea.

O que podemos sustentar com bastante segurança é que as transformações presentes ou em curso no mundo do trabalho, em maior ou menor escala, repercutem decisivamente sobre a vida dos trabalhadores contemporâneos, não somente no aspecto material (salários, jornadas, condições de trabalho, proteção social etc.), mas, sobretudo, nas dimensões da consciência, da subjetividade do trabalho e das suas formas de representação (Antunes, 2009). Quanto a esse aspecto em particular, Sennet (2006) sintetiza, de maneira bastante sensível, as repercussões subjetivas que as novas formas de organização da vida de trabalho impõem aos trabalhadores. Ao tratar da disfuncionalidade assumida contemporaneamente pelas narrativas de longo prazo, o autor argumenta que, em um mundo no qual passa a prevalecer a lógica da flexibilidade e dos fluxos de curto prazo, os indivíduos são desencorajados a empreender planejamentos com

prazos mais alargados, comprometendo a constituição de narrativas articuladoras de projetos duradouros. Nas palavras do autor,

... esse mundo não oferece muita coisa, econômica ou socialmente, para a narrativa. As empresas se dividem ou fundem, empregos surgem e desaparecem, como fatos sem ligações. A destruição criativa, disse Schumpeter, pensando nos empresários, exige pessoas à vontade em relação a não calcular as consequências da mudança, ou a não saber o que virá depois (Sennet, 2006, p. 32).

Compreender os efeitos dessa nova conjuntura sobre o modo como as pessoas passam a lidar com a construção de suas trajetórias de vida de trabalho torna-se um desafio incontornável para o campo dos estudos sobre a carreira. A própria noção tradicional de carreira, entendida como um percurso mais ou menos sequencial, estável e progressivo de vinculações com o trabalho carece ser ressignificada em face de um contexto no qual as discontinuidades se tornam muito mais recorrentes.

Ao longo do século XX, predominou, para uma parcela considerável dos trabalhadores, um cenário no qual as trajetórias profissionais dependiam primordialmente da estabilidade pessoal e do vínculo objetivo com um empregador. Nesse contexto, a carreira podia ser previamente determinada dependendo da empresa na qual a pessoa se empregava, e o planejamento dessa carreira era uma construção que, via de regra, ficava a cargo sobretudo dos empregadores. Na exata medida em que os vínculos profissionais se tornaram mais instáveis e as mudanças de trajetória mais constantes, os encargos do planejamento da vida profissional passaram a recair mais pesadamente sobre os próprios indivíduos (Dias & Soares, 2009).

Para Ribeiro (2014), essa transição conjuntural que ocorre no mundo do trabalho explica, em forte medida, o atual crescimento da atenção que passa a ser dada à noção de carreira no âmbito das ciências do trabalho (sociologia do trabalho, psicologia social do trabalho, administração etc.). No quadro de uma conjuntura na qual a ideia de carreira era fundamentalmente entendida como sinônimo de planos organizacionais (com relativa perspectiva de estabilidade e perenidade no tempo), pouco interesse despertava como objeto de investigação, a não ser quanto aos processos de ajustamento ou adaptação das pessoas ao trabalho. Em contrapartida, a partir do momento em que os vínculos com o emprego se tornaram mais fluidos e contingentes, as pessoas passaram a se ver como mais entregues aos próprios esforços individuais na busca por garantir algum nível de estabilidade ou prospectividade às suas trajetórias.

Por tudo o que foi até aqui apresentado, reiteramos a nossa percepção de que as pesquisas de egressos, em razão da oportunidade que oferecem para o exame de trajetórias que vão da formação profissional às experiências de inserção no mercado de trabalho, apresentam-se como um recurso de investigação consistentemente vantajoso para auxiliar na compreensão

dos modos de configuração das carreiras contemporâneas. Além do mais, podem contribuir com as instituições de formação e qualificação profissionais no sentido de melhor se situarem com relação à realidade profissional que os seus egressos vêm enfrentando. Afinal, como salienta Pochmann (2012), as mudanças que afetam o universo do trabalho acarretam a emergência de requisitos inéditos para a formação de um novo tipo de trabalhador, impondo aos sistemas tradicionais de formação e qualificação profissional, herdados das sociedades urbano-industriais, a necessidade de se permitirem passar por revisões e atualizações.

Não se deve perder de vista, entretanto, a relevância de um melhor refinamento dos referenciais teórico-analíticos para a produção de pesquisas de egressos, o que nos conduz ao segundo ponto desta seção. Como já anunciamos, é de interesse do presente trabalho apresentar ferramentas teórico-conceituais que possam subsidiar a operacionalização de estudos dedicados a focar trajetórias de egressos do ensino superior. No entanto, é necessário destacar que a própria noção de “trajetória”, amplamente utilizada nas pesquisas que tivemos a oportunidade de analisar, carece de uma elaboração teórica mais precisa, na medida em que aparece empregada na maior parte das vezes como um conceito meramente descritivo e sem grande necessidade de elaboração. A constatação dessa lacuna nos despertou para a necessidade de buscar por interlocução com o campo dos estudos sobre a carreira, que compartilha com as pesquisas de egressos um interesse em comum pela temática das trajetórias, conforme buscaremos discutir na sequência deste trabalho.

De acordo com Ribeiro (2014), a carreira tem uma dupla dimensão constitutiva: os “projetos de vida de trabalho” (por sua vez constituídos pelos “planos de ação” e pelas “construções identitárias”) e as “trajetórias de vida de trabalho”. Para os propósitos da discussão que aqui estamos empreendendo, a dimensão que verdadeiramente desperta maior interesse no quadro da teorização desenvolvida por Ribeiro (2014) é a segunda dentre essas duas dimensões constitutivas da carreira (a noção de trajetória), tendo em vista ser também um objeto de especial interesse para as análises empreendidas no campo das pesquisas de egressos do ensino superior.

Cumpramos inicialmente explicitar os fundamentos em torno dos quais Ribeiro (2014) desenvolve a sua proposta de abordagem psicossocial da carreira, e por extensão, das trajetórias de vida de trabalho. Conforme já discutido, dentre as principais consequências das transformações contemporâneas no mundo do trabalho está a progressiva perda de referenciais estáveis e estáticos para a construção das trajetórias socioprofissionais. Nesse cenário, as concepções tradicionais de carreira, calcadas em uma lógica de linearidade e de relativa previsibilidade, tornam-se insuficientes para a compreensão da realidade atual das relações

entre sujeitos e trabalho. A constatação dessa insuficiência levou Ribeiro (2014) a desenvolver uma abordagem teórico-conceitual para o estudo das carreiras, da qual aproveitaremos alguns elementos que julgamos pertinentes para a construção de um olhar sobre as dimensões psicossociais das trajetórias de egressos.

O cerne da perspectiva analítica elaborada por Ribeiro (2014) está na premissa da indissociabilidade entre dimensões sociais e subjetivas, expressa pelo conceito de “psicossocial”. Para o autor, historicamente prevaleceu, no campo das ciências do trabalho, uma visão dicotomizada entre o individual e o social. Essa visão, porém, pouco traz de contribuições à análise das configurações contemporâneas das trajetórias na medida em que estas se tornam expostas a um conjunto muito mais amplo, difuso e inconstante de variáveis e fatores. Tanto um enfoque exclusivamente individual, que não leve em consideração as dinâmicas sociais, quanto um enfoque puramente social, que perde de vista as dimensões subjetivas do trabalho, pouco conseguem trazer em termos de contribuições à análise sobre o modo como as pessoas buscam construir as suas trajetórias profissionais em meio a uma conjuntura na qual prevalece uma maior instabilidade no que diz respeito às referências que balizam os processos de construção das carreiras.

Ribeiro (2014) encontra no construcionismo social (ou socioconstrucionismo) as bases epistemológicas para a elaboração de uma abordagem psicossocial da carreira. Foge aos propósitos deste texto fazer uma exposição pormenorizada dos fundamentos da perspectiva socioconstrucionista¹⁰, porém convém explicitar duas de suas premissas que estão no centro da construção da abordagem psicossocial proposta pelo autor: 1) a realidade é intersubjetivamente constituída a partir das narrativas e práticas sociais geradas por processos relacionais, o que implica, portanto, reconhecer que os discursos socialmente compartilhados desempenham um papel constitutivo na construção da realidade; 2) tal como a realidade, a subjetividade é socialmente construída pelas relações e práticas sociais nas quais são gerados significados que, como discursos possíveis, orientam as ações e experiências pessoais. Em suma, parte-se de uma visão da realidade e da subjetividade como formadas pelos discursos socialmente compartilhados que conferem sentido aos acontecimentos, experiências e percursos trilhados (Ribeiro, 2014. Spink, 2000).

Nesse sentido, é preciso frisar que uma abordagem psicossocial não tem como foco exclusivo nem o “subjetivo” nem o “social”, mas simultaneamente o entrecruzamento dessas duas dimensões, materializado no “relacional”. Nas palavras de Ribeiro (2014, p. 100),

¹⁰ Para uma análise detida acerca dos fundamentos do socioconstrucionismo (ou construcionismo social) em suas articulações com o campo da Psicologia Social, ver Gergen (1985), Ibáñez (1993) e Spink e Frezza (2000).

tanto o subjetivo quanto o social seriam polos extremos de uma mesma realidade discursiva processual global, que é produzida através de processos de construção e significação no seio das práticas e discursos sociais: do subjetivo ao social e vice-versa, num movimento contínuo. A realidade é sempre processual e discursiva, nunca substantiva.

Como se pode notar, trata-se de uma perspectiva que atribui especial relevo à dimensão relacional entre aspectos pessoais e sociais, bem como uma particular importância ao papel desempenhado pela linguagem, consubstanciada nos discursos individual e socialmente produzidos. Parte-se da premissa de que é na esfera das práticas discursivas que se produzem as condições de interseccionalidade entre as dimensões objetivas (padrões coletivos) e subjetivas (singularidade), estando, portanto, na análise das narrativas que conferem sentido à realidade ocupacional, a chave para o acesso à dimensão psicossocial das trajetórias de vida de trabalho.

Como operador conceitual dessa perspectiva de análise sobre a carreira, Ribeiro (2009, 2014) cunha o conceito de “carreira psicossocial”, visando ao rompimento com a clássica dicotomia, preeminente nos campos da orientação profissional e dos estudos sobre carreira, entre carreira objetiva e carreira subjetiva. A proposta da carreira psicossocial tem como princípios centrais a indissociabilidade entre pessoal e social e a concepção da carreira como um fenômeno relacional constituído narrativamente a partir de discursos socialmente compartilhados. Do ponto de vista das pesquisas sobre a trajetória de egressos, nas quais o escopo da investigação nem sempre está relacionado à problemática mais ampla da carreira, defendemos ser possível se valer das formulações elaboradas por Ribeiro (2014) para esboçarmos o conceito de “trajetórias psicossociais”. Como um operador teórico-conceitual aplicado ao campo das pesquisas de egressos do ensino superior, essa noção tem como vantagem nortear o olhar para as trajetórias dos sujeitos pesquisados a partir de uma perspectiva interessada em compreender o que se produz na interface entre as condições objetivas e os fatores subjetivos que permeiam os percursos e experiências profissionais constituídos por esses sujeitos.

Cabe uma elucidação referente ao que implica, operacionalmente falando, estudar egressos a partir de uma abordagem psicossocial. A premissa de que o estudo das práticas discursivas é uma profícua via de acesso às dimensões psicossociais da realidade vivenciada pelos sujeitos convida-nos a um olhar mais atento sobre as narrativas por meio das quais os egressos atribuem sentido às suas trajetórias. Não se trata de desconsiderar a importância do levantamento de informações a respeito de aspectos objetivos, tais como empregabilidade, renda, vínculos trabalhistas, áreas de atuação etc. Muito pelo contrário, essas informações são de crucial importância para que se possa compreender as circunstâncias objetivas que permeiam a

construção das trajetórias profissionais dos egressos. Adotar uma abordagem psicossocial sobre as trajetórias é ter em consideração que tão importante quanto levantar informações a respeito dos percursos e da situação objetiva dos egressos no mercado de trabalho, é examinar os sentidos que os próprios egressos atribuem a esses aspectos constituintes de suas trajetórias.

Do ponto de vista teórico-metodológico, essa abordagem implica uma necessária interlocução com referenciais que subsidiam a análise de práticas discursivas. É importante não perder de vista que adotar uma abordagem psicossocial no estudo da trajetória de egressos é algo que está para além de simplesmente contemplar aspectos subjetivos e objetivos no âmbito de uma mesma pesquisa. O que efetivamente caracteriza uma abordagem psicossocial, em suma, é o delineamento de estratégias analíticas e metodológicas que: a) configuram-se a partir da premissa da indissociabilidade entre dimensões sociais e subjetivas; b) contemplam, no âmbito do planejamento investigativo, uma margem de atenção ao estudo dos pontos de vista dos próprios sujeitos a respeito das suas trajetórias e experiências; e c) privilegiam, em seu escopo de investigação, elementos como sentidos, significados, discursos, narrativas e perspectivas produzidas pelos sujeitos acerca de suas experiências (Ribeiro, 2014).

A principal vantagem de uma abordagem psicossocial é a de propiciar o estudo de fenômenos e acontecimentos a partir de uma perspectiva dialógica entre o contextual e o singular. Essa dialogicidade abre diferentes possibilidades de enfoque temático e analítico sobre a trajetória dos egressos na medida em que a busca pela compreensão do que se produz na interface entre o social e o subjetivo inevitavelmente convoca o pesquisador a um direcionamento do olhar para os múltiplos condicionantes que atravessam essa intersecção, dentre os quais as dimensões de gênero, cor da pele, nível socioeconômico, trajetórias prévias de escolarização, condições materiais para dedicação ao curso etc.

Em um cenário no qual as macronarrativas teóricas se tornam insuficientes para dar conta de explicar a complexidade das experiências do mundo contemporâneo, as narrativas das pessoas sobre como vivenciam e procuram se organizar em meio a essas novas e cambiantes condições contextuais passam a se constituir como fontes privilegiadas de informação sobre as trajetórias de vida de trabalho (Ribeiro, 2014). Daí a oportunidade de insistirmos na relevância de um enfoque psicossocial no estudo da trajetória de egressos do ensino superior.

Considerações Finais

Foram metas deste artigo discutir a relevância social das pesquisas de egressos do ensino superior, traçar um panorama dos estudos produzidos com essa temática no Brasil e indicar algumas reflexões teórico-conceituais capazes de proporcionar subsídios a pesquisadores

interessados em construir investigações nessa seara, valendo-se de uma abordagem calcada na premissa da indissociabilidade entre dimensões sociais e subjetivas. A título de síntese, cabem algumas considerações a respeito do que o caminho percorrido para alcançar cada uma dessas metas nos trouxe de contribuição.

Acerca da relevância das pesquisas de egressos do ensino superior, buscamos evidenciar que desde o surgimento das primeiras experiências no contexto europeu, o acompanhamento das trajetórias de pessoas que passaram por uma formação de nível universitário mostrou-se um recurso bastante eficaz para a produção de conhecimentos no campo de interface entre educação superior e mundo do trabalho. Isso se deve ao fato dos egressos se constituírem como o elemento comum mais diretamente acessível dessa relação. Tivemos a oportunidade de discutir que, no Brasil, a exploração desse potencial investigativo proporcionado pelas pesquisas de egressos é ainda incipiente, embora seja possível indicar alguns indícios de modificação nesse quadro ao longo, em especial, dos últimos dez anos.

As transformações no mundo do trabalho e o impacto que geram para a construção das trajetórias de vida de trabalho são uma das facetas mais sensíveis dos desafios colocados à agenda de discussões sobre os novos rumos da formação profissional. Nossa expectativa, no decorrer deste texto, foi mostrar que as pesquisas de egressos se apresentam como um recurso bastante profícuo para a produção de conhecimentos nesse campo de investigação. Além do mais, buscamos argumentar que existe um significativo potencial a ser explorado em termos da produção de estudos que enfoquem a dimensão psicossocial das trajetórias construídas pelos egressos, havendo, no âmbito da interface entre psicologia social e estudos sobre a carreira, referenciais teórico-conceituais importantes para subsidiar pesquisas que caminhem nessa direção.

Abordar psicossocialmente a trajetória de egressos do ensino superior, na perspectiva em que aqui buscamos apresentar, implica manter-se constantemente atento à complexidade inerente à construção de trajetórias de vida de trabalho, justamente em função da pluridimensionalidade das determinações que permeiam a realização de escolhas e a construção de itinerários profissionais. A principal vantagem de uma abordagem psicossocial está em não se prender à análise de dimensões isoladas que atravessam a construção de percursos individuais, justamente por ter como enfoque a preocupação em compreender os processos por meio dos quais essas diferentes dimensões se entrecruzam na tecitura das trajetórias construídas pelas pessoas.

Referências

- Amaral, D. P., & Oliveira, F. B. (2011). O Prouni e a conclusão do ensino superior: novas trajetórias pessoais e profissionais dos egressos. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*, 19(73), 861-890. doi: 10.1590/S0104-40362011000500008
- Amorim, M. A. (2019). Entre a opção pela licenciatura e a permanência na profissão docente: reflexões com base em uma pesquisa com egressos do curso de história da UFMG. In E. B. Las Casas, & D. Cunha, D. Queiroz (Orgs.). *UFMG pesquisa egressos* (pp. 63-80). Belo Horizonte: Blucher.
- Andriola, W. B. (2014). Estudo de egressos de cursos de graduação: subsídios para a autoavaliação e o planejamento institucionais. *Educação em Revista*, (54), 203-220. doi: 10.1590/0104-4060.36720
- Antunes, R. (2009). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo.
- Antunes, R. (2015). *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez.
- Barrese, P. F., Bastoni, T. R., & Nogueira, D. R. (2017). Percepção sobre o desenvolvimento de competências profissionais no curso de ciências contábeis de acordo com o IAESB: uma análise com os egressos de 2011 a 2015. *Revista Unemat de Contabilidade*, 6(11), 66-89. doi: 10.30681/ruc.v6i11.1526
- Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004. (2004). Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES e dá outras providências. *Presidência da República*. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/110.861.htm
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (2004). *Roteiro de Auto-avaliação Institucional: orientações gerais*. Brasília: Ministério da Educação.
- Carneiro, V. T., & Sampaio, S. M. R. (2016). Em busca de emprego: a transição de universitários e egressos para o mundo do trabalho. *Revista Contemporânea de Educação*, 11(21), 41-63. doi: 10.20500/rce.v11i21.2215
- Coelho, M. S. C. (2009). Opinião: egresso e universidade. *Beira do Rio – Jornal da Universidade federal do Pará*, 24(72), 02-02. Recuperado de <https://issuu.com/beiradorio/docs/beira72>
- Coelho, M. S. C., & Oliveira, N. C. M. (2012). Os egressos no processo de avaliação. *E-curriculum*, 8(2), 1-19. doi: 10.1590/S0104-40362011000500008

- Colenci, R., & Berti, H. W. (2012). Formação profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de egressos de graduação em enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 46(1), 158-166, 2012. doi: 10.1590/S0080-62342012000100022
- Dazzani, M. V. M., & Lordelo, J. A. C. (2012). A importância dos estudos com egressos na avaliação de programas. In J. A. C. Lordelo, M. V. M. Dazzani (Orgs.). *Estudos com estudantes egressos: concepções e possibilidades metodológicas na avaliação de programas* (15-22). Salvador: EDUFBA.
- Dias, F. J., & Nunes, R. S. (2007). Acompanhamento de egressos de cursos de graduação. *Colóquio Internacional de Gestão Universitária*, 17 (p. 1-13). Mar del Plata. Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/181020?show=full>
- Dias, M. S. L., & Soares, D. H. P. (2009). *Planejamento de carreira: uma orientação para estudantes universitários*. São Paulo: Vetor, 2009.
- Dowbor, L. (2002). *O que acontece com o trabalho?* São Paulo: SENAC.
- Falcão, B. L. (2019). Os não herdeiros: impactos de cursos de alto prestígio para egressos das camadas populares. In E. B. Las Casas, & D. Cunha, D. Queiroz (Orgs.). *UFMG pesquisa egressos* (pp. 201-218). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Felicetti, V. L. (2018). Egressos das licenciaturas: o que move a escolha e o exercício da docência. *Educar em Revista*, 34(67), 215-232. doi: 10.1590/0104-4060.50589
- Ferreira, A., & Abranches, C. S. (2018). Desempenho acadêmico versus renda: análise comparativa realizada com egressos de um curso de administração. *Revista Gestão Universitária na América Latina*, 11(3), 1-19. doi: 10.5007/1983-4535.2018v11n3p1
- Ferrugini, L., & Castro, C. C. (2015). Repercussões socioeconômicas do curso piloto de administração da UAB na visão de egressos e coordenadores. *Educação e Pesquisa*, 41(4), 993-1008. doi: 10.1590/s1517-9702201506132787
- Furtado, R. P., & Santiago, L. P. (2015). Educação Física e trabalho: considerações a respeito da inserção profissional de egressos da FEF-UFG. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 29(2), 325-336. doi: 10.1590/1807-55092015000200325
- Gergen, K. (1985). The social constructionist movement in modern Psychology. *American Psychologist*, 3(40), 266-275. doi: 10.1037/0003-066X.40.3.266
- Ibañez, T. (1993). Construcionismo y psicología. *American Psychologist*, 3(40), p. 266-275.
- Knabem, A., & Ribeiro, M. A. (2015). A transição universidade-mundo do trabalho: trajetórias profissionais e projetos de vida de egressos do ensino superior. In T. R. Raitz, P. Figuera-Gazo (Orgs.). *Transições dos estudantes: reflexões ibero-americanas* (pp. 89-106). Curitiba: CRV.

- Lima, L. C., Jesus, R. E., Oliveira, V. C. O., & Gomes, M. M. (2019). Quem são os alunos e egressos cotistas negros e indígenas das universidades públicas do Brasil? Breve nota sobre o perfil dos participantes da pesquisa Trajetórias de Cotistas. In E. B. Las Casas, & D. Cunha, D. Queiroz (Orgs.). *UFMG pesquisa egressos* (pp. 383-398). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Lordelo, J. A. C., Oliveira, J. E. S., Argolo, R. F., & Andrade, S. P. (2012). Desafios em pesquisas com egressos: o caso da iniciação científica na graduação. In J. A. C. Lordelo, & M. V. M. Dazzani (Orgs.). *Estudos com estudantes egressos: concepções e possibilidades metodológicas na avaliação de programas* (pp. 135-146). Salvador: EDUFBA.
- Maciel, F. (2021). *A nova sociedade mundial do trabalho: para além de centro e periferia?* 2 ed. Rio de Janeiro: Autografia.
- Mattosinho, M. M. S., Coelho, M. S., B. H. S., Meirelles, Souza, S. S, S., & Argenta, C. E. (2010). Mundo do trabalho: alguns aspectos vivenciados pelos profissionais recém-formados em enfermagem. *Acta paulista de enfermagem*, 23(4). 466-471. doi: 10.1590/S0103-21002010000400004
- Meira, M. D. D., & Kurcgant, P. (2009). Avaliação de Curso de Graduação segundo egressos. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 43(2), 481-485. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/reusp/v43n2/a31v43n2.pdf>
- Oliveira, D. F. M. (2019). Rendimentos materiais e simbólicos do diploma de licenciatura em língua inglesa: estudo sobre egressos do curso de letras da UFMG. In E. B. Las Casas, & D. Cunha, D. Queiroz (Orgs.). *UFMG pesquisa egressos* (pp. 43-62). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Paul, J. J. (2015). Acompanhamento de egressos do ensino superior: experiência brasileira e internacional. *Caderno CRH*, 28(74), 309-326. doi: 10.1590/S0103-49792015000200005
- Pires, R. C. M. (2009). Formação inicial do professor pesquisador através do programa PIBIC/CNPq: o que nos diz a prática profissional de egressos? *Avaliação (Campinas)*, 14(2), 487-514. doi: 10.1590/S1414-40772009000200012
- Pochmann, M. (2012). Trabalho e formação. *Educação e Realidade*, 37(2), 491-508. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/edreal/v37n2/09.pdf>
- Ribeiro, M. A. (2009). A trajetória da carreira como construção teórico-prática e a proposta dialética da carreira psicossocial. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 12(2), 203-216. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172009000200006&lng=pt&tlng=pt

- Ribeiro, M. A. (2014). *Carreiras: novo olhar socioconstrucionista para um mundo flexibilizado*. Curitiba: Juruá.
- Schomburg, H., & Teichler, U. (2005). Creciente potencialidad de la investigación sobre alumno para la reforma curricular: experiencias de un instituto de investigación alemán. In U. Teichler (Org.) *Graduados y empleo: investigación, metodología y resultados: los casos de Europa, Japón, Argentina y Uruguay* (pp. 161-182). Buenos Aires: Miño y Dávila.
- Schomburg, H., & Teichler, U. (2006). *Higher education and graduate employment in Europe: results from graduate surveys from twelve countries*. Dordrecht: Springer, 2006.
- Sennet, R. (2006). *A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.
- Souto, R. M. A., & Paiva, P. H. A. (2013). A pouca atratividade da carreira docente: um estudo sobre o exercício da profissão entre egressos de uma Licenciatura em Matemática. *Pro-Posições*, 24(1), 201-224. doi: 10.1590/S0103-73072013000100013.
- Spink, Mary Jane (Org.). (2000). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez.
- Spink, M. J., & Frezza, R. M. (2000). Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da Psicologia Social. In M. J. Spink (Org.) *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas* (pp. 41-62). São Paulo: Cortez.
- Valadão Júnior, V. M., & Rodrigues, H. (2012). Competências na pós-graduação: o olhar dos egressos. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 13(2), 325-354. doi: 10.13058/raep.2012.v13n2.94
- Vargas, M. L. F. (2011). Ensino superior, assistência estudantil e mercado de trabalho: um estudo com egressos da UFMG. *Avaliação (Campinas)*, 16(1), 149-163. doi: 10.1590/S1414-40772011000100008
- Vargas, M. L. F. (2019). Formação e inserção profissional do pedagogo: o panorama histórico desta carreira e os egressos do curso de pedagogia presencial da Faculdade de Educação da UFMG. In E. B. Las Casas, & D. Cunha, D. Queiroz (Orgs.). *UFMG pesquisa egressos* (pp. 103-126). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Vasconcelos, N. V. C., & Pereira, F. C. B. (2015). *Avaliação do ensino superior sob a ótica dos egressos*. Curitiba: Appris, 2015.
- Vaz, K. C. S., & Vaz, F. M. (2020). Inserção profissional dos jovens concluintes da educação superior. In M. L. O. Barbosa. *A expansão do ensino superior no Brasil* (pp. 191-216). Curitiba: Appris.

- Vieira, A. (2020). Os efeitos do diploma superior nos resultados iniciais da carreira profissional. In M. L. O. Barbosa. *A expansão do ensino superior no Brasil* (pp. 169-190). Curitiba: Appris.
- Zuccarelli, C. (2020). Desencontro entre escolaridade e ocupação para trabalhadores com ensino superior. In M. L. O. Barbosa. *A expansão do ensino superior no Brasil* (pp. 217-238). Curitiba: Appris.

ESTUDO 2

DECISÕES E DIRECIONAMENTOS DE CARREIRA APÓS O DOUTORAMENTO: UM ESTUDO COM EGRESSOS DE UM DOUTORADO EM PSICOLOGIA

Introdução

No mundo todo, o número de novos doutores cresceu significativamente ao longo das últimas décadas. Fruto da expansão do acesso ao ensino superior e do aumento da importância conferida à pesquisa no contexto da economia do conhecimento, a ampliação da formação pós-graduada a nível doutoral ocorre atrelada ao pressuposto de que, como profissionais altamente qualificados, os doutores podem desempenhar um papel relevante na inovação e no impulsionamento de avanços tecnológicos, sociais e científicos (Lopes & Lopes, 2021).

Porém, é preciso salientar que, junto com o crescimento do número de novos doutores titulados, também há uma realidade global de retração da capacidade da área acadêmica de conseguir absorver satisfatoriamente a força de trabalho advinda dessa expansão. Como demonstram Bozzon, Murgia, Poggio e Rapetti (2017), em levantamento bibliográfico de abrangência internacional acerca de estudos que abordam a trajetória profissional de recém-doutores, as transformações no mercado de trabalho acadêmico, em larga medida provocadas pelo aumento da oferta de mão de obra pós-graduada, estão longe de serem uma particularidade circunscrita a alguns países. Antes, essas mudanças consistem em uma realidade que vem impactando a construção da carreira de pesquisadores em diversos contextos nacionais.

Os desafios oriundos dessa conjuntura afetam de maneira mais incisiva as experiências de doutores recém-titulados, que cada vez mais se veem confrontados com dilemas decorrentes das dificuldades de uma inserção profissional qualificada e dos efeitos da desvalorização social da titulação doutoral em face de um mercado de trabalho progressivamente mais exigente e competitivo (Bloch, Graversen, & Perderson, 2015; Ferreira, 2020; Germain-Alamartine, 2019). Esse cenário impõe, inevitavelmente, novas e intrincadas questões para o campo dos estudos sobre a carreira. Afinal, a partir do momento em que as problemáticas da seletividade e da complexificação do mercado de trabalho passam a ser uma questão também entre trabalhadores com maior nível de titulação, cresce, naturalmente, o interesse pelo estudo dos processos que orientam a gestão e a configuração da carreira entre pós-graduandos e pós-graduados, público historicamente pouco contemplado no âmbito das discussões nacionais

(Silva & Bardagi, 2015) e internacionais (Bloch et al., 2015) acerca de temáticas relacionadas à interface entre educação e mundo do trabalho.

Ademais, simultaneamente às modificações que ocorrem na conjuntura profissional relacionada ao mercado acadêmico, assistimos também a grandes transformações no campo mais amplo das dinâmicas contemporâneas de configuração das carreiras. Cada vez menos as pessoas constroem suas trajetórias de trabalho numa única organização ao longo da vida. À medida que os vínculos profissionais se tornam mais instáveis e efêmeros, é de se esperar que as responsabilidades relativas ao planejamento e ao direcionamento da carreira recaiam mais pesadamente sobre as próprias pessoas. Como assinala Ferreira (2020), nesse novo contexto de carreira torna-se cada vez mais valorizado que os próprios indivíduos percebam a necessidade de desenvolver um papel mais proativo na gestão dos seus investimentos profissionais, o que explica a proeminência adquirida contemporaneamente pela noção de autogestão da carreira.

Neste artigo, buscamos colaborar com esse campo de discussões mediante a apresentação dos resultados de um estudo que teve como objetivo analisar os fatores envolvidos nas decisões e nos direcionamentos da carreira entre psicólogos doutores. A coleta de dados se deu mediante a realização de entrevistas com 14 egressos do doutorado em Psicologia de uma universidade pública de Minas Gerais. Para o desenvolvimento da pesquisa, recorreremos à interlocução com contribuições provenientes de duas perspectivas teóricas: a abordagem psicossocial da carreira, desenvolvida por Ribeiro (2009, 2014, 2017), e a perspectiva biográfica de análise da trajetória de doutores (McAlpine e Amundsen, 2016, 2018; McAlpine, Amundsen & Turner, 2014).

O capítulo está organizado em três seções, além desta introdução e de um tópico de considerações finais. A primeira é dedicada a apresentar os referenciais teórico-conceituais que embasaram a investigação. A segunda descreve os procedimentos metodológicos de coleta e análise dos dados, bem como explicita os critérios para seleção dos participantes da pesquisa. A terceira, por fim, traz os resultados da análise e da interpretação dos dados.

1. As dimensões psicossociais da carreira na vida de trabalho após o doutoramento

Problematizar a relação entre doutoramento e carreira é uma tarefa aberta a múltiplas possibilidades e perspectivas de análise. No Brasil, predomina na literatura de estudos sobre trajetórias de egressos da pós-graduação *stricto sensu* (Barbosa, Gutfilen, Gasparetto, & Koch., 2009; Hortale, Moreira, Bochner, & Leal, 2014; Moreira & Velho, 2012; Velloso, 2002; 2003) uma ênfase investigativa em aspectos mais diretamente ligados a indicadores como emprego, renda, destinos profissionais e condições de trabalho dos pós-graduados, sendo pouco

exploradas questões relacionadas às experiências e às percepções dos sujeitos acerca do desenvolvimento de suas carreiras.

Longe de desconsiderar a importância das contribuições trazidas pelos estudos com ênfase nesses indicadores mais objetivos, no presente trabalho optamos por uma abordagem que traz para o centro da análise as narrativas dos egressos. Essa postura analítico-investigativa guarda relação com uma abordagem psicossocial de investigação sobre as trajetórias de vida de trabalho, cuja fundamentação nos concentraremos em elucidar nos dois subtópicos que compõem esta seção.

Como brevemente mencionado na introdução, para a realização desta pesquisa, recorreremos à interlocução com referenciais provenientes de duas perspectivas teóricas: a abordagem psicossocial da carreira, desenvolvida por Ribeiro (2009, 2014, 2017), e a análise biográfica da trajetória de doutores, proposta por McAlpine e Amundsen (2016, 2018) e McAlpine, Amundsen e Turner (2014). A articulação entre essas duas abordagens mostrou-se pertinente e profícua em razão de dois motivos principais. O primeiro tem relação com a convergência analítica verificada entre elas, na medida em que ambas adotam em relação às trajetórias de trabalho uma postura investigativa calcada na premissa da indissociabilidade entre dimensões objetiva e subjetiva. O segundo advém de uma aposta na complementariedade teórica proporcionada pelo diálogo entre uma perspectiva que traz subsídios para uma visão mais abrangente do fenômeno da carreira e uma perspectiva que propicia elementos para uma aproximação mais especificamente detida nas particularidades da carreira de pós-graduados.

1.1 A noção de carreira sob uma ótica psicossocial

Ribeiro (2014) encontra no construcionismo social as bases epistemológicas para a elaboração de uma perspectiva teórica que busca requalificar o conceito de carreira em face de um cenário marcado por rápidas, intensas e profundas transformações na conjuntura sociolaboral contemporânea. De acordo com o autor, os processos de flexibilização, heterogeneização e complexificação do mundo do trabalho, iniciados nas décadas finais do século XX, tiveram como um de seus principais efeitos a ruptura com um cenário no qual o emprego estável e organizacional se constituía como o modelo hegemônico de configuração das trajetórias de vida de trabalho. Nesse novo contexto, o modelo de carreira de tipo organizacional deixa de ser hegemônico, o que não significa o fim da noção de carreira, mas o surgimento de novos modelos e possibilidades de constituição de trajetórias e vinculações com o trabalho.

Para Ribeiro (2009, 2014), a conjuntura de transições que marca o mundo contemporâneo do trabalho traz novos e complexos desafios ao campo de estudos sobre a carreira, na medida em que comporta simultaneamente mudanças e permanências. De acordo com o autor, o desafio central a ser enfrentado pelos estudos atuais nessa seara temática passa a ser a busca por uma perspectiva que supere a visão das “trajetórias de vida de trabalho” – conceito por ele criado – como um encadeamento evolutivo e previsível de vínculos ocupacionais, sem contudo cair em uma abstração da carreira como um eterno devir em constante transformação, uma vez que antigos modelos de estruturação do trabalho ainda seguem operando. Como perspectiva analítica alternativa, Ribeiro (2014, 2017) desenvolve uma abordagem sobre o fenômeno da carreira que tem como cerne a noção de psicossocial, entendida como um *continuum* entre o social e o subjetivo.

Ribeiro (2009, 2014) sustenta que, historicamente, prevaleceu no campo das ciências do trabalho e, conseqüentemente, nos estudos sobre a carreira, uma visão dicotomizada entre o individual e o social. Essa visão, porém, pouco traz de contribuições à análise das configurações contemporâneas das trajetórias de vida de trabalho, na medida em que estas se tornam expostas a um conjunto muito mais amplo, difuso e inconstante de variáveis e fatores. Tanto um enfoque exclusivamente individual, que não leve em consideração as dinâmicas sociais, quanto um enfoque puramente social, que perca de vista as dimensões subjetivas do trabalho, pouco conseguem trazer de contribuições à análise sobre o modo como as pessoas buscam construir as suas trajetórias em meio a uma realidade na qual prevalece uma maior instabilidade no que diz respeito às referências que balizam os processos de construção das carreiras.

Em linha com essas reflexões, Ribeiro (2014) elabora o conceito de “carreira psicossocial”, sustentado na premissa de que a compreensão acerca dos mecanismos de configuração da carreira exige que se leve em conta a indissociabilidade entre o subjetivo e o social. A carreira, nessa perspectiva, é compreendida como um fenômeno relacional constituído narrativamente pelos sujeitos. Do ponto de vista investigativo, trata-se de uma abordagem que elege a análise narrativa dos sentidos que os sujeitos atribuem às suas trajetórias de vida de trabalho como principal via de acesso à compreensão da dimensão psicossocial envolvida na construção e na configuração de suas carreiras.

1.2 Trajetórias profissionais após o doutorado: um enfoque biográfico

A perspectiva de análise da carreira de doutores elaborada por McAlpine e Amundsen (2016, 2018) e McAlpine, Amundsen e Turner (2014) é fruto de um amadurecimento teórico

proporcionado por anos de investigação das trajetórias de recém-doutores, em estudos comparativos produzidos no Reino Unido e no Canadá. Partindo da constatação de que as análises produzidas em relação a essa temática eram preponderantemente marcadas por um viés estruturalista – isto é, focalizadas em examinar os impactos de fatores de ordem social, econômica, política e cultural sobre a configuração das trajetórias profissionais e acadêmicas dos indivíduos –, as autoras elaboram, como contraponto, uma perspectiva que busca integrar aspectos da vida pessoal na análise das decisões de carreira dos sujeitos na constituição de suas trajetórias.

O conceito de identidade assume uma posição central nessa perspectiva. No entanto, McAlpine e Amundsen (2018) adotam uma abordagem distinta em relação a esse conceito, operacionalizando-o a partir de um enfoque biográfico. Para tanto, cunham o constructo de trajetórias-identitárias (*identity-trajectories*¹¹), a fim de destacar o caráter transitório e em constante desenvolvimento que caracteriza o modo como as pessoas constituem subjetivamente suas carreiras. A opção pelo emprego da palavra trajetória, conjugada à noção de identidade, justifica-se pelo interesse em conferir à análise “uma perspectiva desenvolvimental, segundo a qual aprender com a experiência é uma característica natural da vida, e em que as experiências de trabalho são vistas como entrelaçadas com os desejos pessoais e os relacionamentos interpessoais” (McAlpine, Amundsen, & Turner, 2014, p. 954, tradução nossa). Em suma, trata-se de compreender a trajetória-identitária como um processo de aprendizagem contínuo, no âmbito do qual experiências de vida e projetos de carreira se interseccionam e se influenciam mutuamente.

McAlpine, Amundsen e Turner (2014) sustentam que o estudo acerca da maneira como os indivíduos constituem as suas trajetórias depende de uma abordagem que toma como eixo de investigação as inter-relações entre “agência individual” e “estrutura”. Isso porque, nas palavras das próprias autoras, “uma visão realista do curso de vida precisa reconciliar intenções concorrentes entre objetivos pessoais e demandas de trabalho, incluindo ajustes pessoais constantes feitos para adaptar-se às novas circunstâncias” (p. 959, tradução nossa). Afinal, não

11 Por não haver ainda uma tradução oficial para o português dos trabalhos nos quais esse conceito é utilizado, tomamos a liberdade de traduzi-lo em conformidade com o que, no nosso entendimento, seria a expressão que melhor exprime o sentido empregado pelas autoras. A manutenção do hífen no conceito traduzido para o português busca conservar o que nos parece ser a intenção das autoras ao empregá-lo na elaboração do conceito em inglês, que é a de demarcar a indissociabilidade entre “trajetórias” e “identidade”. Essa interpretação se ancora na observação de que, assim como a expressão “trajetórias identitárias” prescinde, no português, da hifenização para ser compreendida, a expressão “*identity trajectories*” também dispensa o hífen para ser compreendida no inglês. O uso do hífen, portanto, não exerce na expressão uma função ortográfica, mas sim demarca simbolicamente um posicionamento teórico de sinalização da indissociabilidade entre trajetórias e identidade.

custa lembrar que, enquanto buscam avançar em suas carreiras, os sujeitos continuam a lidar com diferentes incumbências que emergem de suas vidas pessoais, não sendo razoável problematizar o desenvolvimento da carreira como um elemento que se processa à parte e de maneira independente das contingências mais amplas que envolvem a vida para além do trabalho e da formação acadêmica.

Isso implica considerar que, ao se analisarem trajetórias e construções de carreira, o papel desempenhado pela agência individual precisa ser reconhecido e enfatizado, sem evidentemente desconsiderar as dimensões estruturais que podem apoiar ou restringir tais agenciamentos. Em linhas gerais, as autoras buscam diferenciar a abordagem por elas proposta das perspectivas que privilegiam uma análise mais estrutural e sistêmica, mas sem romper totalmente com as contribuições proporcionadas por essas abordagens. “Estamos interessadas em motivações individuais [...], agências e intencionalidades [...], enquanto reconhecer uma perspectiva estrutural ou sistêmica assegura a atenção à influência de fatores que transcendem o controle individual” (McAlpine, Amundsen, & Turner, 2014 p. 954, tradução nossa).

A maneira como elementos de ordem estrutural e subjetiva se interseccionam nos processos de tomadas de decisão é descrita pelas autoras mediante a mobilização de outros dois importantes conceitos: 1) “estruturas de oportunidade” (*opportunity structures*) e 2) “horizontes de ação” (*horizons for action*). As estruturas de oportunidade representam o conhecimento estrutural dos sujeitos acerca das oportunidades de carreira, inclusive de aspectos como condições de inserção profissional, políticas que afetam o mercado de trabalho e redes de sociabilidade profissional. Esse conhecimento, independentemente do grau de acurácia, provê o contexto no qual as intenções pessoais são negociadas. As estruturas de oportunidade dizem respeito ao que é percebido pelos indivíduos como disponível em termos de possibilidades de carreira.

Os horizontes de ação, por sua vez, representam as opções vistas como atrativas e viáveis dentro do enquadre estabelecido pelas estruturas de oportunidade. Emergem das experiências passadas, das intenções pessoais, de influências de pessoas relevantes e da intersecção entre o pessoal e o acadêmico, e estão constantemente sujeitos a deslocamentos ou reformulações devido a mudanças que podem ocorrer, tanto em âmbito pessoal como nas próprias contingências contextuais.

Em convergência com a aludida abordagem psicossocial da carreira proposta por Marcelo Afonso Ribeiro, a perspectiva de análise biográfica das trajetórias de doutores elege a análise da narrativa como via de acesso aos pontos de intersecção entre as dimensões objetiva e subjetiva que permeiam a configuração das carreiras. Para McAlpine e Amundsen (2018), as

narrativas são encaradas, do ponto de vista metodológico, como o principal recurso para o estudo dos processos de construção das trajetórias-identitárias, na medida em que

envolvem contar – explicar – como os indivíduos atribuem sentido a eventos e ações de suas vidas, com eles próprios na condição de agentes. Em outras palavras, as narrativas fornecem relatos de como o narrador, protagonista, se engaja e responde às experiências, bem como dos meios que mobiliza para alcançar as suas intenções, apesar das dificuldades. As narrativas fazem conexões entre os eventos, representam a passagem do tempo e mostram as intenções dos indivíduos (McAlpine & Amundsen, 2018, p. 158, tradução nossa).

2. Método

Para o cumprimento dos objetivos traçados por este estudo, realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo que contou com a participação de 14 egressos do doutorado em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O trabalho de campo consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas com os participantes, no âmbito das quais foram abordadas questões referentes às suas trajetórias desde a conclusão da graduação até o momento profissional em que se encontravam na ocasião da entrevista. Neste trabalho em específico serão considerados os dados relativos somente ao que foi abordado com os entrevistados acerca de suas trajetórias construídas posteriormente à conclusão do doutorado.

O planejamento e a operacionalização do trabalho com as entrevistas semiestruturadas guiaram-se pelos princípios da perspectiva da entrevista compreensiva, conforme sistematizada pelo sociólogo francês Jean-Claude Kaufmann (2013). Um dos elementos centrais dessa proposta reside na recusa do pressuposto segundo o qual quanto mais distante está o pesquisador do entrevistado e quanto mais formalizada é a entrevista, melhor e mais fidedigna é a qualidade dos dados. A proposta da entrevista compreensiva, pelo contrário, pressupõe um envolvimento ativo do entrevistador em todas as fases do processo, desde a formulação das perguntas e da forma de apresentá-las aos entrevistados até o trabalho de análise do material coletado.

A seleção dos 14 egressos entrevistados se deu mediante o estabelecimento dos seguintes critérios: a) optamos por circunscrever a análise aos egressos titulados entre 2012 e 2018, sendo 2012 o ano do primeiro doutoramento concluído no programa e 2018 o marco final, definido em função do nosso interesse pela investigação de trajetórias com pelo menos três anos de duração entre a conclusão do doutorado e o momento em que as entrevistas foram realizadas; b) decidimos contemplar na pesquisa somente doutores graduados em Psicologia e em universidades brasileiras, de forma a ampliar as condições de comparabilidade entre as diferentes trajetórias; c) mediante uma análise do currículo lattes e, quando necessário, de outras informações disponíveis na internet, os egressos foram separados em três categorias, de acordo com suas atuais situações de inserção profissional: egressos com dedicação profissional atual

exclusivamente na área acadêmica; egressos com inserção profissional atual exclusivamente fora da área acadêmica; e egressos com inserção profissional atual parcialmente estabelecida em cada um desses dois campos de trabalho.

Estabelecidas essas delimitações iniciais, a escolha dos egressos convidados para entrevista se deu de forma a garantir, sempre que possível, uma representatividade¹² na amostra em termos dos seguintes aspectos: sexo, vinculação às áreas de concentração que compunham o programa de pós-graduação em Psicologia entre os anos de 2012 e 2018 (Psicologia Social, Desenvolvimento Humano e Estudos Psicanalíticos) e ano de titulação. O cruzamento desses diferentes critérios possibilitou constituir uma amostra com participantes com características e perfis de trajetórias diversos.

A distribuição dos participantes de acordo com esses critérios ficou da seguinte forma: no que se refere à atual inserção profissional, cinco estão inseridos totalmente na carreira acadêmica, cinco estão completamente imersos em atividades profissionais não acadêmicas e quatro estão conciliando atividades nas duas áreas de atuação; quanto ao sexo, foram entrevistadas sete pessoas do sexo masculino e sete do sexo feminino; em relação às áreas de concentração no doutorado, sete são da Psicologia Social, cinco dos Estudos Psicanalíticos e dois do Desenvolvimento Humano; quanto ao ano de titulação, oito concluíram a formação entre os anos de 2012 e 2015 e seis terminaram entre 2016 e 2018. A definição do número de entrevistados se deu de acordo com o critério da saturação, isto é, a partir do momento em que as entrevistas começaram a apresentar narrativas semelhantes em relação às temáticas abordadas. A Tabela 1 sintetiza de uma maneira esquemática algumas características dos entrevistados em relação a aspectos como idade, áreas de concentração da pesquisa, ano de titulação e atual inserção profissional.

Tabela 1 - Caracterização dos sujeitos da pesquisa em termos de atual inserção profissional, idade, área de concentração no doutorado e ano de titulação

Atual Inserção Profissional	Nome¹³	Idade	Área de concentração	Ano de Titulação
Acadêmica	Vinícius	44	Psicologia Social	2013

12 A noção de representatividade é aqui tomada em uma perspectiva qualitativa, não devendo ser confundida com uma noção de representatividade estatística, típica de estudos quantitativos. Nesse sentido, dizer que buscamos constituir uma amostra representativa deve ser interpretado como um esforço de ouvir sujeitos com características que ilustram, ainda que de forma relativa, a diversidade de algumas condições objetivas que permeiam a construção das trajetórias do público-alvo do estudo.

13 De modo a preservar o sigilo da identidade dos participantes, seus nomes reais foram substituídos por nomes fictícios.

Atual Inserção Profissional	Nome¹³	Idade	Área de concentração	Ano de Titulação
	Euclides	39	Psicologia Social	2018
	Hilda	39	Desenvolvimento Humano	2013
	Clarice	42	Psicologia Social	2016
	Carolina	44	Psicologia Social	2013
	Cecília	59	Estudos Psicanalíticos	2014
	Lygia	54	Estudos Psicanalíticos	2015
Não acadêmica	Jorge	42	Desenvolvimento Humano	2016
	Alúisio	36	Estudos Psicanalíticos	2018
	Ruth	43	Psicologia Social	2012
	Graciliano	44	Estudos Psicanalíticos	2018
Acadêmica e não acadêmica	Ariano	36	Estudos Psicanalíticos	2018
	Adélia	52	Psicologia Social	2012
	Érico	43	Psicologia Social	2013

Fonte: Elaborada pelo autor

As entrevistas foram realizadas virtualmente, de fevereiro a junho de 2022, por meio de videochamadas, com exceção de uma, que ocorreu de forma escrita, por solicitação da participante. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo, transcritas e enviadas aos entrevistados para que tivessem a oportunidade de fazer correções, complementações, ressalvas ou observações em relação às informações fornecidas. Ademais, cumpre informar que a presente pesquisa foi apreciada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG, sob o número 53354621.6.0000.5149, e que todos os procedimentos de sua execução seguiram rigorosamente os protocolos éticos de pesquisa com seres humanos regulamentados pelo Conselho Nacional de Saúde (Anexo 1).

Coerentemente com a proposta metodológica da entrevista compreensiva, que norteou a realização do trabalho de campo desta investigação, a análise do material narrativo gerado pelas entrevistas ocorreu baseada nos procedimentos analíticos propostos por Christian Maroy (1997), que aparece, inclusive, referenciado por Kaufmann (2013), ao citar obras essenciais que fundamentam a perspectiva da entrevista compreensiva. Maroy propõe um procedimento de análise qualitativa estruturado em três etapas: 1) imersão no material e testagem de um fio condutor estruturante para a análise (sob a forma de uma grelha de análise); 2) elaboração de

categorias e aperfeiçoamento da grelha de análise; 3) validação das diferentes hipóteses e interpretações das categorias forjadas no decurso da análise.

De acordo com o autor, esse procedimento se mostra particularmente adequado “[...] quando o objecto [*sic*] teórico visado é descrever ou explicar situações cujas dimensões são ao mesmo tempo objetivas e simbólicas” (Maroy, 1997, p. 126). É justamente dessa particularidade que deve ser depreendida a coerência da aproximação do presente trabalho com os referenciais que subsidiam a entrevista compreensiva, tendo em vista o nosso interesse em enfocar as trajetórias dos egressos em uma perspectiva psicossocial, o que exige um esforço para que não se percam de vista as articulações entre os aspectos objetivos e subjetivos que permeiam suas configurações.

3. Análise e interpretação dos dados

Eu tinha plena consciência de que eu não sabia ainda qual das duas carreiras iria escolher; a única certeza que eu tinha era de que, independentemente de qual fosse, fazer o doutorado era um grande desejo. Então, naquela época eu me preocupei menos em decidir – eu falei: “bom, decisão, ela virá no decorrer do tempo – e mais em fazer a única coisa que eu tinha certeza que naquele momento eu queria pra minha vida profissional, fosse ela qual fosse depois, que era entrar no doutorado. Então, realmente continuava em dúvida, mas a dúvida não me influenciaria na minha escolha de entrar no doutorado (Ruth).

Decidir em que medida investir (ou não) em outras frentes de carreira, para além daquelas em que já estavam inseridos profissionalmente quando da conclusão do doutoramento, consiste no principal dilema com o qual a maioria dos participantes da pesquisa alega se defrontar, em maior ou menor intensidade, na trajetória posterior à titulação. Isso porque a certificação de doutor em Psicologia abre aos egressos novas perspectivas de inserção na vida de trabalho, ampliando, portanto, seus horizontes de ação, sobretudo em relação às possibilidades de vínculos com a área acadêmica (McAlpine e Amundsen, 2016, 2018; McAlpine, Amundsen & Turner, 2014).

Relatos sobre a confrontação com esse dilema somente estiveram ausentes nas narrativas de três entrevistados, que chegaram ao final do doutorado com uma decisão relativamente mais bem estabelecida de não investir em projetos de inserção profissional acadêmica (Cecília, Jorge e Lygia). Um ponto em comum na trajetória desses três participantes diz respeito ao fato de terem cursado o doutorado já dispendo de uma inserção profissional bem consolidada, atuando como psicólogos em contextos não acadêmicos. Quando iniciaram o doutorado, Cecília e Lygia eram servidoras públicas em carreiras de relativa notoriedade social e institucional, com condições profissionais qualificadas por ambas como “satisfatórias” em

relação a vários aspectos: condições de trabalho, reconhecimento profissional, retorno financeiro e estrutura de carreira. Jorge, por sua vez, descreve uma trajetória de relação com a clínica bem sucedida e satisfatória desde o término da graduação – algo, aliás, incomum entre os entrevistados que iniciam a atuação profissional na área clínica.

Ressalvadas essas três exceções, o período que sucede o doutoramento aparece na fala dos entrevistados como perpassado pelo confronto com a necessidade de se haver com os rumos que desejam dar às suas carreiras, em especial no que tange ao campo de atuação profissional e aos tipos de vínculo com o trabalho. Mesmo para aqueles egressos que no momento da defesa já se encontravam inseridos em funções acadêmicas (pesquisa e/ou docência), o título de doutor abre portas a outras perspectivas de vínculo com essa área: ingressar na docência em cursos de pós-graduação *stricto sensu*, fazer um estágio pós-doutoral, candidatar-se a uma vaga na carreira acadêmica no serviço público ou ampliar o vínculo com a docência aceitando convites para ocupar cargos de dedicação integral em instituições privadas de ensino.

Sendo o objetivo central deste trabalho compreender os fatores envolvidos nas decisões e nos direcionamentos da carreira dos sujeitos investigados após o doutoramento, a análise das narrativas concentrou-se em identificar os fatores que mais costumam pesar em momentos de decisões importantes em relação aos rumos profissionais. O dilema que se apresentou como o mais explicitamente presente na trajetória dos entrevistados guarda relação com a gestão dos investimentos na carreira em termos de uma maior ou menor vinculação com a área acadêmica. Em relação a essa questão, dois fatores se destacaram como os que mais decisivamente contribuem para configurar o posicionamento assumido pelos egressos: a) as percepções que têm sobre o contexto sociolaboral, especialmente no tocante às características do mercado de trabalho e da atuação profissional na área acadêmica; e b) a relação de satisfação com a atuação profissional fora da vida acadêmica.

3.1 Percepções sobre o contexto sociolaboral

A maneira como os egressos percebem as características do contexto sociolaboral constitui, conforme abordado anteriormente, o que McAlpine e Amundsen (2018) e McAlpine, Amundsen e Turner (2014) nomeiam como “estruturas de oportunidade”. Como ilustraremos mais adiante, muitos dos cálculos e dos planejamentos realizados pelos egressos em relação às suas carreiras são afetados pelas percepções que encerram acerca das condições sociolaborais presentes nos diferentes momentos de suas trajetórias de vida de trabalho. Tais condições estão constantemente sujeitas a deslocamentos e reconfigurações, na medida em que se conectam a

fatores de ordens diversas, como situação econômica do país, políticas governamentais, relação entre disponibilidade e capacidade de absorção da mão de obra etc.

Cabe contextualizar que a coleta de dados desta pesquisa ocorreu em uma conjuntura social, política e econômica bastante particular. O primeiro semestre de 2022 marca o início do terceiro ano da crise sanitária global provocada pela pandemia de COVID-19. A despeito de não dispormos ainda de elementos suficientes para estimar com precisão todas as reais consequências provocadas por essa crise, já é possível reconhecer, a partir de estudos preliminares, seus efeitos em diversas instâncias da vida social. Para ficar somente nas áreas que mais diretamente interessam a este estudo (educação superior, saúde e trabalho), há evidências de que as condições deflagradas pela pandemia têm acarretado a intensificação de processos que já estavam em curso há pelo menos duas décadas, como a expansão do ensino a distância (EaD), a precarização das condições trabalhistas, o ofuscamento das fronteiras entre trabalho e vida pessoal, dentre outros (Souza, Barros, Dutra, & Gusmão, 2021; Silva et al., 2021, Souza, 2021).

Soma-se às situações desencadeadas pela crise sanitária toda a conjuntura política e econômica vivida pelo país nos últimos anos. Os efeitos da crise econômica internacional que atingiu em cheio os países capitalistas em 2008 começam a ser sentidos no Brasil principalmente a partir de 2011, dando início a um processo de retração dos investimentos estatais no campo das políticas sociais, dentre as quais a expansão do acesso ao ensino superior (Mello & Rossi, 2018). O impeachment da presidenta Dilma Roussef, ocorrido em 2016, representou não só uma troca no comando do poder executivo nacional, mas toda uma transformação no jogo de forças políticas que compõem o parlamento brasileiro, criando condições para uma guinada ainda mais radical quanto à adesão do Brasil aos valores neoliberais na condução dos rumos da política econômica do país. Esse processo se radicalizou a partir de 2019, com a ascensão ao poder de um governo com um viés ultraconservador, autoritário e ainda mais neoliberalizante que o anterior (Andrade, Cortês, & Almeida, 2020).

Entre 2016 e 2022, esteve no centro da agenda governamental a implementação de políticas e reformas marcadas pela tônica do acirramento da austeridade fiscal, sobretudo para gastos sociais, da privatização do Estado, do enfraquecimento de direitos trabalhistas, da restrição dos investimentos públicos em educação e pesquisa e do desmantelamento de políticas públicas voltadas à promoção do bem-estar social. Essa conjuntura impactou fortemente campos de atuação historicamente ocupados por psicólogos e doutores em Psicologia (como instituições de ensino superior, serviços assistenciais, políticas públicas etc.), reduzindo a

amplitude das perspectivas de inserção profissional e precarizando as condições de trabalho mesmo dos profissionais já inseridos no mercado.

Não é possível compreender a avaliação que os egressos fazem sobre o contexto sociolaboral no qual estão inseridos sem levar em consideração a discrepância entre a atual situação política e econômica do país e as condições existentes no período em que decidiram fazer o doutorado. A maioria dos entrevistados constituiu seu projeto de prolongamento da formação acadêmica em um cenário marcado por relativo aumento do investimento público nas áreas de pesquisa e educação superior. Independentemente do interesse em seguir ou não a carreira acadêmica quando do início do doutoramento, cursar um mestrado ou um doutorado tinha, para praticamente todos os entrevistados, o significado de investimento na qualificação como pesquisador e, portanto, como um agente capacitado para contribuir com o progresso do conhecimento científico em um país que se apresentava ao mundo como uma potência científica em ascensão (Cirino, 2010).

Por diversas vezes, no decorrer das entrevistas, a questão das mudanças na conjuntura sociolaboral foi abordada pelos entrevistados. O aspecto que mais se destaca em relação a essa comparação com o passado diz respeito à retração dos investimentos públicos em pesquisa e ao escasseamento das oportunidades de inserção profissional na área acadêmica, sobretudo a partir de 2013:

É bom a gente ter em vista, também, [...] os períodos governamentais. Eu entrei pro doutorado no penúltimo ano do governo Lula [2009], então a gente estava ali em lua de mel com o “Brasil Grande”. “Ah, o Brasil tá crescendo, a universidade expandindo, REUNI, verba pra pós-graduação, o Brasil potência mundial, pesquisa...”. O Brasil era dos países que mais publicavam no mundo [...]. Quando eu entrei pra universidade federal [em 2014], já estava tendo pouquíssimo concurso [...]. Eu já sabia que ia ser assim, que ia ser mais difícil, que não era muito certo, que ia ser mais concorrido (Vinícius)

Eu já formo no final do primeiro governo Dilma [2013], quando você já tem sinais claros de uma recessão sendo instaurada. Inclusive, concurso já diminui muito. No começo do meu doutorado tinha concurso igual água; era assustador a quantidade de concurso que tinha quando eu estava fazendo doutorado. Mas, quando eu termino o doutorado, o número de concurso já reduz bastante (Érico).

O aumento da competitividade na busca por uma inserção profissional acadêmica produz efeitos diferenciados, a depender do tipo de contexto de atuação que se leva em consideração, se o serviço público ou a iniciativa privada. No que diz respeito ao projeto de ingressar como docente em instituições de ensino superior (IES) públicas, a consequência mais evidente é o aumento da concorrência na disputa por uma vaga, o que amplia consideravelmente o rol dos aspectos a serem considerados pelos egressos no momento de optar por investir ou não nessa modalidade de carreira. Em um cenário de oportunidades escassas, cresce a amplitude

das renúncias, de ordem objetiva e subjetiva, impostas tanto para acessar quanto para chegar em condições competitivas às poucas oportunidades que surgem.

Parte dessas renúncias começa a ser enfrentada já por ocasião do planejamento logístico para prestar um concurso público na área acadêmica. Considerando a escassez de oportunidades de concurso na cidade ou na região de residência do egresso, não é incomum que o surgimento de vagas ocorra em locais que demandem gastos consideráveis com deslocamento e hospedagem. Junte-se a isso uma característica comum nos certames dedicados a selecionar docentes em IES públicas, qual seja, a organização em várias etapas, exigindo dos postulantes não só a realização de mais de uma viagem para o local de execução das provas como, eventualmente, a permanência na cidade, com hospedagem por dias consecutivos em caso de aprovação para etapas que envolvam arguições ou provas didáticas. Essa última imposição, em especial, dificulta consideravelmente a participação de egressos com vínculos empregatícios, na medida em que gera constrangimentos de ordens diversas, dentre os quais a necessidade de negociar com os empregadores a ausência no trabalho para concorrer a uma outra vaga de emprego.

Eu estou vivendo no momento atual muito nesse sentido de uma certa frustração com o quanto que a área acadêmica é difícil; é um investimento muito alto pra um ganho muito pequeno se você pensa na carreira em instituição federal. São raros os concursos. Eu estou falando concursos em Belo Horizonte. Porque para eu ir pra outra cidade é muito complicado. Eu já até desanimei porque geralmente você tem que ficar uma semana na cidade; eu dou aula de segunda a sexta; como que eu vou falar com a instituição que eu vou ficar uma semana fora pra fazer um concurso? (Carolina).

Há de se ter em conta, também, os custos subjetivos gerados pelo aumento da concorrência por uma vaga em IES pública. Um aspecto já destacado por Carolina, no trecho acima reproduzido, tem a ver com a escassez de oportunidades na atual cidade ou região de residência do egresso. Para além, contudo, das imposições de ordem financeira suscitadas pela necessidade de deslocamento para participação na seleção, há a questão do quanto cada um, se aprovado, estaria disposto a sacrificar, considerando o distanciamento do local onde dispõe de laços sociais, familiares, profissionais e afetivos.

Eu nunca quis sair muito de Belo Horizonte. Então, essa ideia de fazer doutorado e, pra ser professor de uma universidade pública de qualquer forma, nem que eu mude pra qualquer lugar do Brasil, eu já não topava isso e não topo isso hoje [...]. Pra mim, tinha uma questão que eu queria ficar aqui. Eu só sairia daqui se fosse pra uma cidade próxima daqui; alguma cidade que eu goste muito. Não estava disponível pra ir pra qualquer lugar (Érico).

Eu não toparia largar meu consultório pra mudar pra outra cidade, então só se abrisse um curso de Psicologia na UFOP [há 100 quilômetros de Belo Horizonte], por exemplo, talvez eu tivesse topado à época e tal. Então, ainda tinha um pouco de desejo nesse sentido. A minha [disponibilidade para deslocamento geográfico] é praticamente zero [...], principalmente do ponto de vista da clínica, mas também do ponto de vista pessoal (Ariano).

Então, no passado eu cheguei a cogitar a possibilidade de tentar concursos em outras cidades – em outros estados, inclusive – mas, no momento, eu não estou pensando nisso mais não. Primeiro, porque eu gosto de morar em Belo Horizonte, já tenho toda uma inserção profissional aqui e um reconhecimento entre os pares, então acho complicado isso de recomeçar. Quando a gente tá no início da carreira profissional, tudo bem, mas não é meu caso, aí eu acho isso um pouco desagradável. Carolina).

Outro aspecto que apareceu de forma recorrente nas entrevistas foi a percepção do quanto o projeto de inserção profissional acadêmica no serviço público demanda, em um contexto de intensificação da concorrência, um nível de dedicação em termos de tempo e esforço que se choca frontalmente com outros projetos pessoais e profissionais de alguns egressos, dentre os quais, principalmente, o investimento na carreira na qual já se encontram inseridos e a busca pela qualidade de vida fora do trabalho. As falas de Aluísio e Lygia, apresentadas a seguir, são exemplificativas disso. Quando perguntados sobre os aspectos levados em consideração ao avaliarem a possibilidade de investir na carreira acadêmica, ambos acabam destacando a questão do sacrifício do tempo como um elemento importante.

[O desejo de seguir carreira acadêmica] esfriou, mas não morreu, sabe? É uma coisa que ainda existe na minha cabeça; eventualmente, eu me pergunto como seria conduzir um semestre com uma turma [...]. É uma coisa que tá ali, mas eu também não estou querendo me sacrificar demais por isso, ficar também me desgastando muito, perdendo muito tempo com elaboração de aula, então eu fico diante de um certo impasse. A coisa me interessa, me toca, mas, ao mesmo tempo, será que eu estou querendo também sacrificar muitos fins de semana em função disso, muitos períodos noturnos por causa disso? (Aluísio)

Eu acho que isso foi me mostrando que ali [na área acadêmica] havia uma frente de trabalho que era outra, e que ia me demandar muito investimento, no sentido de ter que ter tempo, de dedicar fim de semana e eu já estava em outro momento. Não querendo mais tanto trabalho. Talvez se eu fosse mais jovem, se eu tivesse feito o doutorado mais no início da carreira. Mas no momento em que eu fiz, eu já não estava querendo mais esse investimento hercúleo, vamos dizer assim. Porque eu já tenho um grande investimento aqui no [atual trabalho] e ainda tenho a clínica [...]. Então, eu acho que ia diversificar muito a minha atuação profissional, me exigir muito investimento, tempo, e eu já fiquei satisfeita com a formalização do doutorado e acho que não seria uma coisa importante pra mim investir na vida acadêmica. Deixou de ser uma questão (Lygia)

De fato, ao analisarmos as narrativas dos egressos que se encontram inseridos profissionalmente em carreiras acadêmicas, como docentes em IES públicas, é comum nos depararmos com relatos de vários sacrifícios e renúncias no decorrer de suas trajetórias, vistos como necessários não só para o ingresso como para a própria permanência nessa carreira. Primeiramente, é preciso observar que os três participantes da pesquisa que se encontram na condição de docentes em universidades federais residem atualmente em cidades consideravelmente distantes, seja de Belo Horizonte, onde se graduaram, seja das cidades onde reside a maior parte de seus familiares mais próximos. Apesar de não relatarem insatisfações com essa situação, não é incomum aparecer em suas narrativas descrições sobre concessões que

precisaram fazer para viabilizar a inserção profissional acadêmica em IES públicas, como distanciamento da família de origem e adaptação às características climáticas da região de destino.

Os maiores sacrifícios, entretanto, aparecem nas descrições que esses três egressos fazem quando narram sobre o contexto de atuação profissional que enfrentam no âmbito das universidades públicas. Cada um busca enfatizar uma dimensão de sacrifício que, direta ou indiretamente, acaba impactando na questão da gestão que fazem do tempo, seja do ponto de vista das fronteiras entre vida pessoal e trabalho, seja no contexto da atuação dentro da própria universidade, dadas as dificuldades para se conciliar uma dedicação satisfatória em frentes de trabalho tão amplas e distintas ligadas à vida acadêmica (ensino, pesquisa, extensão, demandas burocráticas etc.). Hilda, por exemplo, viu a sua atuação como pesquisadora bastante dificultada devido ao seu envolvimento com cargos ligados à gestão institucional na universidade em que atua:

Assumi a coordenação do curso e, da coordenação do curso e da minha participação no Conselho Universitário, surgiu um convite pra eu assumir uma função na Procuradoria Institucional [...]. Eu fiquei um bom tempo nessa função, o que me exigia viajar muito. Eu ia muito a Brasília, a gente tinha que ter muitos encontros com as secretarias designadas pelo MEC pra avaliação das universidades públicas e também das universidades privadas. Já teve semana de eu chegar, de nem trocar de roupa, e ter que viajar de novo. Então, teve esse comprometimento, porque eu não posso estar na universidade, no laboratório, é difícil orientar alunos; a própria escrita também, redação de artigos (Hilda).

Já Clarice cita, no decorrer da sua entrevista, uma série de exemplos de atividades burocráticas para as quais é designada a executar na universidade em que atua, consumindo tempo e energia que, a seu ver, poderiam ser melhor aproveitados em funções de docência e pesquisa. É importante destacar que tais atividades dizem respeito não só ao trabalho burocrático ligado ao fazer acadêmico propriamente dito, mas a tarefas administrativas do cotidiano organizacional, como realização de inventário patrimonial da repartição ou questões referentes à gestão da carreira docente.

Tem umas coisas, de umas obrigatoriedades, que eu não sabia. Eu tenho que estudar tanto Direito, de toda a legislação pra estar se defendendo o tempo todo. Eu sabia que ia ter alguma coisa disso, mas eu não sabia que era pela via de estudar Direito. Dá vontade de fazer uma graduação em Direito pra você poder se comunicar com as pessoas e saber como se referir, porque tem uma exigência burocrática enorme [...]. Então, assim, isso me exige, [...] e isso é prioritário a Ensino, Pesquisa e Extensão (Clarice).

A respeito dessa questão da gestão do tempo no âmbito da carreira acadêmica em IES públicas, cabe mencionar o aparecimento de um tema, muito recorrente na literatura internacional dedicada a analisar a vida profissional no campo da docência e da pesquisa no ensino superior, que é o da sobreposição entre trabalho e vida pessoal (Allmer, 2018; Butler,

Dlaney e Śliwa, 2017; McAlpine e Amundsen, 2018). Dentre os entrevistados, Vinicius é quem, de maneira mais analítica e reflexiva, consegue sintetizar como essa questão costuma estar presente na trajetória daqueles que optam por uma carreira ligada à vida acadêmica:

A vida acadêmica, ela tem uma coisa de um trabalho muito autoral. Então, tem um “canto de sereia” o tempo inteiro de te colocar com uma implicação muito grande com o seu trabalho. Então, a universidade, sobretudo a universidade pública [...], ela tem uma coisa muito traiçoeira: ela te dá ao mesmo tempo o teu salário, ... com dignidade, mas não só isso. Porque se você tivesse um trabalho que te desse um sustento com dignidade, tudo bem. Mas a universidade, como tem essa implicação, que é uma implicação ao mesmo tempo profissional, mas também ética e existencial, [...] a gente tem a ilusão de que o nosso trabalho tá contribuindo para um mundo melhor, que nós estamos aqui lutando contra forças obscuras [...]. Não que eu ache que a gente não tenha uma função importante nisso, mas a universidade te dá essas coisas: uma satisfação ética e uma satisfação existencial. Isso acaba atolando a sua vida. Você não tem espaço livre fora da universidade mais. Se você quiser trabalhar 18 horas por dia, você trabalha. Tem épocas que é assim: eu acordo de manhã e trabalho até cinco da manhã do dia seguinte, dormindo pouco, semanas e mais semanas (Vinicius).

Já as percepções acerca do contexto de trabalho nas IES privadas são, por sua vez, marcadas pela ênfase na questão da precarização das condições do trabalho docente. Não se trata de afirmar que essa percepção esteja ausente entre os egressos que atuam em IES públicas federais. A propósito, como vimos, ainda que de uma maneira menos direta, a questão da precarização aparece nas falas relativas às percepções sobre a atuação profissional acadêmica na esfera das universidades públicas. Em ambos os cenários de exercício da atividade acadêmica (serviço público e setor privado) são relatados processos de burocratização, aumento do número de estudantes por docente, sobrecarga de trabalho, estímulo à cultura da competitividade entre os pares, degradação das relações interpessoais, dentre outros. Entretanto, o diferencial entre as duas realidades de atuação acaba sendo percebido no momento em que entra em questão os tipos de vínculos de trabalho dos egressos com as instituições em cada um desses cenários.

Eu tenho várias amigas em federais e elas também reclamam da precarização das condições, também de muitos trabalhos burocráticos; eu tenho alguns amigos que falam muito – porque eu conto as coisas da [universidade que trabalho atualmente] pra elas e elas falam: “olha, a única diferença é que no meu [cargo] eu tenho uma estabilidade, mas tudo isso que você está contando aí eu faço também; só que eu dou menos aula que você, mas esses trabalhos burocráticos eu faço demais também” (Carolina).

A manutenção de direitos trabalhistas como a estabilidade e os planos de carreira, que valorizam a qualificação profissional, possibilita aos docentes inseridos no serviço público pelo menos uma melhor posição em termos de autonomia para criticar as condições de trabalho, para resistir a certas imposições institucionais e, na medida do possível, para escolher engajar-se em atividades de maior afinidade com seus interesses profissionais e intelectuais. Já entre os docentes que atuam em IES privadas, por disporem de uma condição trabalhista de caráter

contratual (e não estatutário), prevalece uma percepção de maior vulnerabilidade para negociar condições mais satisfatórias de trabalho.

Foram recorrentes no decorrer das entrevistas relatos de processos de precarização das condições do trabalho docente nas IES privadas, o que nos permite observar que nem mesmo funções altamente especializadas e trabalhadores com níveis elevados de qualificação, como os doutores, estão alheios aos processos mais amplos de desestabilização do mundo do trabalho. A maioria dos entrevistados com inserções atuais ou anteriores no contexto acadêmico privado relatam situações, vivenciadas por si ou por colegas de profissão, de “pejotização”¹⁴ do trabalho docente, contratações informais, diminuição da carga horária ou mesmo demissão sem prévia comunicação, ampliação do volume de trabalho sem contrapartida salarial, aumento do número de estudantes por disciplina, fragmentação da jornada semanal de trabalho ao ponto de inviabilizar o engajamento em outras atividades profissionais como complemento de renda, recusa de aumento salarial em decorrência de incremento na titulação e até mesmo demissões motivadas pelo aumento da qualificação (estratégia praticada por IES privadas para não arcar com custos decorrentes de uma mão de obra melhor qualificada¹⁵).

Outros elementos narrativos poderiam ser apresentados, mas consideramos que os que até aqui foram listados são suficientes para a sustentação do argumento de que a precarização do trabalho docente, sobretudo no contexto das IES privadas, configura-se um fator de forte impacto sobre o modo como muitos dos egressos que não se inseriram na carreira acadêmica no serviço público visualizam a sequência de suas carreiras. Ainda que nem todos aqueles com inserção profissional em IES privadas estejam atualmente vivenciando ameaças diretas de descontinuidade na carreira (demissão, informalidade, “pejotização” etc.), eles não podem ignorar a intensificação da tendência de uma investida cada vez mais pujante dos cânones neoliberais na condução dos rumos do ensino superior no país.

Essa percepção tem desempenhado um papel importante na redefinição dos horizontes de ação de alguns egressos que vislumbraram, em algum momento de suas trajetórias profissionais, o trabalho acadêmico no ensino privado como perspectiva de carreira. Os exemplos de Adélia, Érico e Carolina são emblemáticos a esse respeito. Com históricos de inserções profissionais relativamente qualificadas no ensino privado, em instituições nas quais

¹⁴ A “pejotização” refere-se à prática de contratar serviços de uma pessoa física por meio de uma pessoa jurídica (PJ), muitas vezes com o intuito de reduzir encargos trabalhistas e tributários para a parte contratante. Essa estratégia implica na transformação de uma relação de emprego em uma relação comercial, utilizando a condição de pessoa jurídica como intermediária de um vínculo trabalhista.

¹⁵ Sobre essa questão, ver Lopes (2021).

durante algum tempo vislumbraram perspectivas de crescimento profissional e exercício de uma prática acadêmica satisfatória em termos de incentivo para progressão na carreira como docente e/ou pesquisador, os três vivem, atualmente, em face do cenário de precarização das condições de trabalho no ensino privado. Sem disposição pessoal para grandes deslocamentos geográficos para uma inserção no serviço público, passam por um momento de retomada de um projeto de vida de trabalho atrelado ao investimento na atuação clínica.

Até 2018 eu não pensava mais em tentar concurso em universidade federal; pensava em ficar só no serviço privado, já que era uma coisa muito bacana, de grande realização financeira e profissional. Infelizmente, de 2018 pra cá a coisa piorou demais; esse sucateamento do próprio modelo capitalista neoliberal de educação, que está cada vez pior e que a pandemia só intensificou [...]. Aí, eu comecei a pensar: “será que não é o caso de tentar um concurso, já que a coisa está ficando complicada [porque] está tendo um sucateamento da instituição privada?” O que eu pretendo a partir de agora é, a princípio, não estou pensando em fazer outro concurso público, só se aparecer alguma coisa que eu ache que vale muito a pena. Se não, o que eu pretendo é retomar o consultório, de repente montar uma clínica pra dar supervisão (Carolina).

O horário da [universidade onde trabalho] está muito difícil, [...] então aluguei uma sala e uma coisa foi puxando a outra e eu estou nesse meu momento, de querer investir muito na clínica, de estudos; estou entrando num cartel agora [...]. A conciliação tá sendo essa. Muito sofrimento, porque os horários da [universidade] estão piorando, ficando mais picados (Adélia).

Se você me perguntar hoje: “vida dos sonhos?” Trabalhar para escrever, produzir para escrever, então pesquisar para escrever e dar pouca aula. Seria meu sonho. Mas eu acho que isso não vai ser possível, eu estou negociando isso já, e aí não dá pra jogar tudo numa aposta só. Eu estou tentando ver em que medida eu posso direcionar o meu trabalho pra escrita e pra clínica de modo que, se eu não tiver um espaço na universidade que eu ache saudável, este vai ser o meu caminho: a clínica e a escrita (Érico).

Fica nítido, portanto, que predomina entre os participantes desta pesquisa uma percepção majoritariamente negativa sobre as condições de trabalho no contexto sociolaboral atual na área acadêmica, seja no serviço público, seja no serviço privado. Tal percepção produz impactos importantes sobre a forma como os egressos se posicionam em relação aos dilemas que enfrentam em suas trajetórias posteriores ao doutoramento. É importante considerar, contudo, que a influência dessas percepções sobre a decisão de carreira dos egressos não prevalece especificamente na esfera das disposições para seguir ou não uma atuação acadêmica, mas no investimento que passam a estar dispostos a dedicar a essa vertente de atuação, tanto para nela se inserir como para nela se manter. Evidentemente, como buscaremos abordar na sequência, esse não será o único fator determinante. O quanto cada egresso encontra de sentido nas alternativas profissionais para além da área acadêmica é também um fator importante para compreender as suas decisões em termos de investimento na carreira.

3.2 Satisfação com a atuação profissional não acadêmica

A afinidade com o fazer acadêmico (pesquisa, docência, orientação, escrita etc.) certamente se constitui num elemento motivador relevante para a definição de muitas das decisões de carreira tomadas pelos egressos ao longo de suas trajetórias, começando pela própria resolução de cursar um doutorado. No entanto, a despeito de continuar operando como um fator de motivação importante para a persistência do vínculo com os estudos e com a pesquisa, inclusive depois do doutoramento, essa afinidade pouco ajuda a compreender as lógicas que orientam as decisões de carreira em face dos dilemas surgidos com o alargamento das possibilidades resultantes da titulação. Quanto a esse aspecto, verificamos que a relação de maior ou menor satisfação com a atuação profissional como psicólogo fora da área acadêmica dispõe de um valor analítico muito mais consistente, conforme buscaremos demonstrar.

Um dos temas abordados com os participantes durante as entrevistas foi o da dupla vertente que caracteriza o campo de possibilidades de atuação profissional de psicólogos doutores: a alternativa de investir na atuação profissional como psicólogo fora da área acadêmica (em contextos clínicos, organizacionais e institucionais diversos) e a opção de atuar academicamente na área de ensino e/ou pesquisa (em IES públicas ou privadas). Ao analisar os sentidos presentes nas narrativas dos egressos ao descreverem a relação de satisfação que mantêm com a atuação profissional fora da academia, constatamos ser possível diferenciar dois perfis de posicionamento bastante distintos: 1) parte dos entrevistados afirma não se satisfazer profissionalmente na atuação não acadêmica como psicólogo; 2) outra parte, ainda que com diferentes modulações, manifesta conseguir encontrar satisfação na atuação profissional como psicólogo fora da área acadêmica. Nos trechos a seguir, é possível verificar as diferenças entre esses dois perfis:

- 1) Não se reconhecem subjetivamente na atuação profissional (não acadêmica) como psicólogo:

Na verdade, eu nunca quis ser psicólogo. Assim, psicólogo, psicólogo, essa não era uma questão para mim. Minha questão era o que eu ia fazer da vida [...]. Eu tinha algumas possibilidades e daí a vida acadêmica apareceu. Mas não era para mim uma coisa: “oh, terei que abrir mão da vida clínica, do meu cargo de psicólogo de RH, ou da minha carreira de psicólogo clínico”. Não, nunca foi uma questão. Eu nunca estive às portas de ser psicólogo clínico. Atendi uns casos, ali meio na ressaca da graduação, mas nunca foi uma questão (Vinicius).

Tudo o que eu queria era não ser psicóloga [risos]. Principalmente as experiências que eu tive em estágio. Tinha uns estágios curriculares e os não curriculares, os não obrigatórios que a gente deveria fazer. Eu fiz o estágio curricular na área de análise experimental do comportamento e fiz um estágio extracurricular na área de recursos humanos. A única certeza que eu tinha era de que aquilo eu não queria [...]. Nunca cogitei outra possibilidade a não ser a carreira acadêmica. Tudo o que eu queria era não ser psicóloga [risos] (Hilda).

2) Conseguem encontrar satisfação na atuação profissional como psicólogo fora da área acadêmica

O meu maior vínculo, vamos dizer assim, é com a clínica. Eu gostava muito de dar aula, mas clinicar pra mim é onde eu me divirto mais ainda. Eu adoro, né? Todo o dia que eu vou pro consultório, eu me levanto feliz, adoro ir pra lá. E uma coisa interessante, que outros psicólogos comentam comigo, é que eu não me canso. Então o pessoal fala assim: “Nossa, eu consigo atender três, quatro, cinco no dia, no máximo, e depois eu fico fatigado”. Pra mim não é um trabalho cansativo (Jorge).

Quando eu comecei a minha formação no mestrado, eu também não tinha experiência de clínica [...]. Então, era uma experiência ainda imaginada e eu acho que, à medida que eu fui tendo essa experiência, eu acho que eu fui gostando mais [...]. Antes de começar, era uma perspectiva do que eu achava que ia ser, e eu acho que eu gostei mais do que eu podia imaginar (Ruth).

É interessante observar que as duas falas usadas para ilustrar o perfil daqueles que manifestam não se reconhecerem atuando como psicólogos fora da academia (Vinicius e Hilda) apareceram em narrativas de egressos atualmente inseridos exclusivamente em funções acadêmicas. Ambos são atualmente docentes concursados em universidades públicas federais. No caso de Hilda, essa inserção se deu antes mesmo da conclusão do doutorado, mediante a realização de um concurso ocorrido em uma instituição localizada a aproximadamente 1.600 quilômetros de Belo Horizonte e 1.300 quilômetros de sua cidade natal. Vinicius, por sua vez, inseriu-se como docente em uma universidade federal após a conclusão do doutorado. No entanto, já antes da aprovação no concurso, mudou-se para a cidade onde está situada a universidade pública na qual viria a ser admitido, em busca de maiores perspectivas de inserção profissional como docente e pesquisador, ainda que em instituições privadas: “Não tinha concurso há muitos anos na PUC [Minas]. Era uma complicação danada. E daí aqui [...] eu vi que tinha várias universidades que estavam abrindo seleção pra professor, tinha muita coisa rolando aqui na época. Aí eu vim pra cá” (Vinicius). Assim como Hilda, Vinicius também se mudou para uma cidade situada em outro estado, a aproximadamente 1.700 quilômetros de Belo Horizonte, sua terra natal.

Essa observação quanto à amplitude dos deslocamentos geográficos em busca de uma inserção profissional acadêmica em universidades públicas é importante para ilustrar o quanto a não visualização de satisfação subjetiva fora da área acadêmica predispõe os psicólogos doutores a estabelecerem como prioridade o investimento em uma inserção profissional mais consistente na carreira docente, ainda que isso custe, eventualmente, a realização de sacrifícios pessoais de significativos impactos biográficos.

Cabe, entretanto, ressaltar que isso não significa negar a interferência de outros condicionantes nessa decisão. Como destacam McAlpine e Amundsen (2018), a construção das

trajetórias profissionais e acadêmicas é somente uma parte de um processo muito mais amplo de constituição das trajetórias-identitárias, o que implica reconhecer que circunstâncias impostas por outras instâncias da vida, que não especificamente relacionadas ao trabalho, acabam por impactar o direcionamento das decisões de carreira assumidas pelos sujeitos. O caso de Clarice, outra participante que se encaixa no perfil de psicólogos doutores que não se reconhecem subjetivamente na atuação profissional fora da área acadêmica, é bastante ilustrativo a esse respeito. Clarice já ingressou no curso de Psicologia sabendo que gostaria de ser professora universitária.

Eu sou filha de professora [universitária], então, quando eu fiz a escolha pelo curso, eu queria ser professora universitária [...]. E aí, um dia, nós conversamos em casa que eu poderia ter qualquer curso pra poder ser professora universitária e que seria interessante que eu tivesse uma profissão. Então, eu comecei a estudar que curso eu gostaria; eu sabia que eu queria mexer com gente, então eu entrei na graduação sabendo que eu queria ser professora universitária. Eu fiz toda a minha trajetória na graduação pensando nisso (Clarice).

Clarice relata que, no decorrer da sua trajetória, desde a graduação, recebeu convites para prestação de serviços como psicóloga, mas sempre recusou em razão da sua decisão de priorizar a carreira acadêmica. Quando ingressou no doutorado, já contava com uma experiência de mais de seis anos na docência no ensino superior, fruto principalmente de uma inserção profissional como professora em um município localizado a mais de 500 quilômetros de Belo Horizonte, sua cidade natal. Ela afirma que voltou à capital mineira para cursar o doutorado e optou por se dedicar integralmente ao curso, do qual foi bolsista. Fez doutorado-sanduíche na europa, o que lhe despertou o desejo de realizar um pós-doutorado no exterior. O planejamento de ser mãe, entretanto, e a inviabilidade da ida do esposo para outro país para acompanhá-la durante o estágio pós-doutoral, acabaram por fazê-la desistir da realização do pós-doutorado em uma universidade estrangeira. “Aí, quando eu defendi, eu fiquei pensando de eu ir pra Espanha, mas era incompatível com esse projeto, sabe? A gente já estava tentando [engravidar], era incompatível com esse projeto, ele não poderia ir comigo, e a idade passando, né?” (Clarice). Além disso, o vínculo de emprego do esposo com uma empresa estatal com atuação circunscrita ao estado de Minas Gerais acabou por limitar a sua disponibilidade de deslocamento geográfico às fronteiras do estado. Isso fez com que concentrasse os esforços de preparação para concursos nas oportunidades surgidas em universidades públicas mineiras. Em 2019, quatro anos após a defesa da tese, conseguiu ser aprovada em um concurso para atuação em uma universidade pública do interior de Minas.

Embora os sujeitos dos três casos que utilizamos para ilustrar o perfil daqueles que não se identificam com a atuação como psicólogo estejam com inserções profissionais

exclusivamente ligadas à academia, nem todos os que se encontram nessa condição podem ser associados a esse perfil. O já comentado exemplo de Carolina é emblemático nesse aspecto. Hoje com carreira totalmente acadêmica, ela não só já teve inserções profissionais em contextos não acadêmicos como cogita voltar a investir na atuação como psicóloga. Empregada em uma instituição privada de ensino, lamenta a precarização da função docente e se mostra aberta a frentes futuras de trabalho, que não diretamente associadas à docência ou à pesquisa. No entanto, cita como barreira para a realização dessa reorientação nos rumos da carreira a percepção de que o trabalho de psicólogo também passa por um momento de precarização, sobretudo no que diz respeito à remuneração e a perspectivas profissionais.

Voltar pra política pública eu acho que é difícil conciliar porque eu não tenho interesse de voltar pra política pública pra cargo técnico, porque o salário é muito baixo [...]. Pra voltar pra política pública, só se fosse pra assumir esses cargos de gestão, como eu tive, porque aí o salário vale a pena (Carolina)

Um aspecto evidenciado pela análise das narrativas é que o encontro de satisfação profissional na atuação como psicólogo está diretamente relacionado a uma menor predisposição para aderir ou se adequar às exigências atualmente requeridas para uma vinculação mais integral e consistente com a carreira acadêmica. Como já problematizado, em um cenário marcado por restrições de investimentos em políticas de expansão do ensino superior e na produção de conhecimentos científicos em Psicologia e áreas afins, inserir-se profissionalmente na área acadêmica torna-se um projeto que vem acompanhado de imperativos aos quais nem todos estão dispostos a se submeter. É nesse sentido que a percepção sobre uma maior ou menor possibilidade de se satisfazer profissionalmente também no trabalho como psicólogo será decisiva para influenciar o planejamento e o direcionamento dos investimentos na carreira.

[Durante o doutorado] ainda tinha essa dúvida: “será que eu vou investir na academia, será que eu quero isso, será que isso vai ser viável, que eu vou encontrar um lugar pra isso na minha vida?”. E aí eu acho que ao longo do trabalho do doutorado foi ficando claro que era um trabalho hercúleo... Então, isso acho que foi respondendo a essa questão, a essa dúvida. Eu falei: “acho que não preciso disso, eu acho que eu posso investir na clínica e continuar com o meu trabalho como já é” [...]. Eu acho que isso foi me mostrando que ali havia uma frente de trabalho que era outra, e que ia me demandar muito investimento, no sentido de ter que ter tempo, de dedicar fim de semana, e eu já estava em outro momento, não querendo mais tanto trabalho (Lygia).

Eu decidi, depois do doutorado, nunca mais pisar numa universidade; eu não quero saber de pesquisa mais. Por que? Porque eu descobri que os pesquisadores eram um problema, eu descobri que as pessoas que fazem pesquisa é que são o problema. Vamos dizer assim, o clima, o que você tem que viver dentro de uma universidade pra produzir conhecimento, eu não estou disposto a pagar esse preço mais porque eu estou velho, eu tenho pouco tempo de vida. Aí entra a Teoria da Seletividade Socioafetiva, que diz assim: “quanto menos tempo de vida a gente tem, mais seletivo a gente fica”. Então, com 20, 30 anos, eu estava disposto a passar raiva, vamos dizer assim, a sofrer um estresse absurdo, uma série de violências morais, seja lá o que for [...].

Hoje em dia eu descobri que esse preço é muito alto. Então, eu não consigo me ver pagando esse preço de novo, de ter que aguentar as coisas que a gente precisa aguentar pra produzir conhecimento numa universidade (Jorge).

Não se trata de afirmar que aqueles que encontram satisfação profissional na atuação fora da academia não investem ou não almejam uma inserção acadêmica mais qualificada. No entanto, revelam-se menos resilientes ao enfrentamento de determinadas exigências, colocadas tanto pelas próprias particularidades relativas ao meio acadêmico (vaidades acadêmicas, contendas teóricas, cultura produtivista etc.) quanto pelas abdições que visualizam necessárias para conquistar uma inserção profissional nesse campo (dedicação demasiada de tempo, investimento financeiro para preparação e participação em concursos, prejuízos no desenvolvimento da carreira como psicólogo, dentre outras).

Para ilustrar essa constatação, enfocaremos aspectos da trajetória de dois entrevistados: Aluísio e Ariano. A análise dos currículos desses dois egressos evidencia que ambos construíram um percurso bastante alinhado aos imperativos da carreira acadêmica: publicações, participações e apresentações em congressos, engajamento em atividades acadêmicas (orientações, participação em bancas, atuação como pareceristas em periódicos científicos etc.) e envolvimento com grupos de estudo, para além dos relacionados às pesquisas de mestrado e doutorado. Ambos falam com apreço do fazer acadêmico, dizem-se realizados quando envolvidos em atividades ligadas à pesquisa, à docência, a pareceres técnico-científicos etc, mesmo que fora do contexto estritamente universitário. Não obstante, têm como área principal de atuação, atualmente, atividades fora da área acadêmica.

Aluísio, como ele próprio assinala, tem como “carro-chefe” a atuação como psicólogo hospitalar: “Eu tomo o Hospital das Clínicas como o meu carro-chefe; é de onde eu tiro o meu sustento e até a minha satisfação profissional neste momento” (Aluísio). Cogita se engajar, em um futuro próximo, em atividades docentes de cursos de pós-graduação, como forma de atender ao anseio por uma vinculação mais direta com o campo da formação profissional, vertente à qual já se dedica, no seu trabalho atual, exercendo a função de preceptoria de estágio. Ariano, por sua vez, tem a clínica como atividade profissional principal: “Sempre gostei muito da clínica, e aí, com o passar do tempo, a clínica foi assumindo mais espaço (Ariano)”. Trabalha também como docente, mas, por opção, somente em disciplinas de cursos de pós-graduação: “eu optei por sair da graduação e ficar dando aula em pós-graduações, que são temas que me interessam mais e matérias mais curtas, que não me tiram um turno inteiro, toda semana [...]. Nisso, o consultório foi crescendo (Ariano)”. Ele se mantém envolvido com grupos de estudo nacionais e internacionais relacionados ao campo teórico ao qual se vincula academicamente,

e fala com satisfação de ter sido, recentemente, convidado por uma editora de referência na sua área para publicação de sua dissertação de mestrado.

A despeito de estarem atualmente em realidades profissionais distintas, as percepções de Aluísio e Ariano sobre a carreira apresentam muitos aspectos em comum. Em primeiro lugar, ambos manifestam encontrar satisfação na atuação profissional como psicólogos não acadêmicos. Após um início de carreira marcado por muitas dificuldades, Aluísio diz ter se encontrado subjetivamente na atuação como psicólogo hospitalar, e considera satisfatórias as condições de trabalho na instituição em que está inserido. Ariano, em contrapartida, concluiu a graduação já com a intenção de atuar na área clínica, e até mesmo as suas inserções acadêmicas foram fortemente motivadas a buscar “soluções teórico-clínicas” capazes de subsidiar seu trabalho como psicólogo.

Um segundo aspecto em comum entre ambos diz respeito ao fato de não estarem dispostos a abandonar totalmente a relação com o fazer acadêmico e de demonstrarem um forte apreço por se manterem estudando e pesquisando, ainda que por meio de experiências não formais ou institucionalizadas de pesquisa. “Eu tenho meus esquemas de estudo próprios, estou sempre lendo algum livro teórico também, que de alguma forma me interesse, de um jeito mais livre, não tão formalizada e sistematizada como a academia me exigia antes” (Aluísio). “A conclusão do doutorado me coloca em um lugar mais – vamos dizer assim – mais nítido de referência intelectual [...] o que me possibilita dar grupos de estudos sobre o que eu tiver a fim e com pessoas superinteressadas” (Ariano).

A semelhança, entretanto, que mais nos interessa frisar entre ambos diz respeito ao fato de não estarem dispostos a sacrificar incondicionalmente seus investimentos profissionais para se inserir na área acadêmica. Aluísio vive um momento de dedicação mais ativa aos assuntos da psicologia hospitalar em que atua. Ele conta que, meses antes da entrevista, havia recebido um convite para assumir disciplinas numa prestigiada universidade privada de Belo Horizonte. A despeito de ter inicialmente se interessado pela proposta, acabou declinando do convite, após refletir que a experiência poderia prejudicar seu tempo de dedicação ao trabalho no hospital.

Na ponta do lápis, talvez fosse interessante iniciar um percurso na [universidade], tentar uma aproximação ali com aquela instituição, uma formalização maior com ela, talvez isso a médio e longo prazo fosse me render frutos interessantes. Mas o meu desejo ainda tá muito no hospital, sabe? Eu não conseguiria abrir mão daquela instituição, ela ainda faz muito sentido pra mim e o trabalho que é desenvolvido lá (Aluísio).

Ariano, por sua vez, é mais enfático ao destacar as circunstâncias que o afastam, atualmente, de um investimento mais focalizado na carreira acadêmica. Ao longo da sua entrevista, elencou diferentes incômodos pessoais com certas características que identifica

como inerentes ao cotidiano do trabalho acadêmico: disputas de poder nos contextos institucionais, cisões interpessoais provocadas por divergências teóricas, burocracias organizacionais e baixa autonomia para escolha dos temas lecionados. A satisfação oriunda da atuação como clínico, associada a um reconhecimento acadêmico proveniente da sua condição de referência teórica em assuntos do seu campo de estudos, propicia a Ariano uma condição de relativo apaziguamento subjetivo em relação ao seu atual momento de carreira. Tal condição o possibilita, inclusive, a estabelecer critérios de seletividade muito mais restritos e específicos para guiar as suas decisões: dar aula somente em cursos de pós-graduação, dedicar-se ao aprofundamento de temas do seu interesse e escolher com maior liberdade temas para pesquisar e lecionar.

Então, publicando sempre os artigos do mestrado em revista bem avaliada no Qualis Capes, mas ao mesmo tempo eu gostava muito da clínica, sempre gostei muito da clínica. E aí, com o passar do tempo, a clínica foi assumindo mais espaço, tanto no meu gosto e, ao mesmo tempo, você vai se aproximando de questões políticas, de Departamento [nas universidades], que são um pouco cansativas, com questões de uma rivalidade entre linhas teóricas que eu acho completamente descabidas da forma como as coisas são levadas. Fui tendo mais contato com o excesso de burocracia que envolve o vínculo, por exemplo, do professor com a UFMG, e ao mesmo tempo, com esse governo que assumiu, a gente ficou mais desgostoso com a universidade pública [...] e meu consultório acabou indo muito bem (Ariano).

Os exemplos de Ariano e Aluísio mostram que encontrar satisfação na atuação não acadêmica como psicólogo exerce um efeito atenuante sobre a intensidade do investimento na carreira acadêmica, sobretudo em um contexto como o atual, com estruturas de oportunidades tão restritas de inserção na área acadêmica. Importante esclarecer que não se trata de afirmar que uma maior satisfação na atuação não acadêmica como psicólogo diminui o desejo ou o interesse pela inserção na carreira acadêmica. O que estamos buscando sustentar, a partir da análise dos dados proporcionados pela investigação, é que a conjuntura de precarização das condições de inserção e permanência na área acadêmica impõe à pessoas que, em alguma medida, almejam essa modalidade de carreira imperativos cada vez mais austeros de investimentos. Aqueles que conseguem encontrar satisfação também na atuação fora da academia são mais criteriosos no momento de eleger as renúncias que estão dispostos a fazer em nome de uma vinculação profissional mais intensa e exclusiva com a vida acadêmica.

Considerações finais

Com o intuito de ampliar a compreensão sobre os aspectos envolvidos nas decisões de carreira de psicólogos doutores após o doutoramento, este capítulo trouxe os resultados de uma pesquisa que enfocou as narrativas de egressos de um programa de pós-graduação em

Psicologia acerca de suas trajetórias de vida de trabalho. Como tivemos a oportunidade de examinar, as percepções sobre o contexto sociolaboral e a relação de satisfação com a atuação profissional não acadêmica apareceram como os dois fatores mais decisivamente impactantes na maneira como os egressos orientam os investimentos na carreira em face da ampliação das perspectivas profissionais trazida pela titulação doutoral.

No que se refere às percepções sobre o contexto sociolaboral, verificamos ser recorrente, entre aqueles que já dispõem ou que almejam a conquista de uma inserção profissional no mercado acadêmico, a visão de que as estruturas de oportunidade vigentes na atual conjuntura em muito contrastam com aquelas existentes no momento em que decidiram investir na formação doutoral. O aumento da concorrência na disputa pelas vagas mais qualificadas na área acadêmica e a precarização das condições de trabalho no contexto das IES (públicas e, principalmente, privadas) elevam os imperativos da carreira acadêmica a um patamar incompatível com o grau de renúncias pessoais, intelectuais e profissionais que muitos egressos estão dispostos a fazer.

Nesse contexto, o investimento na carreira fora da esfera acadêmica volta a ser encarado como uma perspectiva relevante por parte daqueles egressos que, a despeito da identificação com o fazer acadêmico, também conseguem visualizar na atuação como psicólogo possibilidades de realização profissional. Já entre aqueles para os quais a atuação fora da academia não se apresenta como uma possibilidade subjetivamente satisfatória, é possível perceber não só uma maior resiliência no propósito de investir e se consolidar na atuação acadêmica como uma maior condescendência em relação às renúncias implicadas na realização desse projeto.

Cabe indagar o quanto perde o campo acadêmico com a dissipação de uma força de trabalho que reúne simultaneamente atributos tão caros à formação de novos profissionais: identificação com o fazer acadêmico, experiência de atuação profissional e encontro de satisfação no trabalho para além da academia. À medida que se torna menos acessível e com condições de trabalho mais precarizadas, é de se esperar que a área acadêmica, em especial no tocante aos postos de trabalho mais qualificados, acabe ficando circunscrita a um perfil cada vez mais homogêneo de profissionais, qual seja, o daqueles que dispõem de condições materiais e/ou que se mostram mais dispostos a aderir aos imperativos da vida acadêmica, até mesmo por não se reconhecer trabalhando de outra forma.

A despeito dos dados levantados pelo presente estudo estarem circunscritos ao universo particular de egressos de um único programa de pós-graduação, o alcance das constatações proporcionadas por esta pesquisa abre perspectivas de interlocução com investigações que

venham a ser produzidas com egressos de outras áreas e outras instituições. Em face disso, manifestamos a nossa expectativa de que o estudo ora apresentado possa servir também de inspiração para a produção de outras pesquisas que, a partir de uma abordagem psicossocial, proporcionem elementos empíricos que contribuam para ampliar a compreensão da realidade sociolaboral de egressos da pós-graduação *stricto sensu* brasileira.

Referências

- Allmer, T. (2018). Precarious, always-on and flexible: a case study of academics as information workers. *European Journal of Communication*, 33(4), 381-395. doi: 10.1177/0267323118783794.
- Andrade, D. P., Côrtes, M., & Almeida, S. (2021). Neoliberalismo autoritário no Brasil. *Caderno CRH*, 34, 1-25. doi: 10.9771/ccrh.v34i0.44695.
- Barbosa, D. M. M., Gutfilen, B., Gasparetto, E. L., & Koch, H. A. (2009). Análise do perfil dos egressos do Programa de Pós-Graduação em Medicina (Radiologia) da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *Radiologia Brasileira*, 42(2), 121-124. doi: 10.1590/S0100-39842009000200011.
- Bloch, C., Graversen, E. K., & Pedersen, H. S. (2015). Researcher mobility and sector career choices among doctorate holders. *Research Evaluation*, 24(2), 171-180. doi: 10.1093/reseval/rvv004.
- Bozzon, R., Murgia, A., Poggio, B., & Rapetti, E. (2017). Work-life balance in the early academic career stages. The case of precarious researchers in Italy, *European Educational Research Journal*, 16(2-3), 332-351. doi: 10.1177/1474904116669364.
- Butler, N., Delaney, H., & Śliwa, M. The labour of academia. *Ephemera: theory and politics in organization*, 17(3), 467-480. Recuperado de <https://ephemerajournal.org/content/labour-academia-0>.
- Cirino, S. (2010). Psychological Science Takes Off In Brazil. *APS Observer*, 23. Recuperado de <https://www.psychologicalscience.org/observer/psychological-science-takes-off-in-brazil>.
- Ferreira, P. C. (2020). *A Gestão de Carreira dos futuros doutorados portugueses*. (Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, Instituto Politécnico do Porto). Recuperado de <https://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/17696>.
- Germain-Alamartine, E. (2019). Doctoral education and employment in the regions: the case of Catalonia. *Regional studies, Regional Science*, 6(1), 299-318. doi: 10.1080/21681376.2019.1584049.

- Hortale, V. A., Moreira, C. O. F., Bochner, R., & Leal, M. C. (2014). Trajetória profissional de egressos de cursos de doutorado nas áreas da saúde e biociências. *Revista de Saúde Pública*, 48(1), 1-9. doi: 10.1590/S0034-8910.2014048004629.
- Kaufmann, J. C. (2013). *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes, Maceió: Edufal.
- Lopes, B., & Lopes, C. (2021). Pós-graduação *stricto sensu* e produção científica no Brasil entre os anos de 2000 e 2018, *Câmara dos Deputados do Brasil*. Recuperado de https://policycommons.net/artifacts/1443507/pos-graduacao_lopes/2075240
- Lopes, R. C. (2021). Prática de omissão de titulação no currículo: um estudo entre pós-graduandos e pós-graduados. *Revista Antropológicas*, 32(1), 167-198. doi: 10.51359/2525-5223.2021.250780.
- Maroy, C. (1997). A análise qualitativa de entrevistas. In L. Albarello, F. Digneffe, J. P. Hiernaux, C. Maroy, D. Ruquoy, P. Saint-Georges (Orgs.), *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais* (pp. 117-155). Lisboa: Gradiva.
- McAlpine, L., & Amundsen, C. (2016). *Post-PhD Career trajectories: intentions, decision-making and life aspirations*. Londres: Londres: Palgrave Macmillan.
- McAlpine, L., & Amundsen, C. (2018). *Identity-trajectories of early career researches: unpacking the Post-PhD Experience*. Londres: Palgrave Macmillan.
- McAlpine, L., Amundsen, C., & Turner, G. (2014). Identity-trajectory: reframing early career academic experience. *British Educational Research Journal*, 40(6), 952-869. doi: 10.1002/berj.3123
- Mello, G. S., & Rossi, P. L. (2018). Do industrialismo à austeridade: a política macro dos governos Dilma. In R. Carneiro, P. Baltar, F. Sarti (Orgs.). (pp. 245-282). São Paulo: Unesp.
- Moreira, M. L., & Velho, L. (2012) Trajetória de egressos da pós-graduação do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais: uma ferramenta para avaliação. *Avaliação (Campinas)*, 17(1), 257-288. doi: 10.1590/S1414-40772012000100013.
- Ribeiro, M. A. (2009). A trajetória da carreira como construção teórico-prática e a proposta dialética da carreira psicossocial. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 12(2), 203-216. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25750>.
- Ribeiro, M. A. (2014). *Carreiras: novo olhar socioconstrucionista para um mundo flexibilizado*. Curitiba: Juruá.

- Ribeiro, M. A. (2017). Psicossocial: *continuum* ontológico do processo relacional. In N. da Silva Júnior, & W. Zangari (Orgs.), *A Psicologia Social e a questão do hífen* (pp. 263-277). São Paulo: Blucher.
- Silva, M. D., Soares, G. C. A., Cardoso, C. M. L., Guerreiro, T. S. B, Guimarães, C. C, Chicre, G. R., ... Trindade, F. F. (2021). Coronavírus: consequências da pandemia no ensino superior. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 13(5), 1-9. doi: 10.25248/REAS.e7120.2021.
- Silva, T. C., & Bardagi, M. P. (2015). O aluno de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil: revisão da literatura dos últimos 20 anos. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, 12(29), 683-714. Recuperado de https://rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/853/pdf_1.
- Souza, A. S., Barros, C. C. A., Dutra, F. D., & Gusmão, R. S. C. (2021). Precarização do trabalho docente: reflexões em tempos de pandemia e pós-pandemia. *Ensino em perspectivas*, 2(2), 1-23. Recuperado de <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4975>.
- Souza, D. O. (2021). As dimensões da precarização do trabalho em face da pandemia de Covid-19. *Trabalho, Educação e Saúde*, 19, 1-15. doi: 0.1590/1981-7746-sol00311.
- Velloso, J. (Org.) (2002). *A Pós-Graduação no Brasil: Formação e Trabalho de Mestres e Doutores no País (Vol. 1)* Brasília: Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
- Velloso, J. (Org.) (2003). *A Pós-Graduação no Brasil: Formação e Trabalho de Mestres e Doutores no País (Vol. 2)*. Brasília: Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

ESTUDO 3

IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DO DOUTORADO SOBRE A CARREIRA: ANÁLISE A PARTIR DAS NARRATIVAS DE DOUTORES EM PSICOLOGIA

Introdução

O doutorado corresponde ao mais alto grau de titulação do sistema educacional brasileiro. A conclusão do doutoramento marca – pelo menos de um ponto de vista formal – o coroamento de uma trajetória formativa que confere aos egressos dessa modalidade a certificação de pesquisador especialista em uma dada área do conhecimento. Mas o que, afinal, acontece na vida de trabalho de um doutor após a conclusão do doutorado? Quais as repercussões da titulação e das experiências proporcionadas pela formação doutoral na carreira daqueles que se titulam nessa modalidade de pós-graduação?

A literatura acadêmica brasileira é escassa de análises e discussões acerca dos impactos da pós-graduação *stricto sensu* sobre a vida de trabalho dos seus egressos. Essa carência se torna particularmente preocupante em um cenário no qual passa a ser cada vez mais frequente a procura de pós-graduandos e pós-graduados por serviços de orientação e planejamento de carreira (Silva & Bardagi, 2015). Temos poucas informações sobre como se dá o processo de transição da condição de doutorando para a de doutor, especialmente no que diz respeito a aspectos como características do mercado de trabalho, satisfação dos egressos com o emprego, relação mantida com a pesquisa após a titulação, dentre outros elementos.

Visando contribuir com a atenuação dessa lacuna, o presente trabalho apresenta parte dos resultados de uma pesquisa que teve como objetivo analisar trajetórias de egressos de um programa de doutorado em Psicologia, a fim de compreender alguns elementos acerca do que acontece no âmbito de suas vidas profissionais após a conclusão do doutoramento. Foram questões que nortearam a realização deste estudo: quais os impactos do doutorado sobre a vida profissional dos egressos? Em que medida a condição de doutores interfere no enfrentamento dos desafios profissionais com os quais se defrontam no âmbito de suas atuações profissionais? Como a experiência proporcionada pela formação doutoral repercute na vida de trabalho nos

diferentes contextos de inserção profissional dos egressos, seja na esfera de atuação acadêmica ou fora dela?

Para o desenvolvimento deste estudo partimos de uma compreensão da carreira como um fenômeno psicossocial, em diálogo com a perspectiva analítica desenvolvida por Marcelo Afonso Ribeiro (2014, 2017). A adoção desse referencial teórico-analítico traz como principal implicação para a pesquisa uma ênfase sobre a narrativa dos sujeitos e de como estes atribuem sentido às suas trajetórias de vida de trabalho. Em consonância com essa abordagem, estruturamos uma investigação empírica de cunho qualitativo cuja coleta de dados se deu mediante entrevistas com 14 egressos do doutorado em Psicologia de uma universidade pública de Minas Gerais.

A exposição das contribuições advindas da análise do material narrativo produzido pelo trabalho de campo consiste no propósito principal deste artigo. Entretanto, a título de contextualização da pesquisa, apresentamos preliminarmente à discussão dos resultados um panorama da literatura que aborda a interface entre pós-graduação *stricto sensu* e trajetórias profissionais, uma síntese dos referenciais teóricos que fundamentam a abordagem psicossocial da carreira e um esboço do delineamento metodológico que norteou a investigação.

1. A vida profissional depois da pós-graduação *stricto sensu*: análise da literatura

É bastante recorrente encontrarmos nos estudos que discutem a pós-graduação *stricto sensu* brasileira a ressalva de que o campo carece ainda de avanços na compreensão sobre os resultados da expansão registrada pelo Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) ao longo das últimas cinco décadas (Alves & Oliveira, 2014; Cirani, Campanário, & Silva, 2015; Neto, Trevisol, & Almeida, 2021; Santos, 2021). Contudo, pouco é discutido acerca da importância de se analisar os impactos dessa expansão sobre a vida profissional dos egressos pós-graduados. A insuficiência da atenção dada a essa temática se reflete na relativa escassez de investigações produzidas no país acerca do que acontece na trajetória socioprofissional daqueles que se titulam em cursos de mestrado e doutorado.

Em âmbito internacional, a análise da literatura mostra uma realidade mais promissora do ponto de vista da importância científica conferida a essa questão. Um levantamento bibliográfico de grande envergadura acerca de estudos que abordaram a relação entre pós-graduação com ênfase acadêmica e trajetórias profissionais de pós-graduados foi produzido por Leonard, Metcalfe, Becker e Evans (2006), que analisaram pesquisas desenvolvidas no Reino Unido. Algumas conclusões possibilitadas por essa revisão merecem ser destacadas. Os autores ressaltam que somente nos últimos 20 anos que antecederam a realização do levantamento é

que se começa a observar o crescimento da produção de pesquisas interessadas em analisar aspectos da carreira de pesquisadores recém-formados. Aqui cabe, evidentemente, uma ressalva importante ao fato de estarmos tratando de um levantamento publicado em 2006, o que nos permite constatar que o período identificado pelo estudo como de ampliação do interesse, no contexto britânico, pela investigação da trajetória profissional de doutores nos remete às décadas de 1980 e 1990, período em que a pós-graduação *stricto sensu* brasileira estava ainda em fase inicial de estruturação. De toda forma, o que é importante observar nos dados proporcionados pelo aludido levantamento são os indícios de que no contexto europeu a tradição de pesquisas com egressos da pós-graduação *stricto sensu* vem se consolidando desde os anos finais do século XX, tendência que no Brasil, como veremos, somente começa a ser observada – e ainda assim de forma incipiente – nos anos iniciais do século XXI.

Outra informação que chama a atenção no levantamento em questão diz respeito à constatação de que, dentre as pesquisas encontradas, são poucas as que se dedicaram a focar a perspectiva dos sujeitos investigados acerca das experiências por eles vivenciadas no curso de suas trajetórias. Segundo os autores desse estudo, a maioria dos trabalhos analisados limitou-se a examinar exclusivamente aspectos objetivos das experiências dos participantes da pesquisa, tais como duração e taxas de conclusão do curso, destinos profissionais e empregabilidade pós-titulação. A propósito, como trataremos adiante, essa é também uma característica que marca, de maneira recorrente, os estudos brasileiros com egressos da pós-graduação *stricto sensu*.

Em outra revisão acerca da mesma temática, agora enfocando uma literatura mais ampla produzida em diferentes países europeus, Evans (2011) constata haver um crescimento, embora modesto, do interesse acadêmico pela análise das trajetórias de carreira de pesquisadores após o doutorado, o que evidencia a atualidade da temática desenvolvida pelo presente trabalho no bojo da agenda mundial de investigações acerca da relação entre pós-graduação e carreira. Entretanto, tomando por base essas revisões de literatura em âmbito internacional, é preciso ressaltar, conforme oportunamente observado por McAlpine e Amundsen (2018), que o interesse pela investigação de doutores ainda está fortemente concentrado nas trajetórias de egressos que seguem destinos profissionais acadêmicos, sendo pouco conhecidas as experiências daqueles inseridos em outros contextos de atuação que não o universo da pesquisa ou da docência.

Já em âmbito nacional, o exame mais audacioso e completo realizado a respeito de informações sobre a realidade sociolaboral de pós-graduados ocorreu há mais de duas décadas, tendo sido coordenado por Jaques Velloso (2002, 2003) com o apoio da Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (Unesco). Tal projeto foi constituído por um vasto conjunto de investigações conduzidas com egressos de cursos de diferentes áreas de formação¹⁶. Desde então, o que temos são exemplos de iniciativas de pesquisas isoladas e geralmente focalizadas em aspectos que nem sempre dizem respeito especificamente às experiências de carreira dos egressos, concentrando-se em elementos mais pontuais, como destinos profissionais, áreas de atuação, competências profissionais, dentre outros indicadores. Além do mais, tal como apontado na análise dos estudos internacionais, prevalece nas pesquisas produzidas no Brasil uma tendência de se focar de maneira mais recorrente os aspectos objetivos das trajetórias dos egressos, em claro detrimento da preocupação em se compreender as dimensões subjetivas e as experiências vivenciadas pelas pessoas investigadas.

Ainda assim, convém destacar algumas contribuições proporcionadas por esses estudos em relação ao que sinalizam de elementos para pensarmos os impactos da pós-graduação *stricto sensu* sobre a construção da carreira profissional de egressos pós-graduados. Em linhas gerais, alguns indicadores vêm se repetindo com relativa estabilidade entre os estudos que abordam essa temática. Um deles diz respeito à idade média de conclusão da pós-graduação, que tem sofrido uma significativa redução ao longo dos anos (Barbosa, Gutflen, Gasparetto, & Koch., 2009; Hortale, Moreira, Bochner, & Leal, 2014). Dois são os fatores geralmente apontados como responsáveis por esse fenômeno. Por um lado, tem-se o efeito da expansão da oferta do número de vagas nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* nas últimas décadas, o que ampliou o acesso de uma parcela que antes precisava aguardar mais tempo para ingressar no mestrado e no doutorado. Por outro lado, deve-se considerar o crescimento do fenômeno de alongamento da escolarização. Em um estudo desenvolvido com estudantes de mestrado de uma universidade pública brasileira, Mattos (2011) sustenta a hipótese de que um dos fatores associados à busca por cursos de pós-graduação de forma cada vez mais precoce é a precarização das condições de acesso ao emprego que afeta de maneira generalizada a maioria das profissões contemporâneas. Para a autora, “a busca por cursos de pós-graduação torna-se uma estratégia para evitar ou mascarar o desemprego, quando não de obtenção de renda, pela aquisição de bolsa” (p. 44).

¹ Os resultados dessas investigações estão reunidos em dois volumes intitulados “A Pós-Graduação no Brasil: formação e trabalho de mestres e doutores no país”, sendo o primeiro referente a investigações conduzidas com egressos de cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Administração, Agronomia, Bioquímica, Clínica Médica, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Física, Química e Sociologia (Velloso, 2002) e o segundo com egressos pós-graduados nas áreas de Direito, Economia, Engenharia Mecânica, Geociências, Odontologia e Psicologia (Velloso, 2003).

A docência no ensino superior aparece como o principal destino profissional dos egressos de cursos de pós-graduação *stricto sensu*, sobretudo do doutorado. Entretanto, por haver pouca preocupação em analisar o antes e o depois do curso realizado, são precárias as condições para se avaliar efetivamente os impactos da titulação sobre as características da inserção profissional dos indivíduos pesquisados. De toda forma, dentre aqueles trabalhos que se dedicam a essa comparação entre o antes e o depois da formação (Barbosa et al., 2009; Braga & Azevedo, 2002a, 2002b), evidencia-se que a realização de um curso de pós-graduação *stricto sensu* é apontada como um importante fator de redefinição de trajetórias profissionais, seja em relação à mudança do tipo de atividade profissional exercida quanto em relação aos tipos de vínculos trabalhistas pós-titulação.

Quanto a estudos desenvolvidos especificamente com egressos da pós-graduação *stricto sensu* em Psicologia, as duas únicas referências encontradas foram a pesquisa desenvolvida por Weber (2003), integrante do já mencionado projeto coordenado por Jacques Velloso sobre a pós-graduação *stricto sensu* brasileira, e a dissertação de mestrado desenvolvida por Charles (2020) a respeito dos egressos do Doutorado em Psicologia da UFMG. No que diz respeito ao primeiro, é importante levar em conta se tratar de um estudo realizado há mais de duas décadas. De lá para cá, houve uma expressiva modificação no cenário da pós-graduação *stricto sensu* brasileira, o que evidencia a necessidade de pesquisas que se dediquem a analisar egressos titulados em períodos mais recentes. Como principais conclusões desse trabalho, cabe destacar que a maioria dos doutores desenvolvia, na ocasião da pesquisa, atividade remunerada no setor público, sendo que 64% dos que desenvolviam atividade remunerada atuavam em universidades (ainda que nem sempre em funções ligadas ao ensino e à pesquisa). Quando perguntados sobre as motivações que os levaram a prosseguir os estudos em nível de pós-graduação, as duas razões mais mencionadas pelos doutores foram aprimorar o trabalho acadêmico ou de docência (70%) e ampliar oportunidades de trabalho (68%). Outro aspecto que chamou a atenção é que 52% dos doutores já atuavam como docentes e/ou pesquisadores no momento da inscrição no doutorado, passando esse número para 65% quando considerado o período posterior à titulação doutoral.

Quanto ao estudo produzido por Charles (2020), trata-se de uma pesquisa exploratória conduzida com um público similar ao focado por este trabalho. O autor realiza uma análise panorâmica das informações constantes nos currículos profissionais e acadêmicos dos egressos do doutorado em Psicologia da UFMG, com ênfase no levantamento de informações sobre a trajetória profissional e acadêmica dos titulados nesse programa entre 2012 e 2018. No entanto, por limitações inerentes à metodologia de coleta de dados empregada na referida pesquisa

(restrita à análise documental das informações prestadas pelos egressos em seus currículos), alguns aspectos da trajetória profissional dos egressos (tais como vínculos de trabalhos atuais, natureza dos vínculos empregatícios e renda) não puderam ser contemplados, ou foram abordados de maneira somente parcial, devido a desatualizações ou imprecisões no preenchimento dos currículos examinados.

A análise da literatura produzida sobre a relação entre pós-graduação e trabalho nos conduz à conclusão de que dispomos de informações insuficientes a respeito dos impactos da pós-graduação *stricto sensu* sobre as trajetórias profissionais de egressos de programas de mestrado e doutorado, inclusive da área da Psicologia. É nesse contexto que identificamos a oportunidade de proposição desta pesquisa que tem como eixo central de investigação a análise dos impactos do doutoramento sobre a carreira de psicólogos doutores¹⁷. Contudo, diferentemente da tendência predominante na literatura que trata sobre essa temática, neste estudo adotamos uma perspectiva teórica que focaliza a carreira a partir de uma abordagem psicossocial, cujos pressupostos epistemológicos e analíticos nos dedicamos a explicitar na próxima seção.

2. A carreira pós-titulação doutoral: fundamentos de uma abordagem psicossocial

Historicamente, é possível situar o surgimento das pesquisas com egressos do ensino superior nos anos 1960, no contexto dos países que primeiro passaram por uma expansão dos sistemas de educação universitária. As preocupações em analisar os destinos e as trajetórias profissionais de um contingente cada vez mais ampliado de trabalhadores formados pelas instituições de ensino superior (IES) ganha relevância em uma conjuntura na qual transformações de diferentes ordens passam também a ocorrer no mundo do trabalho. Como nota Dubar (2001), ao analisar o processo por meio do qual o fenômeno da inserção profissional veio a se configurar como uma problemática sociológica nos países capitalistas, a progressiva insuficiência do mercado de trabalho em conseguir absorver satisfatoriamente a crescente mão de obra qualificada, oriunda do alargamento da formação universitária a partir de meados do século XX, faz com que a transição da formação acadêmica para o mundo do trabalho deixe de

¹⁷ A razão para se trabalhar somente com egressos que possuam graduação em Psicologia guarda relação com um dos recortes analíticos do presente estudo, qual seja, o de focar os impactos do doutorado em Psicologia especificamente sobre a carreira profissional de psicólogos. Essa delimitação se fez necessária tendo em vista o reconhecimento de que a análise dos impactos que a realização de uma pós-graduação *stricto sensu* em área distinta da formação inicial tem sobre a carreira daqueles que seguem esse tipo de percurso comporta especificidades que merecem o tratamento em um estudo à parte, até mesmo em razão das próprias características que particularizam o campo de trabalho e as perspectivas de carreira entre as diferentes áreas ou profissões.

ser um processo espontâneo para a imensa maioria dos jovens. É nesse cenário que ocorre o advento da preocupação social, política, econômica e científica com a questão da inserção profissional, temática ainda hoje central nas pesquisas com egressos do ensino superior.

Embora relativamente incipientes no cenário científico brasileiro, as pesquisas sobre egressos se apresentam como um recurso de especial pertinência para se analisar fenômenos produzidos na interface entre educação e mundo do trabalho. O pressuposto que guia essa constatação é o de que uma maior compreensão acerca das diferentes formas de vivenciar os processos de transição e inserção profissionais após concluída a formação, bem como os fatores sociais envolvidos nesses processos, tendem a trazer informações relevantes não só para o debate em torno da formação profissional, como também para o planejamento e orientação de carreira dos atuais e futuros estudantes que almejam seguir itinerários formativos semelhantes (Paul, 2015).

Não existe, entretanto, uma única maneira de se pesquisar egressos do ensino superior, razão pela qual a explicitação do referencial teórico-analítico que norteia a realização de um estudo nessa área mostra-se de suma importância para delimitar não só o escopo de investigação como a identidade da pesquisa em meio a um universo tão amplo de possíveis problematizações. Neste trabalho, tendo em vista o interesse de se construir uma análise capaz de alcançar tanto aspectos da dimensão objetiva como da dimensão subjetiva que permeiam as experiências e os percursos profissionais dos egressos pesquisados, recorreremos à interlocução com a abordagem psicossocial da carreira, proposta por Ribeiro (2014, 2017), por visualizarmos nesse referencial o potencial para subsidiar uma apreciação das trajetórias socioprofissionais centrada na premissa da indissociabilidade entre aspectos sociais e subjetivos.

A abordagem desenvolvida por Ribeiro (2014) ancora-se nos pressupostos analíticos do construcionismo social (ou teoria socioconstrucionista). Do ponto de vista epistemológico, o construcionismo social se caracteriza fundamentalmente por buscar compreender a forma como o mundo vem a ser dotado de significado e como esses significados são reproduzidos e transformados na e pela prática social, estando a linguagem no centro desse processo. A linguagem não é encarada como um simples espelho da realidade, mas como um dispositivo de criação da própria realidade. Coerentemente a essa premissa, a perspectiva socioconstrucionista sobre a carreira considera que, como um fenômeno essencialmente discursivo, a carreira somente pode ser compreendida em profundidade a partir da análise de como as pessoas narram as suas experiências de construção de percursos de vida de trabalho (Cohen, Durley, & Mallon, 2004).

O cerne da abordagem socioconstrucionista proposta por Ribeiro (2014, 2017) está na noção de psicossocial como um *continuum* entre o social e o subjetivo. Para o autor, historicamente prevaleceu na literatura que trata sobre a carreira uma visão dicotomizada entre o individual e o social. Essa visão, porém, pouco traz de contribuições à análise das configurações contemporâneas das trajetórias profissionais, na medida em que estas se tornam expostas a um conjunto muito mais amplo, difuso e inconstante de variáveis e fatores. Tanto um enfoque exclusivamente individual, que não leve em consideração as dinâmicas sociais, quanto um enfoque puramente social, que perde de vista as dimensões subjetivas do trabalho, pouco conseguem contribuir para a análise sobre o modo como as pessoas buscam construir as suas trajetórias de vida de trabalho em meio a uma conjuntura sociolaboral na qual prevalece uma maior instabilidade no que diz respeito às referências que balizam os processos de construção das carreiras.

Em linha com as bases da abordagem socioconstrucionista, a principal ênfase do estudo sobre as trajetórias de vida de trabalho, de acordo com a abordagem psicossocial da carreira, recai sobre a análise das práticas discursivas que os sujeitos produzem acerca de seus próprios percursos e experiências de trabalho. Como operador conceitual dessa perspectiva analítica sobre a carreira, Ribeiro (2014) cunha o conceito de “carreira psicossocial”, visando ao rompimento com a clássica dicotomia entre carreira objetiva e carreira subjetiva.

A noção de carreira psicossocial articula-se em torno do princípio da indissociabilidade entre pessoal e social e a concepção da carreira como um fenômeno relacional constituído narrativamente a partir de discursos socialmente compartilhados pelos indivíduos. Trata-se de uma abordagem que toma a análise dos sentidos que os sujeitos atribuem à sua relação com a vida profissional como via de acesso privilegiada à dimensão psicossocial do fenômeno da carreira. Em termos práticos, encarar as trajetórias socioprofissionais de egressos do ensino superior a partir de uma abordagem psicossocial implica tomar como ênfase principal de investigação os sentidos que os sujeitos atribuem às suas trajetórias de vida de trabalho e os impactos psicossociais do curso realizado sobre a construção de suas carreiras.

Conforme abordado até aqui, pouco sabemos a respeito de como a formação pós-graduada impacta na vida profissional dos egressos da pós-graduação *stricto sensu*, sobretudo se levarmos em conta incipiência de estudos que se dedicaram a examinar a maneira como os próprios egressos narram as suas percepções acerca desses impactos. A pertinência de fazer essa sondagem a partir de uma abordagem psicossocial reside na oportunidade de se contemplar aspectos das dimensões objetivas e subjetivas das trajetórias construídas pelos egressos, algo

nem sempre possível em pesquisas de cunho mais abrangente e com escopos restritos ao levantamento de indicadores estritamente objetivos.

3. Método

O trabalho de campo desta pesquisa consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas com 14 egressos do doutorado em Psicologia de uma universidade pública, titulados entre 2012 e 2018¹⁸. A seleção dos egressos entrevistados se deu mediante um processo que visou garantir a maior diversidade possível em relação a características como sexo, área de concentração da pesquisa no doutorado (Psicologia Social, Desenvolvimento Humano e Estudos Psicanalíticos), ano de titulação e atual contexto de inserção profissional (acadêmico, não acadêmico, acadêmico/não acadêmico).

A tabela abaixo apresenta uma breve caracterização dos participantes da pesquisa, permitindo uma visualização panorâmica de como se distribuem em termos de aspectos como idade, áreas de concentração, ano de titulação e atual inserção profissional. Visando a garantia do sigilo da identidade dos entrevistados, seus nomes reais foram substituídos por nomes fictícios.

Tabela 2 - Caracterização dos sujeitos da pesquisa em termos da atual inserção profissional, idade, área de concentração no doutorado e ano de titulação

Atual Inserção Profissional	Nome	Idade	Área de concentração	Ano de Titulação
Acadêmica	Vinícius	44	Psicologia Social	2013
	Euclides	39	Psicologia Social	2018
	Hilda	39	Desenvolvimento Humano	2013
	Clarice	42	Psicologia Social	2016
	Carolina	44	Psicologia Social	2013
Não acadêmica	Cecília	59	Estudos Psicanalíticos	2014
	Lygia	54	Estudos Psicanalíticos	2015
	Jorge	42	Desenvolvimento Humano	2016
	Aluísio	36	Estudos Psicanalíticos	2018

¹⁸ Optamos por circunscrever a análise aos egressos titulados entre 2012 e 2018, sendo 2012, o ano do primeiro doutoramento concluído no programa, e o ano de 2018 definido como marco final em função do nosso interesse pela investigação de trajetórias com pelo menos três anos de duração entre a conclusão do doutorado e o momento em que as entrevistas foram realizadas.

	Ruth	43	Psicologia Social	2012
	Graciliano	44	Estudos Psicanalíticos	2018
Acadêmica e não acadêmica	Ariano	36	Estudos Psicanalíticos	2018
	Adélia	52	Psicologia Social	2012
	Érico	43	Psicologia Social	2013

Fonte: Elaborada pelo autor

As entrevistas foram realizadas virtualmente¹⁹ de fevereiro a junho de 2022 e se estruturaram a partir de um roteiro contendo perguntas referentes a acontecimentos das trajetórias dos egressos desde a conclusão da graduação até a situação profissional em que se encontravam momento da entrevista. Metodologicamente, o trabalho com as entrevistas guiou-se de acordo com os princípios da perspectiva da entrevista compreensiva, desenvolvida por Jean-Claude Kaufman (2013). Um dos elementos centrais dessa perspectiva é recusa do pressuposto segundo o qual quanto mais distante está o pesquisador do entrevistado e quanto mais formalizada é a entrevista, melhor a qualidade técnica da investigação.

O processo compreensivo apoia-se na convicção de que os homens não são simples agentes portadores de estruturas, mas produtores ativos do social, portanto depositários de um saber importante que deve ser assumido do interior, através do sistema de valores dos indivíduos; ele começa, portanto, pela intropia (Kaufmann, 2013, p. 47).

Todas as entrevistas foram gravadas e integralmente transcritas²⁰. As transcrições de cada entrevista foram enviadas aos respectivos entrevistados para que tivessem a oportunidade de fazerem correções, complementações, ressalvas ou observações em relação às informações fornecidas. Esse procedimento se mostrou de grande utilidade não só para o aprimoramento do conteúdo informativo das entrevistas, como para um maior refinamento do comprometimento ético entre entrevistador e entrevistados. Ao serem informados desde o princípio da entrevista de que teriam a oportunidade de conferirem o conteúdo transcrito antes de qualquer divulgação do material, sentimos uma maior tranquilidade dos entrevistados para abordarem temas mais sensíveis que, independentemente de estarem ou não entre os trechos divulgados, contribuíram significativamente com o trabalho de interpretação dos resultados.

¹⁹ Das 14 entrevistas, 13 foram realizadas através de videochamadas e uma, atendendo à solicitação da entrevistada (Cecília), se deu de forma escrita, mediante o envio de perguntas e respostas por e-mail.

²⁰ Cumpre informar que a presente pesquisa foi apreciada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG, e todos os procedimentos de sua execução seguiram rigorosamente os protocolos éticos de pesquisa com seres humanos regulamentados pelo Conselho Nacional de Saúde (Anexo 1).

O material narrativo proveniente das entrevistas foi analisado de acordo com os princípios da análise qualitativa de entrevistas proposta por Maroy (1997), que prevê uma sistemática de tratamento dos dados pautada em três etapas: 1) imersão no material e testagem de um fio condutor estruturante para a análise (sob a forma de uma grelha de análise); 2) elaboração de categorias (classes pertinentes de objetos, ações, pessoas ou objetos), definição de suas propriedades específicas e construção de um sistema ou conjunto de relações entre as classes 3) aperfeiçoamento da grelha de análise mediante a validação das diferentes hipóteses e interpretações das categorias forjadas no decurso da análise.

4. Resultados

A forma que julgamos mais apropriada para apresentar os resultados desta pesquisa é tratar separadamente os impactos do doutoramento sobre a carreira acadêmica e sobre a carreira não acadêmica. Isso porque a maneira como os egressos narram o significado das experiências proporcionadas pela formação e pela titulação doutoral em suas trajetórias de vida de trabalho variam consideravelmente a depender do tipo de carreira trilhada ou almejada.

É importante lembrar que um dos critérios estabelecidos para garantir a heterogeneidade dos entrevistados foi justamente o da variabilidade em relação à atual situação de inserção profissional. Para além das diferenças quanto à área de atuação (acadêmica, não acadêmica ou em ambas), é necessário mencionar a ocorrência de outras variações mais específicas entre os egressos que atuam numa mesma área e que também afetam a percepção sobre os impactos do doutoramento sobre a carreira. Por exemplo, entre aqueles que atuam na área acadêmica, exclusivamente ou não, há uma diferença expressiva na percepção sobre os efeitos da titulação sobre a carreira quando comparamos as narrativas de doutores que atuam em IES públicas com as dos que atuam em IES privadas, sobretudo quando consideramos aspectos mais objetivos da carreira, como progressão funcional, empregabilidade e remuneração.

Por outro lado, já entre aqueles que optam por uma carreira não acadêmica, não identificamos uma correlação direta entre o contexto de atuação (clínica ou organizações) e o modo como percebem os impactos do doutoramento sobre suas carreiras, sendo nesse caso muito mais decisivo as diferenças em relação às perspectivas futuras relativas à vida profissional. Nesse sentido, sempre que necessário para evidenciar essas nuances, buscaremos recorrer a comparações entre as diferentes configurações da carreira dentro de cada uma destas duas modalidades tomadas como referência: carreira acadêmica e carreira não acadêmica.

4.1 Impactos do doutoramento sobre a carreira acadêmica

A partir da análise das narrativas dos participantes da pesquisa acerca dos impactos do doutoramento sobre a atuação na área acadêmica identificamos que a repercussão da titulação e da experiência de formação doutoral ocorre em relação a três esferas do desenvolvimento da carreira: 1) inserção profissional/empregabilidade²¹; 2) remuneração; 3) aperfeiçoamento técnico. É tarefa deste trabalho esmiuçar como se expressam essas repercussões em termos do que os egressos entrevistados consideram como satisfatório ou insuficiente em face das expectativas profissionais que alimentavam quando da decisão de cursar o doutorado.

No que diz respeito aos aspectos da inserção profissional e da empregabilidade na área acadêmica, não há grandes surpresas em relação às contribuições proporcionadas pelo doutoramento. Afinal, o título de doutor ainda se configura como um elemento de prestígio – e em certos casos até mesmo de requisito – para o acesso à carreira acadêmica, sobretudo nas universidades federais, no âmbito das quais a titulação doutoral aparece como exigência de formação mínima na maioria dos concursos públicos (Lei 12.863, 2013). Uma expressão bastante ilustrativa a esse respeito é a constatação proporcionada pelo trabalho de Charles (2020) acerca dos destinos profissionais dos egressos do doutorado em Psicologia da UFMG titulados entre 2012 e 2018: o estudo demonstra que 83% dos egressos atuavam como docentes após a conclusão do doutorado, evidenciando que o doutoramento se constitui como um elemento importante para o ingresso ou para a manutenção na carreira acadêmica.

No entanto, como já sinalizamos, é necessário sair da generalidade e olhar para as particularidades que compõem as trajetórias socioprofissionais, o que somente é possível a partir de um estudo de cunho qualitativo como o que aqui apresentamos. Entre os 14 entrevistados desta pesquisa, nove possuem inserção profissional atual como docentes e/ou pesquisadores no ensino superior, sendo que cinco atuam exclusivamente na área acadêmica e quatro conciliam o trabalho acadêmico com a atuação profissional não acadêmica (clínicas, organizações, etc.). Dos cinco egressos que se dedicam exclusivamente à atuação acadêmica, três (Vinícius, Clarice e Hilda) atuam como docentes em universidades públicas federais e dois em universidades particulares (Carolina e Euclides).

Para os que atuam em IES federais, a questão da contribuição do doutorado para a inserção profissional é evidente já que os três relatam que o projeto de carreira que tinham

²¹ Preferimos aqui o uso do termo “empregabilidade”, ao invés de “empregabilidade”, por entender que o segundo, da forma como se difundiu na literatura organizacional, comporta um sentido reducionista e controverso sobre a condição de estar ou não empregado, responsabilizando unilateralmente os trabalhadores pela posição ocupada no mercado de trabalho e desconsiderando dimensões sociais, políticas e econômicas que permeiam a vida e as relações de trabalho (Helal & Rocha, 2011). Por “empregabilidade” compreendemos a condição de estar ou não empregado, não se levando em conta a multiplicidade dos fatores associados a essa condição.

quando tomaram a decisão de cursar a pós-graduação *stricto sensu* era o de tornarem-se docentes em universidades públicas, preferencialmente federais. Quem externaliza isso de maneira mais clara é Vinícius, que chega a usar a sigla “SIAPE”, que significa Sistema Integrado da Administração de Recursos Humanos (dispositivo pertencente ao governo federal no âmbito da gestão de recursos humanos), para adjetivar a carreira acadêmica almejada:

Quando eu fui para o doutorado, eu já estava buscando uma carreira de professor, com sorte professor pesquisador, que era o que eu queria mesmo, digamos assim. “Eu quero ser um professor pesquisador”. E bem naquele pacote professor pesquisador de uma universidade pública, né? SIAPE, pacote SIAPE. Era o que eu estava buscando, quando eu entrei pro doutorado, ... o plano de carreira que eu tinha era esse (Vinícius).

Cumprе esclarecer que, desde 2013, com a expedição da Medida Provisória nº 614, posteriormente referendada pela Lei nº 12.863, o ingresso na carreira de magistério superior no ensino federal passou a ser condicionado à posse do título de doutor, salvo excepcionalmente quando houver carência de detentores dessa titulação acadêmica na região ou na área de conhecimento do concurso. Nesse sentido, para aqueles que almejam a carreira docente em universidades públicas federais, ou em IES que tenham a exigência mínima do doutoramento como requisito de ingresso, não resta dúvida de que a titulação doutoral equivale a uma espécie de credenciamento para concorrer a uma vaga. Dos três entrevistados atualmente empregados como docentes em IES públicas federais, só Hilda atingiu essa condição antes da conclusão do doutorado, visto ter sido aprovada em concurso público em 2011, anteriormente à promulgação das referidas legislações que passam a exigir a posse da titulação doutoral como requisito básico para o ingresso na carreira de magistério superior no serviço público federal.

Dentre os demais seis egressos que trabalham atualmente como docentes no ensino superior em IES privadas, o projeto de tornar-se docente de IES públicas aparece permeado por notáveis ambivalências. Por um lado, há consenso entre os entrevistados quanto ao reconhecimento de certas vantagens que algumas características do vínculo de trabalho inerente ao serviço público, como a garantia da estabilidade e os incentivos à dedicação exclusiva, proporcionam ao desenvolvimento da carreira acadêmica. Por outro lado, ao considerarem todas as renúncias pessoais e profissionais envolvidas tanto na preparação para disputar uma vaga no cada vez mais concorrido e restritivo universo dos concursos públicos da área acadêmica quanto para se manter em condições satisfatórias de trabalho em um cenário visto como de sucateamento das universidades e dos investimentos em ciência e pesquisa, os egressos se mostram cautelosos e, em alguns casos até reticentes, a tomarem a inserção na carreira de magistério superior em IES públicas como uma meta prioritária de carreira.

Aqui é importante lembrar que a maioria dos egressos entrevistados concluiu o doutorado em um cenário consideravelmente menos favorável, em termos do surgimento de oportunidades de vagas de trabalho no mercado acadêmico do serviço público, do que quando optaram trilhar o percurso completo de formação no âmbito da pós-graduação *stricto sensu*. Isso se deve em grande medida à intensificação do processo de neoliberalização do estado brasileiro ocorrido sobretudo a partir de 2013, quando os efeitos da grande crise financeira internacional do capitalismo, eclodida em 2008, começam a ser sentidos de maneira mais incisiva no Brasil (Mello & Rossi, 2018). Como bem destaca Chauí (2021), a ideologia neoliberal é particularmente hostil a um projeto de investimento estatal no ensino superior público, visto ter como uma de suas principais bandeiras a defesa de medidas que visam ao encolhimento do espaço público dos direitos e, em contrapartida, o alargamento do espaço privado dos interesses de mercado.

A percepção de que o acesso à carreira acadêmica ligada a IES públicas vem se tornando muito mais complexo e concorrido com o passar dos anos, fruto de um processo de retração do mercado de trabalho acadêmico sobretudo no contexto estatal, é algo que aparece evidenciado nas narrativas de todos os egressos que em algum momento ambicionaram esse tipo de inserção profissional. Junte-se a isso uma percepção também bastante comum acerca da desconfiança em relação à lisura dos concursos públicos que ocorrem para seleção de docentes das instituições públicas. As falas abaixo, provenientes da narrativa de diferentes egressos, ilustram a maneira como essa desconfiança se expressa.

Não especificamente esse [último concurso] que eu fiz, que eu achei que ele foi honesto do ponto de vista político, mas tem tudo isso que a gente escuta, que eu escuto de colegas que já tentaram, inclusive, de muitas questões políticas envolvidas. Muitos conchavos, muitas intrigas, muitas disputas políticas, que às vezes o cargo já está ali meio que delineado e aí você investe numa coisa que já está com cartas marcadas. Eu escuto muito isso (Carolina).

Ah, todo concurso tem uma história, né? Eu fui, estudei lá as coisas, tirei noventa e tantos na prova escrita, ou alguma coisa assim. Teve professor que me deu 100 na prova. E aí chegaram e não me aprovaram na prova didática. Todo mundo conhece uma história assim. E aí não me aprovaram na prova didática, eu cheguei a ouvir os áudios, eu queria entender o que que é uma prova valendo 96, que foi a nota da [candidata] que foi aprovada. Ouvi o áudio e falei: “gente, não vale”. Ouvi o áudio da minha e falei: “Olha, pra falar que não valia nem 70 pontos, tá difícil ali”, sabe? (Clarice).

Estou estudando bastante, mas assim: as lógicas de concursos nas federais são muito complicadas, principalmente nas grandes, né? Quando eu era estudante na federal a gente sabia quem ia passar em 80% dos concursos, 80/90%. Então, eu estou indo meio como forasteiro. Vai que dá alguma coisa errada lá e eu consigo passar, né? [risos]. É um pouco isso (Érico).

Saindo da esfera de atuação no serviço público e olhando para as percepções acerca das perspectivas de inserção profissional acadêmica nas IES privadas, deparamo-nos com uma realidade ainda mais desalentadora. Em um cenário marcado pelo triunfo da lógica de mercado

no âmbito do ensino superior, o crescimento da oferta de mão de obra com qualificação doutoral se converte em um fator importante de desvalorização simbólica da titulação. Do ponto de vista do ordenamento legal, existem poucos dispositivos que garantem alguma reserva de mercado a doutores no âmbito das IES privadas²². Entre os entrevistados, foi recorrente aparecer a percepção de que a contratação de doutores nessas instituições está condicionada ao cumprimento de requisitos mínimos exigidos para o credenciamento junto ao Ministério da Educação (MEC) e, quando muito, a uma preocupação com a questão da avaliação dos cursos, tendo em vista que o desenvolvimento de pesquisas consta como um dos itens que integram os processos avaliativos do ensino superior.

Quando o MEC vem, eu tenho que participar das reuniões por ser doutora A instituição brinca comigo que eu tenho cadeira cativa, porque eles precisam de mim, pela minha formação e pela minha trajetória porque, na hora de mostrar o álbum de professores para o MEC, convém eu estar lá. Mas eu não ganho nada com isso. A não ser o reconhecimento da instituição e uma certa estabilidade, porque muita gente já foi mandada embora e eu estou lá desde 2009 (Carolina).

O relato de um egresso, em particular, chamou a atenção. Graciliano, que atualmente concilia a atuação clínica com a docência em cursos de pós-graduação, destaca ter vivenciado um efeito negativo da titulação na sua empregabilidade.

Eu precisei me reinventar, porque, com o título de doutor, eu me tornei desinteressante para as duas universidades em que eu dava aula Inclusive a proposição do MEC ajuda nisso; se um curso tem um doutor já é o bastante pra ele ser reconhecido e, no meu caso, nas duas universidades havia outros colegas também doutores, então eu me tornei desinteressante. Eu fui desligado, então, dessas duas universidades e aí tive que me reinventar, apostar muito mais no consultório, e aderir a essas plataformas tão comuns de profissionais psicólogos. Com isso, eu desanimei, e muito, em voltar a dar aula em graduação (Graciliano).

Ao ser questionado até que ponto considera que o desligamento dos cargos docentes nas universidades em que atuava no momento da conclusão do doutoramento tem correlação com a concretização da titulação, Graciliano destaca ser este um processo nem sempre declarado, embora sabidamente presente no cotidiano das instituições privadas:

As coisas nunca são tão às claras, né? Ninguém chega e fala “oh, você com o título de doutor, seu salário vai pra tanto, mas eu queria ver se a gente consegue reduzir”. Não, nada disso. Concretamente dizendo, as minhas demissões coincidiram com a defesa da minha tese. No dia seguinte, com a comprovação de que eu tinha defendido a minha tese, eu podia pedir o reajuste do meu salário. Não me deram nem oportunidade pra isso. Se eu tivesse tido avaliações ruins dos meus alunos – porque os alunos fazem avaliações – mas os professores sabem quais notas se recebe, não de quem, mas sabe quais são as notas. Mas não foi pela falta de qualidade (Graciliano).

²² Universidades e centros universitários precisam ter um corpo docente composto por pelo menos um terço de mestres ou doutores (Lei 9.394, 1996; Decreto 9.235, 2017). No caso das universidades, existe ainda a exigência adicional de oferta regular de, pelo menos, quatro cursos de mestrado e dois de doutorado (Resolução CNE/CES 3, 2010), o que de certa maneira pode ser tratado como a única obrigatoriedade normativa para a contratação de doutores, já que a docência na pós-graduação *stricto sensu* está vinculada à titulação doutoral.

A percepção apresentada por Graciliano encontra correspondência com um fenômeno ainda pouco explorado no âmbito na literatura acerca da realidade sociolaboral de pós-graduados brasileiros, que é a prática de omissão de titulação no currículo. Em estudo quantitativo conduzido com pós-graduandos e pós-graduados de diferentes regiões do Brasil, Lopes (2021) constata que a maioria dos participantes (mais de 60%) revela já ter omitido ou conhecido alguém que omitiu títulos de pós-graduação em algum momento de suas carreiras, com o intuito de melhorar ou manter as condições de empregabilidade no contexto acadêmico. Ainda segundo esse estudo, dentre os que relatam terem praticado a omissão, a maioria é composta por doutores ou doutorandos, sendo a maior prevalência encontrada entre profissionais das ciências humanas. O autor interpreta esse fenômeno como um claro sintoma da retração do mercado de trabalho para profissionais com maior qualificação no Brasil, sobretudo no campo acadêmico, área de atuação que desperta o maior interesse dos egressos da pós-graduação *stricto sensu*.

Ainda em relação aos impactos objetivos do doutoramento sobre a carreira, convém discutirmos as repercussões da titulação sobre a esfera da remuneração entre aqueles que atuam na área acadêmica. Novamente, é necessário distinguir a realidade das condições de trabalho entre serviço público e serviço privado. No serviço público, há, via de regra, uma institucionalização mais bem estabelecida de planos de carreira que conferem recompensas remuneratórias à titulação. No serviço privado, a existência de planos de carreira está condicionada à política de valorização de pessoal de cada IES, sendo bastante variável a realidade encontrada de uma instituição para outra.

Os egressos atualmente em atuação em IES privadas expressam, de uma maneira bem mais contundente do que os que atuam no serviço público, insatisfações com a pouca valorização remuneratória advinda da titulação, isso quando são efetivamente remunerados em conformidade com a titulação doutoral. Euclides, por exemplo, trabalha atualmente em duas IES privadas e em uma delas é remunerado como mestre, e não como doutor:

Plano de carreira na universidade privada não existe. É diferença de R\$3 reais, R\$ 4 reais a hora/aula entre um mestre e um doutor. Não existe perspectiva. Eu, por exemplo, posso fazer pós-doutorado e não faz diferença nenhuma. Às vezes a diferença que faz é eu não ser empregado, no sentido de que, se o curso tem o número de doutores suficientes, ele pode contratar um mestre e pagar mais barato. Por exemplo, eu, na [IES 1], eu recebo como doutor, mas na [IES 2] eu recebo como mestre ... porque o curso já tem um número de doutores suficientes e não vou ser contratado como doutor; vou ser contratado como mestre (Euclides).

Mesmo entre aqueles que relatam algum tipo de valorização salarial decorrente da titulação, em razão de progressão na carreira organizacional de IES que dispõem de planos de carreira institucionalizados, a percepção é de que o acréscimo é muito pequeno em face do

tempo e do esforço dedicado à formação. Carolina, por exemplo, relata que a conclusão do doutorado lhe rendeu um incremento salarial da ordem de somente 10%. No seu caso, os maiores impactos remuneratórios proporcionados pelo doutoramento vieram indiretamente, fruto da conquista de premiações institucionais de incentivo à pesquisa na IES onde trabalha:

Na época, de 2009 a 2015, a [IES em que trabalha desde 2009] era uma instituição perfeita pra trabalhar; salário muito mais alto que salário de professor de [universidade] federal Começaram a ter uns prêmios; tiveram três anos com prêmios de incentivo à pesquisa e, nesses três anos, em um ano eu fiquei em primeiro lugar, no segundo eu fiquei não sei se foi em segundo ou terceiro lugar, e no outro ano eu fiquei de novo em segundo lugar. E esses prêmios eram remunerações enormes; o primeiro lugar, pra você ter ideia, eu ganhei R\$ 46 mil, isso em 2017. E os outros prêmios era trinta e poucos, vinte e poucos [mil reais] (Carolina).

De acordo com Carolina, contudo, tais premiações foram extintas a partir de 2018, o que, a seu ver, coincide com um momento de ampliação da precarização das condições de trabalho na instituição em que atua desde 2009. Essa realidade a tem feito, inclusive, repensar os projetos de carreira: “até 2018 eu não pensava mais em tentar concurso em universidade federal; pensava em ficar só no serviço privado, já que era uma coisa muito bacana, de grande realização financeira e profissional. Infelizmente, de 2018 pra cá a coisa piorou demais” (Carolina).

A narrativa de Carolina faz eco ao que é relatado por outros egressos que possuem na atuação acadêmica no ensino privado a principal ocupação profissional atual. Érico e Adélia, por exemplo, trabalham atualmente em uma IES privada de bastante prestígio e tradição na cidade de Belo Horizonte e que dispõe de plano de cargos e carreira que em muitos aspectos se assemelham a IES estatais. No entanto, mudanças na política institucional de distribuição das aulas ou mesmo de burocratização das condições de exercício do trabalho docente vêm impactando inclusive as condições para assumir outras funções de complementação de renda para além da docência, algo visto por muitos egressos que atuam na iniciativa privada como uma vantagem em relação ao serviço público, geralmente atrelado a vínculos de dedicação exclusiva.

Eu estou na universidade particular que paga melhor aqui em Minas, mas hoje, se eu tivesse trabalhando cinco horas por dia no meu consultório, eu estaria ganhando mais do que eu ganho como professor [na IES onde leciona]. Se eu chegasse no meu consultório nove horas da manhã e saísse duas horas da tarde, eu teria um horário de trabalho maravilhoso, sem levar nenhum trabalho pra casa, sem ter esse acúmulo de trabalho que eu tenho, a responsabilidade da qualidade das minhas aulas e do meu desenvolvimento com os alunos, eu estaria recebendo mais do que eu recebo Eu não estou vivendo isso como um conflito no momento, mas não deixa de ser uma questão. Então, em termos de salário, eu não estou satisfeito não (Érico).

Cabe, entretanto, ressaltar que, não obstante a variabilidade das percepções acerca das repercussões do doutoramento sobre aspectos objetivos da carreira (como inserção

profissional/empregabilidade e remuneração), uma esfera da atuação acadêmica que apareceu consensualmente destacada como positivamente impactada pela experiência doutoral foi a do crescimento profissional ligado ao aperfeiçoamento técnico proporcionado pelo curso. Os trechos de narrativas apresentados na sequência surgiram como respostas ao questionamento a respeito da relação entre o doutorado e os atuais desafios profissionais enfrentados na atuação acadêmica:

Aprender a fazer uma pesquisa, né? Eu acho que essa é a principal, de aprender a fazer uma pesquisa com começo, meio e fim. Criar objetivos, definir perguntas, todo o trabalho de produção textual, desde antes do doutorado, tem muita relação. Inclusive relação temática, porque [hoje] eu estou estudando temas que eu não tinha estudando antes, mas alguns temas de fundo eles são muito transversais em todo o campo das ciências humanas (Vinícius).

Olha, subjetivamente, tem muito impacto. Acho que o crescimento intelectual, acadêmico, a realização como pesquisadora, eu fiquei muito feliz e me sinto uma pessoa muito mais capacitada nas minhas áreas de atuação com o doutorado. Cresci muito intelectualmente, profissionalmente (Carolina).

A conclusão do doutorado me coloca em um lugar mais – vamos dizer assim – mais nítido de referência intelectual dentro da área ..., o que me possibilita dar grupos de estudos sobre o que eu tiver a fim e com pessoas super interessadas E eu acabei achando uma forma também de exercer a docência no que eu estou afim de uma forma séria, com pessoas super compromissadas, e que funciona bem pra mim; o doutorado me ajudou nisso. O doutorado me ajudou a me afirmar diante dos pares (Ariano).

Como será melhor discutido adiante, quando formos tratar sobre os impactos do doutoramento sobre a atuação não acadêmica, a realização do doutorado tem repercussões subjetivas importantes na forma como os egressos passam a se enxergar na relação com o conhecimento. Para além dos aspectos formais da titulação, que, como vimos, podem ou não proporcionar aos egressos ganhos em termos de benefícios objetivos na carreira acadêmica, a conclusão do doutorado chancela simbolicamente uma posição de referência, competência e autoridade no campo do saber, elementos que ainda são importantes para a atuação em áreas como a docência e a pesquisa, que lidam cotidianamente com práticas de transmissão e produção do conhecimento. Como veremos, os sentidos atribuídos a esse mesmo tipo de impacto subjetivo proporcionado pelo doutoramento sobre a carreira acadêmica também estarão presentes, embora com ênfases distintas, quando encarados sob a ótica das repercussões do doutorado sobre a carreira não acadêmica.

4.2 Impactos do doutoramento sobre a carreira não acadêmica

Compreender os impactos do doutoramento sobre a carreira não acadêmica exige um esforço bem mais consistente de exploração das dimensões subjetivas da relação dos egressos com o trabalho. Isso porque, diferentemente da relação entre pós-graduação *stricto sensu* e

carreira acadêmica, os nexos entre formação doutoral e atuação não acadêmica são bem menos explícitos. A própria descrição dos objetivos da pós-graduação em Psicologia da UFMG, conforme divulgado no *site* do programa²³, deixa isso bastante claro ao destacar como primeiro objetivo do curso “a formação de pesquisadores e docentes altamente qualificados”. Ainda que os demais tópicos explicitem a aspiração do programa por formar pesquisadores capazes de produzir conhecimentos que dialoguem com os problemas e necessidades sociais – o que, em última análise, não se restringe a uma competência circunscrita à atuação acadêmica – não há como negar a ênfase de um doutorado de modalidade acadêmica para o desenvolvimento de competências voltadas à docência e à pesquisa, o que seria bastante diferente se estivéssemos a tratar de um programa de doutorado na modalidade profissional.

Nesse sentido, cabe indagar o que uma formação de ênfase acadêmica tende a trazer de impactos para uma atuação não acadêmica. Para fazer essa análise, enfocaremos o conteúdo narrativo dos nove entrevistados que mantêm atuações profissionais dissociadas da área acadêmica, seja de forma exclusiva, isto é, sem nenhuma atividade ligada à docência ou à pesquisa, seja parcialmente, conciliando a prática profissional nos dois campos.

Em termos dos aspectos objetivos que compõem a carreira não acadêmica, os impactos do doutoramento são praticamente nulos e, quando muito, indiretos. Tomando por parâmetro os egressos que atuam como psicólogos em organizações (públicas ou privadas), no âmbito das quais é possível identificar alguma estrutura institucionalizada de planos de cargos e carreira, a contribuição da titulação doutoral para a progressão funcional foi relativamente modesta, ainda que existente. Lygia é uma egressa que trabalha como psicóloga em um órgão público que conta com plano de cargos e salários instituído. Ao falar sobre os impactos da titulação sobre a progressão na carreira, dentro do órgão, relata a percepção de que a qualificação na pós-graduação *stricto sensu* é pouco valorizada não só do ponto de vista da progressão funcional como de políticas de incentivo para capacitação, como programas de afastamento voltados à qualificação profissional²⁴.

Do ponto de vista da minha carreira, vamos dizer assim, ... eu acho que não fez tanta diferença. Como eu te falei, [na instituição onde atua] não tem esse investimento aí, não valoriza a vida acadêmica. Acho que parece que tanto faz. Se você faz uma especialização, que é inteiramente virtual, ou se você faz um mestrado ou um doutorado, pouca diferença faz. Teve algum peso sim. Eu tive a minha progressão de carreira durante o doutorado, eu não tinha terminado ainda, que é a grande progressão da carreira, em que você pula de nível depois de um certo tempo. E o fato de estar com o doutorado em curso contou pra isso. Mas eu poderia ter feito, por exemplo, três especializações ao invés de um mestrado e um doutorado (Lygia).

²³ <http://www.fafich.ufmg.br/pospsicologia/historico/>.

²⁴ Importante salientar que, para conseguir realizar uma experiência de estágio-sanduiche, durante o doutoramento, Lygia relata ter precisado recorrer a férias acumuladas, já que não teve da instituição autorização para se afastar.

Um relato semelhante sobre essa questão da progressão na carreira organizacional advinda do doutoramento apareceu na entrevista com Alúísio, que atua como psicólogo em uma empresa pública na área hospitalar. Assim como no órgão em que Lygia atua, a formação doutoral contribui indiretamente, na empresa onde Alúísio trabalha, para ascensão na carreira organizacional, já que é contabilizada para efeito de cálculo da pontuação necessária para avanço na escala funcional.

Eu sei que o doutorado me ajudou a progredir na minha carreira lá dentro. Ele gera pontuação para que você consiga avançar e conseguir subir de nível nas carreiras que existem lá, sabe? E acaba que é uma pontuação significativa, é uma pontuação boa. Então, eu consegui avançar e eu atribuo parte disso à pontuação que o doutorado me gerou e não é comum a gente encontrar com doutor lá no hospital (Alúísio).

Vê-se, pelos exemplos citados, que estamos a tratar de impactos objetivos muito indiretos quando comparados aos narrados por aqueles egressos que atuam na carreira acadêmica. Ainda que do ponto de vista da recompensa remuneratória tais efeitos indiretos possam ser até mais vantajosos do que os que atuam naquelas IES privadas que não dispõem de um programa de valorização consistente da qualificação dos seus trabalhadores, é muito importante demarcar o caráter simbolicamente pouco correlacionado entre a titulação doutoral e o desenvolvimento da carreira organizacional. Afinal, mesmo sem a realização do doutorado, esses egressos teriam condições de ascensão na carreira organizacional mediante a conquista de pontuação pela realização de outras atividades, que não especificamente uma pós-graduação *stricto sensu*. Na carreira acadêmica, pelo contrário, o acesso a determinados níveis de carreira organizacional permanece interdito para aqueles que não atingem a titulação doutoral.

Saindo da esfera de atuação em contextos organizacionais e enfocando a narrativa dos egressos que atuam como psicólogos autônomos (na área clínica ou de consultoria), a percepção dos impactos objetivos sobre a carreira são particularmente exíguos. Os egressos entrevistados não reconhecem um incremento valorativo na carreira do ponto de vista, por exemplo, da atração de novos clientes. Muitos egressos relatam, inclusive, omitir a titulação em materiais publicitários de divulgação do trabalho como clínico, como folders ou cartões profissionais, uma vez que a titulação não desempenha um fator atrativo significativamente relevante na área clínica, a não ser, como veremos adiante, de um ponto de vista “estético”.

Entretanto, a narrativa de um dos participantes da pesquisa (Jorge) traz um elemento que, a despeito de ter aparecido em somente uma entrevista, compensa ser explorado. Trata-se do valor simbólico que a titulação doutoral pode desempenhar no âmbito das relações de poder com outros profissionais, sobretudo quando levamos em consideração a questão do poder médico, ainda hegemônico dentro de certos campos de atuação profissional, como na área da

saúde, por exemplo. Apesar de também não reconhecer nenhum ganho direto, advindo da condição de ter se tornado doutor em Psicologia, para a captação de novos clientes para a sua clínica, Jorge relata que a titulação ampliou as suas perspectivas de interlocução com determinados profissionais, sobretudo da área médica, com os quais encontrava muito maior dificuldade de acesso antes da titulação. Para Jorge, o doutoramento atenua, pelo menos em partes, a precarização que caracteriza a imagem social do psicólogo, por vezes negligenciada ou até mesmo ridicularizada por outras especialidades:

Eu ia discutir com um médico, ia discutir com outros profissionais, com a escola, com a diretora, mas psicólogo é um bicho ironizado. Ninguém levava a gente a sério. Os médicos psiquiatras, quando conversavam... a gente tinha que conversar com muito psiquiatra, muito neurologista, e o pessoal ria da nossa cara. Então, se você é psicólogo, pra você conseguir conversar com psiquiatra, era custoso, o cara nem te atendia, o cara marcava e não ia Então, eu ia nos consultórios conversar com os caras e às vezes eles nem recebiam a gente. Então, ficava esse desrespeito pela minha profissão, pelo psicólogo como um todo. Aí eu falei assim: “Quem sabe se esse papo aí de que o doutor tem um *status* diferenciado. Às vezes se eu fizer doutorado e colocar esse título na frente do meu nome, às vezes esses caras vão pelo menos me ouvir, né?”. E, infelizmente, isso aconteceu. O meu intuito era ser um pouco mais respeitado por esses outros profissionais com quem eu precisava interagir; até então era um desrespeito absurdo. Com o título de doutor isso melhorou muito. Hoje as pessoas me tratam com um pouco mais de respeito, até me escutam, me ouvem (Jorge).

Jorge conclui esse relato dizendo que nem sempre o reconhecimento proporcionado pelo acréscimo da abreviatura “Dr.” à frente do nome está relacionado estritamente ao título doutoral em si, mas a uma associação feita por muitas pessoas com a denominação que se costuma atribuir genericamente a todos os médicos. Tal percepção está assentada em experiências nas quais foi erroneamente considerado médico simplesmente pelo uso da titulação doutoral em assinaturas de *e-mails* ou na apresentação de cartões profissionais. De toda forma, não deixa de ser um relato revelador do significado simbólico que ainda persiste acerca da titulação doutoral no imaginário social, com efeitos de poder para além da esfera estritamente acadêmica.

É preciso salientar, entretanto, que os principais impactos do doutoramento sobre a carreira não acadêmica podem ser verificados quando analisamos a dimensão subjetiva da relação dos egressos com o trabalho e com a formação. A propósito, como já sinalizamos ao final do tópico anterior, os efeitos subjetivos gerados pela experiência doutoral transcendem a esfera específica de atuação profissional pós-titulação. Isso porque os sentidos atribuídos aos ganhos proporcionados pelo doutoramento não se circunscrevem à dimensão estritamente profissionalizante das trajetórias de vida de trabalho, mas abrangem também componentes ligados à construção identitária dos egressos.

Aqui é importante elucidar que a noção “construção identitária” está sendo empregada à luz dos referenciais da abordagem psicossocial proposta por Ribeiro (2014), para quem a

carreira possui duas dimensões constitutivas centrais: as trajetórias de vida de trabalho e os projetos de vida de trabalho. Essa segunda dimensão, a dos projetos de vida de trabalho, estrutura-se, por sua vez, em torno de dois elementos constituintes: planos de ação e as construções identitárias. Para o autor, um projeto de vida do trabalho é, em última instância, um projeto de identidade, sendo a identidade, na perspectiva assumida pelo autor, entendida como a posição através da qual as pessoas percebem o mundo e o lugar de onde agem. A identidade, em suma, não é um produto, mas sim um processo de construção e reconstrução de si mesmo, razão pela qual, analiticamente falando, o conceito de construções identitárias, mais dinâmico e sinalizador de um processo em constante movimento, é preferível ao próprio conceito mais estático e substancialista de identidade.

Sob uma ótica socioconstrucionista, as construções identitárias são compreendidas como narrativas de si produzidas em contexto, que permitem colocar em ação processos de significação de si, do outro e das relações. Impactos no campo das construções identitárias pressupõem, portanto, mudanças significativas na forma pela qual os sujeitos passam a se enxergar e, fundamentalmente, se posicionar em relação às suas trajetórias (Ribeiro, 2014). Essa noção fornece uma chave de leitura analítica importante para compreendermos uma das vertentes de ressonância do doutoramento sobre a carreira dos sujeitos investigados, ressonâncias estas nem sempre convertidas em ganhos objetivos na carreira, mas com impactos profundos na maneira de vivenciar a relação com a profissão, com o conhecimento e com o trabalho.

Os trechos de narrativa apresentados na sequência foram extraídos de entrevistas de egressos que atualmente atuam somente em contextos não acadêmicos, em clínicas ou em organizações. É de suma importância se atentar para a recorrência com que a percepção de um reposicionamento em face do saber aparece nas narrativas citadas, algo que para alguns egressos se manifesta como um sentimento de maior “autorização” em relação ao conhecimento psicológico e à atuação profissional como psicólogo.

Valeu a pena, eu acho que agregou minha formação; me autorizou até a entender um pouco mais a clínica e a ser um clínico melhor, no processo de escuta com os pacientes, e mais algumas propostas, algumas perspectivas interessantes O doutorado ele teve um impacto em termos subjetivos muito importante pra mim, porque foi um doutorado que me ajudou a entender muito do meu percurso até então, desse trabalho nas instituições, e ele me ajudou e me orientou muito em relação ao tipo de profissional que eu gostaria de ser Então, ali me ajudou a fazer com que eu me autorizasse a me inserir de fato enquanto um profissional da escuta naquele lugar. Ele me deu mais segurança (Aluísio).

Do ponto de vista subjetivo, eu acho que fez toda a diferença. Foi pra mim como se tivesse acontecido uma passagem na minha relação com o saber. Porque eu pude me autorizar, vamos dizer assim, me sentir autorizada com relação à transmissão Então, é como se eu tivesse

ganhado uma certa confiança – de mim mesma – e pudesse me autorizar. Então, eu acho que teve esse efeito subjetivo de uma passagem fundamental.... Essa coisa de poder se autorizar. É claro que aí vem a titulação, vem o reconhecimento, a recomendação de publicar, então, acho que isso tudo colabora, como se selasse essa autorização (Lygia).

Eu vejo o doutorado como uma bagagem de conhecimento em relação à Psicologia, de amadurecimento, de reflexão Acho que o doutorado me deu uma visão mais ampla e acho que isso a gente carrega em tudo o que a gente faz. Eu tenho essa impressão. Foi uma experiência muito rica pra mim; eu acho que pra mim enquanto pessoa, mas pra mim enquanto psicóloga também. Por exemplo, eu estou na clínica, mas eu quis fazer o doutorado na Psicologia Social e eu acho que, quando eu te falo de uma visão mais ampla, o que eu buscava era isso, quer dizer: na clínica também é imprescindível que a gente enxergue as coisas dentro de um contexto social, de uma história não só familiar, mas também história da sociedade. Então, eu acho que pra mim o doutorado foi justamente não um conhecimento específico ali para a clínica, foi o contrário. Foi uma abertura que eu acho muito boa, muito necessária. Acho que tem a ver com isso ..., de ampliar um pouco o olhar, o próprio olhar clínico. Eu sinto isso, eu sinto que ganhei um pouco isso no doutorado (Ruth).

Outro elemento recorrente nas falas sobre os ganhos subjetivos trazidos pelo doutoramento diz respeito às oportunidades que o envolvimento com a pesquisa na pós-graduação *stricto sensu* proporcionou aos egressos em termos de “formalização” de conhecimentos atrelados à prática profissional. O que se entende por formalização – termo aqui empregado em razão da sua recorrência nas entrevistas – diz respeito a um processo de sistematização mais bem estruturada da relação com o conhecimento que acaba por se materializar na produção da tese, algo nem sempre praticável no contexto da atuação profissional não acadêmica, no âmbito do qual a publicização do saber é bem menos reconhecida e estimulada do que no campo acadêmico.

Essa percepção de que o processo de doutoramento contribuiu para formalizar academicamente o trabalho desenvolvido na atuação (fora da academia) apareceu associada a basicamente duas dimensões do fazer profissional: a fundamentação teórica do trabalho psicológico e o desenvolvimento de instrumentais técnicos para subsidiar a atuação. Os dois trechos de fala citados na sequência foram escolhidos em função de serem ilustrativos do modo como os egressos visualizam a correlação entre suas experiências doutorais em cada uma das duas aludidas dimensões.

O fato de eu ter tido essa autorização, a partir desse lugar da minha pesquisa no doutorado, eu acho que permitiu que eu falasse do trabalho, que eu pudesse transmitir o trabalho de uma forma, vamos dizer assim, com propriedade, com rigor, com fundamento. Foi possível também fundamentar esse trabalho. Então, eu acho que permitiu essa formalização ..., tanto na sua vertente clínica quanto na parte teórica – porque tem uma parte teórica grande na minha tese de doutorado – permitiu construir essa fundamentação do trabalho que dá certo rigor a ele (Lygia).

No doutorado eu tive a ideia de trabalhar com expressões faciais e fazer uma tarefa pra medir as micro e as macro expressões faciais e o quanto as pessoas conseguem ler isso e acertar. Então, eu fiz essa tarefa e uso ela no consultório como linha de base O meu interesse na pesquisa sempre foi ligado à clínica. No mestrado, que eu trabalhava com muitas crianças com disfunção executiva Então, eu fui trabalhar com disfunção executiva porque eu precisava entender isso

e avaliar isso no consultório. E no doutorado também teve esse outro fator. Porque eu falei assim: “Eu preciso de um instrumento, esse instrumento não existe, e eu vou fazer” (Jorge).

A análise dos resultados acerca dos impactos do doutoramento sobre a carreira não acadêmica permite alargar a compreensão das experiências da formação doutoral para além do que comumente encontramos de problematização no âmbito da literatura de egressos da pós-graduação *stricto sensu* brasileira, preponderantemente composta por investigações interessadas em compreender as implicações da formação sobre a inserção e desenvolvimento profissional em trajetórias acadêmicas. Apesar da configuração do doutorado acadêmico estar fortemente atrelada a uma formação para a atuação em atividades peculiares à carreira de magistério superior (especialmente, ensino e pesquisa), há que se levar em conta as repercussões que anos investindo no desenvolvimento de competências ligadas à sistematização, produção e comunicação do conhecimento têm para sujeitos cuja relação com o saber cumpre uma função tão significativa no âmbito de suas construções identitárias.

Eu sempre gostei muito e sempre me dei muito bem com a escrita e com a pesquisa. Então, pra mim, tem um valor pessoal; seria um valor estético de ser doutor, de fazer o doutorado. Eu gosto muito que isso faça parte da minha vida independente de um projeto profissional específico (Ariano).

No trecho acima Ariano enuncia de maneira precisa o que aparece, ainda que menos explicitamente, em grande parte das narrativas dos demais participantes da investigação. A noção de “valor estético”²⁵ do doutoramento, à qual o egresso faz menção, expressa certamente um impacto psicossocial importante na construção da carreira, ainda que pouco tangível objetivamente. O que consideramos decisivo frisar é que os ganhos na carreira oriundos desse impacto, diferentemente de outros apontados no decorrer desta exposição, independem das características da inserção profissional pós-doutoramento para serem vivenciados pelos egressos, o que se evidencia pela constatação de que em maior ou menor medida perpassa trajetórias distintas, com orientações por vezes radicalmente diversas.

Considerações Finais

Compreender os impactos do doutoramento em Psicologia sobre a carreira de psicólogos doutores, a partir de uma abordagem psicossocial, foi o objetivo principal perseguido por este

²⁵ Embora passível de ser interpretado à luz de inúmeras significações teóricas e filosóficas, não há indícios de que o termo “estético” tenha sido empregado pelo entrevistado em uma acepção teórico-conceitual, e sim com o sentido consagrado pelo uso corrente desse adjetivo na linguagem ordinária, qual seja, o de um adjetivo relativo ao sentimento do que é belo e harmonioso, segundo o Dicionário Aurélio (Ferreira, 2004). Tal constatação advém de uma análise completa da entrevista, no âmbito da qual fica explícita a visão do participante acerca de como a titulação doutoral, por tudo o que ela representa, dispõe de um valor simbólico importante para viabilizar o acesso a certos patamares de reconhecimento no campo da atividade intelectual.

estudo. Como acreditamos ter conseguido demonstrar, aliar a investigação conjunta das dimensões objetivas e subjetivas que atravessam a configuração das trajetórias de vida de trabalho de egressos do doutorado apresenta-se como uma estratégia promissora para a análise da relação entre formação doutoral e carreira, temática ainda insuficientemente explorada na literatura nacional.

Em razão das especificidades de cada contexto de atuação (acadêmico e não acadêmico), optamos por tratar separadamente os impactos do doutoramento sobre a carreira acadêmica e sobre a carreira não acadêmica. Essa decisão se mostrou acertada por permitir desvelar as nuances da repercussão da formação doutoral em diferentes esferas de atuação não necessariamente ligadas à pesquisa e à docência, possibilitando contemplar também as trajetórias profissionais de doutores que não se encaminham para uma trajetória de atuação acadêmica após concluída a formação.

Dentre as contribuições deste trabalho para a compreensão da relação entre pós-graduação *stricto sensu* e carreira, consideramos importante destacar a apresentação de dados empíricos que evidenciam o quanto os impactos psicossociais do doutoramento sobre o desenvolvimento da carreira profissional estão sujeitos a modulações que em muito se correlacionam a condicionais da realidade sociolaboral. Tivemos a oportunidade de verificar que, em um cenário marcado pela precarização e pela retração do mercado de trabalho acadêmico, fruto das pressões do neoliberalismo sobre as IES públicas e privadas, há uma atenuação dos efeitos positivos que muitos egressos esperavam do doutoramento quando decidiram cursar essa formação.

Por outro lado, tivemos também a oportunidade de explicitar e analisar a dimensão subjetiva implicada na experiência doutoral em suas intersecções com a carreira. Vimos que existe uma estreita relação entre os sentidos atribuídos às repercussões do doutoramento sobre as trajetórias sociolaborais e os aspectos identitários que permeiam a relação dos egressos com o conhecimento e com a atuação profissional, algo somente possível de ser acessado mediante um cuidadoso e sistemático trabalho de análise das narrativas sobre a carreira.

A realização de novos estudos envolvendo egressos de outras áreas, programas e/ou instituições, poderão proporcionar elementos para que as sinalizações analíticas apontadas por este estudo possam ser examinadas, ampliadas e aprimoradas. Há muito o que se avançar na produção de estudos voltados à pós-graduação *stricto sensu* brasileira; acreditamos ter conseguido sinalizar, mediante os resultados proporcionados por esta pesquisa, o amplo espectro de questões que aguardam por serem exploradas no campo de interface entre formação pós-graduada e mundo do trabalho.

Referências

- Alves, M. F., & Oliveira, J. F. (2014). Pós-Graduação no Brasil: do Regime Militar aos dias atuais. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, 30(2), 351-376. Recuperado de <https://doi.org/10.21573/vol30n22014.53680>
- Barbosa, D. M. M., Gutfilen, B., Gasparetto, E. L., & Koch, H. A. (2009). Análise do perfil dos egressos do Programa de Pós-Graduação em Medicina (Radiologia) da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *Radiologia Brasileira*, 42(2), 121-124. doi: 10.1590/S0100-39842009000200011
- Braga, M. M., & Azevedo, S. (2002a). Formação e trabalho de mestres e doutores em química titulados no Brasil. *Química Nova*, 25(4), 696-712. doi: 10.1590/S0100-40422002000400028
- Braga, M. M., & Azevedo, S. (2002b). Formação e trabalho de mestres e doutores em bioquímica titulados no Brasil. *Química Nova*, 25(5), 866-886. doi: 10.1590/S0100-40422002000500025
- Charles, L. F. J. (2020). Formação acadêmica e mercado de trabalho: destinos profissionais de doutores em Psicologia. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Chauí, M. (2021). *A ideologia da competência*. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Cirani, C. B. S., Campanario, M. A., & Silva, H. H. M. (2015). A evolução do ensino da pós-graduação senso estrito no Brasil: análise exploratória e proposições para pesquisa. *Avaliação (Campinas)*, 20(1), 163-187. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/aval/v20n1/1414-4077-aval-20-01-00163.pdf>.
- Cohen, L., Duberley, J., & Mallon, M. (2004). Social constructionism in the study of career: Accessing the parts that other approaches cannot reach. *Journal of Vocational Behavior*, 64, 407-422. doi:10.1016/j.jvb.2003.12.007
- Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017. (2017). Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das instituições de educação superior e dos cursos superiores de graduação e de pós-graduação no sistema federal de ensino. *Presidência da República*. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9235.htm#art107

- Dubar, C. (2001). La construction sociale de l'insertion professionnelle. *Éducation et Sociétés*, 7(1), 23-34. Recuperado de <https://www.cairn.info/revue-education-et-societes-2001-1-page-23.htm>
- Evans, L. (2011). The scholarship of researcher development: mapping the terrain and pushing back boundaries, *International Journal for Researcher Development*, 2(2), 75-98. doi: 10.1108/17597511111212691
- Ferreira, A. B. H. (2001). *Miniaurélio do Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Hortale, V. A., Moreira, C. O. F., Bochner, R., & Leal, M. C. (2014). Trajetória profissional de egressos de cursos de doutorado nas áreas da saúde e biociências. *Revista de Saúde Pública*, 48(1), 1-9. doi: 10.1590/S0034-8910.2014048004629
- Kaufmann, J. C. (2013). *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes, Maceió: Edufal.
- Helal, D. H.; & Rocha, M. (2011). O discurso da empregabilidade: o que pensam a academia e o mundo empresarial. *Cadernos Ebape.br*, 9(1), 139-154. doi: 10.1590/S1679-39512011000100009
- Lei nº 12.863, de 24 de setembro de 2013. (2013). Dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreiras e Cargos do Magistério Federal. Presidência da República. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112863.htm
- Leonard, D., Metcalfe, J., Becker, R., & Evans, J. (2006). *Review of literature on the impact of working context and support on the postgraduate research student learning experience*. Nova Iorque: The Higher Education Academy.
- Lopes, R. C. (2021). Prática de omissão de titulação no currículo: um estudo entre pós-graduandos e pós-graduados. *Revista Antropológicas*, 32(1), 167-198. doi: 10.51359/2525-5223.2021.250780.
- Maroy, C. (1997). A análise qualitativa de entrevistas. In L. Albarello, F. Digneffe, J. P. Hiernaux, C. Maroy, D. Ruquoy, P. Saint-Georges (Orgs.), *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais* (pp. 117-155). Lisboa: Gradiva.
- Mattos, V. (2011). *Pós-graduação em tempos de precarização do trabalho: alongamento da escolaridade e alternativa ao desemprego*. São Paulo: Xamã.
- McAlpine, L., & Amundsen, C. (2018). *Identity-trajectories of early career researches: unpacking the Post-PhD Experience*. Londres: Palgrave Macmillan.

- Mello, G. S., & Rossi, P. L. (2018). Do industrialismo à austeridade: a política macro dos governos Dilma. In R. Carneiro, P. Baltar, F. Sarti (Orgs.). (pp. 245-282). São Paulo: Unesp.
- Neto, A. S., Trevisol, M. G., & Almeida, M. L. P. (2021). Da institucionalização do Sistema de Pós-graduação ao Plano Nacional de Pós-Graduação (2011-2020): desafios e perspectivas. *Revista Diálogo Educacional*, 21(71), 1989-2015. doi: 10.7213/1981-416x.21.071.ao07
- Paul, J. J. (2015). Acompanhamento de egressos do ensino superior: experiência brasileira e internacional. *Caderno CRH*, 28(74), 309-326. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v28n74/0103-4979-ccrh-28-74-0309.pdf>
- Resolução CNE/CES nº 3, de 14 de outubro de 2010. Regulamenta o Art. 52 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e dispõe sobre normas e procedimentos para credenciamento e credenciamento de universidades do Sistema Federal de Ensino. *Ministério da Educação*. Recuperado de http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=75871-rces003-10-pdf&category_slug=novembro-2017-pdf&Itemid=30192
- Ribeiro, M. A. (2014). *Carreiras: novo olhar socioconstrucionista para um mundo flexibilizado*. Curitiba: Juruá.
- Ribeiro, M. A. (2017). Psicossocial: *continuum* ontológico do processo relacional. In N. da Silva Júnior, & W. Zangari (Orgs.), *A Psicologia Social e a questão do hífen* (pp. 263-277). São Paulo: Blucher.
- Santos, P. P. (2021). Expansão da Pós-Graduação no Brasil: análise da estrutura das estratégias da meta 14 do Plano Nacional de Educação (2014-2024). *Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais: Estratégias do Plano Nacional de Educação I*, 5, 149-179. doi:10.24109/9786558010456.ceppe.v5.5253
- Silva, T. C., & Bardagi, M. P. (2015). O aluno de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil: revisão da literatura dos últimos 20 anos. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, 12(29), 683-714. Recuperado de https://rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/853/pdf_1.
- Velloso, J. (Org.) (2002). *A Pós-Graduação no Brasil: Formação e Trabalho de Mestres e Doutores no País (Vol. 1)*. Brasília: Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
- Velloso, J. (Org.) (2003). *A Pós-Graduação no Brasil: Formação e Trabalho de Mestres e Doutores no País (Vol. 2)*. Brasília: Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Weber, S. (2003). Estudo e situação de trabalho de mestres titulados no período 1990-1999. In J. Velloso (Org.). *A Pós-Graduação no Brasil: Formação e Trabalho de Mestres e Doutores no País* (Vol. 2) (pp. 245-264). Brasília: Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CONCLUSÕES

A linearidade é um predicado inconstante das trajetórias humanas. No fim das contas, a ordem dos acontecimentos é quase sempre um arranjo que se estabelece às margens da intencionalidade, forjada no confronto entre fatores atrelados a lógicas de condicionalidade distintas: acasos, contingências, idealizações, condições materiais, afetos e laços interpessoais. Essa é a razão pela qual estamos continuamente em busca de tentar preencher com sentidos os porosos relatos que fazemos acerca de nossas experiências, de nossas escolhas, de nossas posições e de nossos projetos, pois é somente no plano das narrativas, sejam as expressas ou aquelas mantemos em foro íntimo, que se torna possível materializar, ainda que provisoriamente, uma consciência de decurso, de trajeto ou, em última instância, de carreira.

Em linhas gerais, essa pode ser tomada como a premissa central que guiou a opção deste trabalho por adotar uma abordagem psicossocial das trajetórias de egressos de um programa de pós-graduação em Psicologia. Sendo fiel às perspectivas teóricas que sustentaram a postura investigativa adotada neste trabalho, a narrativa foi encarada como a prática performativa por meio da qual a singularidade da existência adentra o mundo humano e passa a integrar a ordem dos discursos¹. Se fosse necessário reivindicar a defesa de um único mérito para esta tese, este certamente seria o de ter conseguido evidenciar o potencial analítico que um enfoque detido sobre o conteúdo das narrativas que os sujeitos constroem acerca de suas carreiras proporciona ao campo das pesquisas com egressos do ensino superior.

Por certo, teria sido possível concentrar outros esforços em trazer elementos mais objetivos das trajetórias sociolaborais dos egressos investigados. Terá razão o leitor que observar que pouco se tratou, no decorrer dos estudos que compõem esta tese, de questões relativas a, por exemplo, rendimentos salariais, tipicidade dos vínculos trabalhistas, tempo transcorrido entre titulação e inserção profissional, posições ocupadas na estrutura de cargos e carreiras das organizações empregadoras e tantos outros indicadores que costumam figurar como temas centrais no escopo das pesquisas realizadas com egressos do ensino superior. A título de lembrança, é oportuno não perder de vista que algumas dessas questões foram tópico

¹ Ribeiro, M. A. (2014). *Carreiras: novo olhar socioconstrucionista para um mundo flexibilizado*. Curitiba: Juruá.

de análise da pesquisa empreendida por Laurent Charles², citadas em diferentes ocasiões no decorrer da tese.

Seria exagero, entretanto, alegar que tais aspectos de ordem mais objetiva tenham sido negligenciados pela investigação. O que se buscou respeitar – e essa foi uma decisão que se estabeleceu na confluência entre as problematizações visadas pela pesquisa e as particularidades de uma abordagem psicossocial – foi a forma, o tempo e a recorrência com que os temas apareceram nas narrativas dos sujeitos do estudo. A grande vantagem de uma abordagem psicossocial das trajetórias de vida de trabalho é dar a devida atenção às dimensões objetivas e subjetivas, mas nunca perdendo de vista a indissociabilidade entre elas.

A ênfase investigativa adotada para se analisar as trajetórias de vida de trabalho dos participantes desta pesquisa permitiu o acesso a certas dimensões que dificilmente poderiam ser alcançadas levando-se em conta somente indicadores a respeito dos destinos profissionais dos egressos do doutorado em Psicologia da UFMG. A título de encerramento, cabe nessas linhas finais sinalizar algumas conclusões proporcionadas pela realização do presente trabalho, as quais almejamos que possam contribuir com o campo dos debates a respeito das perspectivas de carreira de egressos da pós-graduação *stricto sensu* brasileira.

Ao buscar compreender os fatores que interferem nas decisões de carreira que os participantes da pesquisa realizaram após a conclusão do doutoramento foi possível verificar que as estruturas de oportunidade vigentes na atual conjuntura do mercado de trabalho acadêmico contrastam com aquelas existentes no momento em que os, agora doutores, decidiram investir na formação pós-graduada *stricto sensu*. Em um cenário marcado pelo aumento da concorrência na disputa por vagas qualificadas na área acadêmica e pela precarização das condições de trabalho no contexto das instituições de ensino superior faz com que o investimento na carreira fora da seara acadêmica volte a ser encarado como uma perspectiva relevante por parte daqueles egressos que, a despeito da identificação com o fazer acadêmico, também conseguem visualizar na atuação como psicólogo possibilidades de realização profissional. Já entre aqueles para os quais a atuação fora da academia não se apresenta como uma possibilidade subjetivamente satisfatória, é possível perceber não só uma maior resiliência no propósito de investir e se consolidar na atuação acadêmica como uma maior condescendência em relação às renúncias implicadas na realização desse projeto.

² Charles, L. F. J. (2020). Formação acadêmica e mercado de trabalho: destinos profissionais de doutores em Psicologia. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

No que tange à análise dos impactos psicossociais do doutoramento sobre a carreira dos egressos investigados, a pesquisa permitiu evidenciar que, como mostra a literatura, a titulação doutoral exerce um efeito importante sobre o alargamento das perspectivas de inserção na vida de trabalho acadêmico, sobretudo no âmbito de instituições públicas que exigem o doutorado como requisito mínimo para investidura no cargo de docência do ensino superior. Entretanto, foi possível também constatar que tal efeito vem sendo mitigado por processos de precarização das condições de trabalho na área acadêmica, o que vem possibilitando no Brasil, em especial ao longo dos últimos dez anos, uma considerável retração na criação de novos postos de trabalho em decorrência da diminuição do investimento público em políticas de ampliação do acesso ao ensino superior e de reestruturações organizacionais, sobretudo no setor privado, com o propósito de contenção de gastos e enxugamento do quadro de pessoal. Essas constatações sinalizam os impactos que o espraiamento de políticas e princípios de viés neoliberalizante na educação superior passam a ter, de maneira cada vez mais intensa, sobre aspectos da vida de trabalho daqueles que já possuem ou buscam construir uma carreira no contexto acadêmico.

No que diz respeito aos impactos do doutoramento sobre os projetos de vida de trabalho, este estudo corrobora o que a literatura vem apontando em relação à principal motivação que leva algumas pessoas a buscarem pela pós-graduação *stricto sensu*, que é a conquista de uma inserção na vida de trabalho acadêmica. Apesar disso, ao nos distanciarmos de uma análise mais generalista e quantitativa a respeito dessa questão e nos aprofundarmos nas narrativas que revelam a dimensão psicossocial envolvida na construção das trajetórias de vida de trabalho, deparamo-nos com uma série de fatores de ordem social, pessoal e circunstancial que atravessam os direcionamentos que os egressos conferem às suas carreiras pós-titulação.

Tivemos também a oportunidade de problematizar a questão dos impactos psicossociais do doutoramento na vida de trabalho de egressos que optam por uma trajetória de atuação alheia à área acadêmica. Nesse caso, verificamos que, do ponto de vista de aspectos mais objetivos da carreira (empregabilidade, renda e progressão funcional), as repercussões da titulação são particularmente modestas e somente se fazem sentir em contextos organizacionais específicos de trabalho, como no caso de instituições que dispõem de um plano de carreira que valoriza a formação continuada como parâmetro de ascensão na estrutura de cargos. Não obstante, constatamos que a principal ressonância da experiência de formação proporcionada pelo doutorado na vida de trabalho fora da academia se faz sentir sobre a dimensão da construção identitária de trabalho dos egressos, isto é, na maneira pela qual passam a se enxergar como psicólogos mais autorizados em face do saber que guia suas condutas profissionais.

Enfim... o final de uma pesquisa costuma ser marcado por um misto de sentimentos que vão desde a satisfação pela conclusão do trabalho, passando pelo lamento em relação aos aspectos que não puderam ser alcançados ou explorados pela investigação, até as expectativas em relação a como as análises e resultados serão recebidos pela comunidade acadêmica e que tipos de reflexões fomentará. A ambição com que encerro este trabalho é de que ele possa trazer elementos para um questionamento mais profundo em relação à dimensão profissionalizante da pós-graduação *stricto sensu*.

Ao que tudo indica, vivemos um processo de reconfiguração do contexto de trabalho – e conseqüentemente das perspectivas de construção da carreira – para os egressos de programas de doutorado. Investigações envolvendo egressos de outras áreas e outras regiões do país poderão confirmar ou não essa tendência, mas o que busco destacar aqui é que cada vez mais, por todas as questões que foram discutidas no decorrer dos estudos constituintes desta tese, será comum se deparar com situações de egressos do doutorado que, por opção ou por limitações circunstanciais, não seguirão uma carreira profissional tipicamente acadêmica, voltada exclusivamente para a produção da pesquisa no contexto da atuação docente. Tal constatação deve – ou ao menos deveria – suscitar uma rediscussão do modo como a dimensão da formação para o trabalho é encarada no âmbito dos programas de pós-graduação *stricto sensu*, ainda muito fortemente apegada ao ideário da preparação para a atuação no mercado acadêmico.

Em síntese, consideramos ter conseguido proporcionar não só uma descrição crítica da realidade sociolaboral enfrentada por egressos doutores do campo da Psicologia como um bom ponto de partida para a produção de estudos que se interessem por abordar psicossocialmente egressos de outras áreas, cursos ou programas. Ademais, há que se ter em conta a possibilidade de explorar outras temáticas que, embora não menos importantes do que as enfocadas neste trabalho, sempre acabam, por uma questão de recorte analítico, sendo deixadas em segundo plano ou mesmo nem sequer tangenciadas. Assim se alimenta o campo das pesquisas de egressos do ensino superior: apostando em revisitações, replicações e complementações de estudos que no conjunto ajudam a configurar uma compreensão mais precisa dos fenômenos produzidos na interface entre educação e mundo do trabalho.

APÊNDICES

Apêndice A - Pesquisar egressos do ensino superior: desafios e estratégias

Qualquer pessoa que já tenha tomado contato com pesquisas conduzidas a partir da abordagem direta a egressos do ensino superior certamente já se deparou com alguma consideração acerca das dificuldades e desafios para se chegar aos egressos dos cursos ou instituições focalizadas. Costumo brincar que é quase uma obrigação ter que se deparar, em um relato de pesquisa sobre egressos, com um “parágrafo de lamúrias e frustrações”, dedicado a descrever as penúrias enfrentadas por todos aqueles que se lançam à árdua missão de, primeiramente, conseguir localizar um egresso – ou ao menos algum tipo de contato que oportunize convidá-lo a colaborar com o estudo – e, vencido esse obstáculo inicial, convencer a pessoa encontrada a dispor de seu precioso tempo para participar de uma pesquisa que nem sempre tem a ele algum benefício direto ou imediato a oferecer.

O leitor que optou por deixar de fora a leitura do presente texto foi poupado do encontro com a descrição das lamúrias e frustrações que marcaram a produção desta pesquisa, uma vez que em nenhum momento no decorrer da elaboração dos tópicos que compõem a tese foi feita qualquer menção às questões práticas e operacionais referentes à realização do trabalho de campo, a não ser o estritamente essencial para se compreender os procedimentos investigativos. No entanto, conquanto possa transparecer um certo desprestígio de minha parte ao me valer de um recurso jocoso para nomear como “lamúrias e frustrações” as descrições que colegas pesquisadores fazem a respeito das dificuldades que enfrentam no cotidiano da produção de estudos similares ao que foi aqui apresentado, considero tais relatos de suma importância para o desenvolvimento de uma cultura de pesquisas com egressos do ensino superior, na medida em que despertam não só uma consciência coletiva sobre as dificuldades inerentes a essa proposta de pesquisa como informam sobre a construção de estratégias criativas e propositivas para contornar essas barreiras.

Dispor-se a compartilhar com a comunidade acadêmica os desafios que permeiam os bastidores da produção de um estudo é não só um ato revelador de honestidade com o fazer científico como de solidariedade com os pares que eventualmente possam se deparar com obstáculos parecidos e que muito se beneficiam com o conhecimento de como outros pesquisadores enfrentaram tais questões no âmbito do desenvolvimento de seus trabalhos. Nesse sentido, considero relevante tecer alguns comentários a respeito de como se deu o meu processo relação com os participantes da pesquisa desde o primeiro contato com seus nomes

em uma lista de egressos do doutorado em Psicologia da UFMG até a prestação de contas a eles sobre o andamento da pesquisa e o convite para participação na defesa da tese.

Primeiramente, preciso reconhecer que, no caso desta pesquisa, o início do trabalho de busca dos egressos foi facilitado pela relativa acessibilidade que tive a seus dados desde o princípio. Pesquisas anteriores já haviam sido conduzidas por pesquisadores vinculados ao *Alumni – Grupo transdisciplinar de estudos sobre carreira e egressos*, e na época do início desta investigação o grupo já dispunha de um banco de dados com informações bastante preciosas para o início de um trabalho de sondagem dos rastros que poderiam levar a um contato direto com os potenciais egressos a serem convidados. Outro aspecto desta pesquisa que também atenuou parte das dificuldades em se chegar aos egressos foi o fato de focalizar pessoas de cursos da pós-graduação *stricto sensu*, público que tende a ter muito mais informações divulgadas na *internet* do que, por exemplo, egressos de cursos de graduação ou mesmo da pós-graduação *latu sensu*. Uma ferramenta especialmente útil para esse propósito de localização de egressos da pós-graduação *stricto sensu* é sem dúvida alguma o currículo lattes, cuja alimentação costuma ser mais estimulada entre aqueles que almejam uma sequência de formação ou atuação profissional acadêmica do que entre egressos com pretensões profissionais extrínsecas à academia. Além do mais, pelo fato de terem vivenciado inúmeras experiências de pesquisa, na condição de pesquisadores que necessitam da colaboração de outras pessoas para conduzirem seus estudos, é de se supor que haja por parte desse público um reconhecimento muito maior em relação à importância de colaborar com o desenvolvimento de outras pesquisas, especialmente sendo esta desenvolvida no programa de pós-graduação onde se titularam.

Essas facilidades iniciais por certo distanciam os desafios enfrentados por esta pesquisa de inúmeras outras das quais tomei conhecimento por meio de relatos presentes nos estudos consultados no decorrer do trabalho de revisão de literatura para a tese. Não obstante, ressalvadas essas inegáveis vantagens na partida, toda a sequência dos desafios encontrados é muito similar ao que a totalidade dos pesquisadores de egressos relatam enfrentar para levar adiante suas investigações com responsabilidade, ética e compromisso com a relevância do conhecimento produzido.

Os momentos que antecedem o início de uma pesquisa com egressos são marcados por uma inevitável angústia. Será que conseguirei chegar aos egressos? Será que eles toparão participar da pesquisa? Até que ponto estarão dispostos a colaborar? Essas questões, de uma maneira recorrente, acabam por irremediavelmente permearem todo o processo de planejamento e delineamento do estudo, visto que cada decisão metodológica implica uma

expectativa em relação a algo que não pode ser totalmente controlado pelo pesquisador, a saber, o nível de engajamento das pessoas convidados para colaborar com a investigação.

Aqui cabe uma revelação de bastidor que muito ajuda a ilustrar o quanto essa questão da angústia pré-trabalho de campo foi vivenciada a fundo ao longo da primeira fase do trabalho. Até o exame de qualificação, o delineamento desta investigação estava estruturado para a produção de um estudo quanti-qualitativo que envolveria duas fases: uma primeira, com um público-alvo mais abrangente constituído pela totalidade dos egressos psicólogos titulados no programa de doutorado em Psicologia da UFMG entre 2012 e 2018, e uma segunda fase, mais restrita, que envolveria o convite a uma parcela específica do universo de participantes da primeira etapa para concessão de uma entrevista aprofundando tópicos que não puderam ser contemplados na coleta de dados mais abrangente. A primeira etapa teria um delineamento mais quantitativo e recorreria à estratégia de envio de um questionário online a todo o público-alvo, ao passo que a segunda etapa teria uma proposta qualitativa e se daria mediante a realização de entrevistas em profundidade com participantes, selecionados a partir de um mapeamento dos diferentes perfis de trajetória possíveis de serem identificados a partir da análise dos dados provenientes da etapa quantitativa.

No exame de qualificação, chamou a atenção dos membros da banca o quanto o planejamento da pesquisa forma como estava proposto desconsiderava uma dimensão importante para a realização do trabalho de pesquisa: o tempo. De fato, esse talvez seja um dos aspectos que mais decisivamente instiga angústia em quem realiza pesquisas com egressos: nem o pesquisador nem os egressos dispõem de tempo ilimitado para conseguir atender a todas as prioridades em suas vidas, de modo que acabam por inevitavelmente serem seletivos em suas escolhas de engajamento. Quanto tempo esperar pela resposta a um questionário enviado a um universo amplo de pessoas? Qual a taxa de respondentes necessária para garantir representatividade da amostra? Como saber se a demora de uma resposta revela desinteresse do participante em colaborar, a dificuldade em encontrar um tempo adequado para responder com atenção ou mesmo o desconhecimento total da pesquisa por não ter recebido o convite de participação em um endereço eletrônico atualizado? Note que todas essas questões são referentes a um delineamento de caráter quantitativo em que se trabalha com um universo mais ampliado de público-alvo. E quanto ao planejamento para a realização da etapa qualitativa? Nesse caso, as questões relacionadas ao tempo de espera de uma resposta ao convite para concessão de entrevista não são muito distintas da espera para resposta a um questionário, com um agravante de que é necessário se prever um lapso de alguns dias, semanas ou até meses

entre o aceite do entrevistado em participar e a conciliação entre sua disponibilidade em participar e a disponibilidade do pesquisador.

Todas essas questões, pontuadas cuidadosamente pela banca, me convenceram de que o planejamento inicial previa não a proposta de realização de um único estudo em duas etapas, mas sim do que poderia ser entendido como duas pesquisas, dada a demanda de tempo necessária para efetivação de cada uma das etapas até então previstas de coleta de dados, com todas as implicações que elas trariam não só para a coleta como também para a análise do material produzido. Somente após esse convencimento é que cheguei à conclusão de que precisaria escolher entre uma proposta ou outra e, por ser mais coerente com o referencial teórico da pesquisa, acabei optando pela realização de um estudo exclusivamente qualitativo, na expectativa de que me proporcionaria melhores condições de produzir uma análise genuinamente psicossocial sobre a trajetória dos egressos, com tempo suficiente para uma imersão mais atenta, cuidadosa e rigorosa nas narrativas coletadas através das entrevistas.

Fato é que até que essa decisão se consolidasse, todo um conjunto de estratégias visando a uma localização precisa dos egressos já havia sido implementado; meses foram gastos em vasculhar a internet em busca de endereços de e-mail, números de telefone e até pessoas constituintes do círculo de relações próximas dos egressos (amigos, familiares, conhecidos etc.) para que, em caso de falha no contato direto com o próprio egresso, poderiam ser acionadas para auxiliar no estabelecimento de pontes de comunicação. Por mais que boa parte desse trabalho tenha vindo a se tornar desnecessário a partir do momento em que houve a decisão de se fazer um estudo com um público mais restrito, não se pode desprezar a importância que teve para a construção dos critérios de amostragem da pesquisa. Isso porque a busca por informações de contato dos egressos não se dava sem que outras informações a respeito de suas atuais inserções profissionais fossem também encontradas.

Por exemplo: muitos egressos apresentam no currículo lattes a informação de que dispõem atualmente de uma inserção profissional exclusivamente relacionada a atividades acadêmicas, como atuação como docentes em instituições privadas de ensino; no entanto, ao buscar por formas de contato com esses egressos cheguei à informação a respeito de números de telefone para agendamento de atendimento clínico, o que se apresentava para mim como um forte indício de que estivessem conciliando a atuação acadêmica com a atuação como psicólogos clínicos, mesmo que isso não tivesse sido informado no currículo lattes. Por dispor de informações amplas a respeito de todo o público alvo potencial da pesquisa ficou relativamente fácil categorizá-los em grupos distintos em relação à atual situação profissional,

tarefa que se mostrou essencial para garantir uma maior diversidade dos entrevistados em relação a esse aspecto.

O passo seguinte à identificação dos egressos que se apresentavam, pelas características da configuração de sua trajetória, como prioritários para serem convidados foi o estabelecimento do primeiro contato para falar da pesquisa, conferir se aquele endereço de contato localizado na internet estava atualizado e checar se as informações que eu havia encontrado a respeito de suas situações profissionais estavam corretas e coerentes. A partir desse ponto, o trabalho de campo ganhou uma dinamicidade que eu próprio não esperava. De uma maneira geral, as respostas tanto às sondagens iniciais quanto aos convites para participação na pesquisa foram extremamente positivas, sensíveis e gentis. Objetivamente, foram realizados ao todo o contato com 20 egressos, dos quais somente dois não consegui obter nenhuma resposta, mesmo após recorrer a todas as estratégias possíveis para conseguir acessá-los. Dos 18 respondentes, somente uma única pessoa se negou expressamente a colaborar com a pesquisa, indicando não estar interessada. Dos 17 restantes, somente três acabaram não sendo entrevistados, sendo dois por motivos de já haver egressos suficientes com aquele mesmo perfil de trajetória integrando a amostra e um por ter parado de responder às tentativas de contato após ter aceitado participar, o que foi interpretado por mim como uma espécie de recusa tácita de participação.

Mesmo com todos os procedimentos adotados para se chegar a formas de contato efetivas com os participantes da pesquisa, não faltou ocasiões em que muita persistência e criatividade precisaram ser exercitadas para viabilizar a participação de alguns egressos. Dois exemplos serão aqui citados para ilustrar essa questão. O primeiro diz respeito ao caso de uma egressa cuja participação no estudo se mostrava particularmente relevante de ser viabilizada, por dispor de um perfil com características muito particulares para compor a diversidade amostral da pesquisa: não havia se engajado profissionalmente em nenhuma atividade acadêmica no decorrer de sua trajetória, era proveniente de uma linha de pesquisa no programa da qual eu buscava mais participantes para integrar a amostra e havia se titulado em um ano que também estava ainda sem representação na constituição do grupo amostral. Encontrar essa egressa e conseguir informar sobre a relevância de sua contribuição tornou-se uma verdadeira obsessão. Porém, foi com muito desalento que encontrei pouquíssimas informações a seu respeito na internet e, ao fazer contato com a instituição onde ela supostamente havia trabalhado por décadas, de acordo com as minhas sondagens, fui informado de que ela já havia se aposentado e que não poderiam me fornecer qualquer informação pessoal a respeito de ex-funcionários. Para piorar, seu currículo lattes contava com uma desatualização de mais de sete

anos, indicando que possivelmente o *e-mail* de contato atrelado àquela plataforma estava desatualizado – o que talvez fosse a razão de eu não ter obtido nenhuma resposta após várias investidas.

Eis que certo dia constatei que, ao procurar pelo nome dessa egressa no buscador do *google*, aparecia a menção de que ela atuava atualmente como psicóloga clínica e, abaixo dessa descrição, em um campo dedicado ao registro de depoimentos de clientes que haviam contado com seus serviços, constava um comentário bastante crítico supostamente direcionado à conduta profissional da referida egressa. Entretanto, abaixo desse comentário do suposto cliente, uma pessoa, cujo nome e foto apareciam na descrição da mensagem, esclarecia que aquela profissional à qual o comentário crítico se referia não era a egressa a quem eu estava procurando, mas sim uma médica que atuava na mesma cidade e com um nome idêntico ao da pessoa a quem eu estava em busca. Não foi muito difícil, de posse do nome completo e da foto da pessoa que havia feito esse esclarecimento, encontrar o seu perfil em uma rede social. Ao entrar em contato com essa pessoa, ela não só confirmou se tratar de quem havia realmente feito o esclarecimento no serviço de avaliação do *google* como indicou ser cunhado da egressa a quem eu estava buscando acessar e, muito gentilmente, colaborou com o estabelecimento de uma ponte de comunicação entre mim e ela, o que oportunizou a sua tão preciosa participação no estudo.

Um segundo caso inusitado se deu por ocasião da busca por estabelecer contato com outro egresso que atualmente tem uma inserção profissional preponderantemente clínica e que não havia respondido a nenhuma das minhas investidas através dos endereços eletrônicos divulgados na internet. Certo dia, tive a ideia de procurar por referências a esse egresso no *youtube*, para verificar se havia algum registro da sua participação em eventos *online* que pudessem me oferecer pistas sobre como localizá-lo. Para minha surpresa, verifiquei que o único registro disponível com aquele nome referia-se a trechos da filmagem de uma cerimônia matrimonial em que um dos noivos correspondia de fato à pessoa que eu estava procurando (sabia disso porque a foto do currículo lattes me dava uma ideia sobre a aparência física do egresso). Comecei a assistir ao vídeo da cerimônia, sem saber muito no que aquilo poderia me ajudar, até que, para o meu espanto, constatei que o cerimonialista do evento era nada mais nada menos do que um conhecido de longa data, colega de formação do curso de Psicologia na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). A partir dessa informação, o contato se deu naturalmente. Acionei o meu colega, que relatou ser amigo de infância da pessoa a quem eu estava procurando e, zelosamente, me colocou em contato com ele. A entrevista com esse egresso veio a se realizar alguns meses depois.

O relato desses casos cumpre aqui, primeiramente, uma função de evidenciar o quanto de fato o trabalho de pesquisar egressos do ensino superior é uma missão complexa e exaustiva no Brasil, em que não se tem totalmente consolidado nas instituições de ensino superior mecanismos de manutenção do vínculo com os alunos que ali se formam, nem um costume por parte dos estudantes de se manterem vinculados ao cotidiano institucional ao ponto de possibilitar que informações a respeito de seus paradeiros possam ser acompanhadas pela instituição. Além do mais, visa destacar o quanto o papel ativo do pesquisador em encontrar estratégias de localização e engajamento dos egressos na pesquisa é algo crucial para aumentar a eficácia e a abrangência do trabalho. Nos dois casos mencionados, e em outros que poderiam ser também ser aqui relatados, algum nível de persistência foi necessário para não se cair no conforto de contentar-se em simplesmente dizer que não houve engajamento dos convidados ou mesmo que eles nem sequer puderam ser localizados.

Obviamente, a depender da amplitude da amostra torna-se praticamente inviável a adoção em larga escala de procedimentos tais como os que aqui foram relatados para conseguir um maior engajamento dos egressos. Além do mais, como já indicado, é bastante provável que nem todos os perfis de egressos tenham a mesma disposição para compreender a importância da colaboração com estudos dessa natureza. Nesses casos, estratégias que podem ser adotadas passam pela ampliação da equipe de pesquisadores que trabalharão na pesquisa ou preparação do público-alvo da investigação quando ainda estiverem na condição de estudantes, informando sobre os propósitos e benefícios de uma investigação que será realizada anos após a conclusão do curso. Em casos em que estratégias como essas não tiverem sido realizadas, por certo não restará outra alternativa ao pesquisador em ele próprio usar de suas habilidades de persuasão e convencimento para conseguir um engajamento satisfatório na pesquisa, sabendo, evidentemente, que nem todas as estratégias possíveis serão suficientes para evitar negativas tácitas ou expressas de participação, bem como impossibilidades de contato com certos egressos.

Entendo que neste estudo um diferencial importante e potencializador do engajamento dos egressos foi a preocupação em fazer contatos personalizados. Ao invés da construção de um *e-mail* genérico encaminhado indistintamente a todos os possíveis participantes, sempre fiz questão de adequar a mensagem egresso a egresso, demonstrando o quanto as informações a respeito de suas trajetórias me interessavam genuinamente. Acredito que tenha conseguido transmitir essa mensagem indicando já no corpo do *e-mail* um relato pormenorizado de tudo o que eu já havia conseguido de informação daquele egresso mediante uma análise profunda de tudo o que havia sido possível encontrar a seu respeito na internet, das informações constantes

no currículo lattes e em perfis de redes sociais a conteúdos mais triviais como cartões publicitários a respeito da sua atuação clínica disponíveis na internet.

Essa postura também se mostrou efetiva para a condução da entrevista. Notei que alguns egressos se mostravam impressionados ao saberem que eu havia feito um amplo levantamento de suas trajetórias antes de chegar à entrevista. Em casos de participantes com um maior número de informações disponíveis, eu chegava a assistir horas de palestras ou entrevistas concedidas por aquele egresso antes de entrevista-lo, o que, suponho, tenha ampliado não só o engajamento de participação como a confiança de relatar aspectos sensíveis que dificilmente seriam conseguidos numa entrevista de primeiro contato. Mais uma vez, reitero que parte da viabilidade da adoção dessas estratégias se deu em razão de se tratar aqui de uma pesquisa qualitativa e com um universo mais restrito de egressos. No entanto, considero que alguns dos princípios aqui elencados (personalização do contato, busca de informação em outras fontes e criação de uma relação de confiança com os participantes) podem ser adaptados, ainda que com as devidas modulações, para a realização de outros estudos.

Por fim, um outro ponto a ser destacado diz respeito ao meu comprometimento com a devolutiva para os egressos dos resultados da pesquisa. Esse foi um tópico que fiz questão de pontuar em todos os momentos de contato: envio do convite, apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e abertura da entrevista. Entre seis meses e um ano da realização das entrevistas, considerei importante encaminhar outra mensagem a todos os entrevistados, prestando contas do andamento do trabalho e da previsão tanto da publicação dos primeiros produtos como da data de defesa da tese.

Encerro dizendo que sou profundamente grato por ter sido aquele quem conduziu essa investigação, sempre com a valiosíssima supervisão do orientador Sérgio Dias Cirino, e por ter sido agraciado pela gentileza e sensibilidade dos participantes desta pesquisa em me proporcionarem a possibilidade de conhecer de forma um pouco mais aprofundada as suas trajetórias. Como não poderia deixar de ser, saí bastante transformado e impactado pela pesquisa na medida em que analisar a trajetória de agora colegas doutores em psicologia foi também uma forma de se haver com a minha própria trajetória. A propósito, talvez seja este um diferencial a ser seguido a quem deseja se lançar ao estudo com egressos: é fundamental que os pesquisadores possam conseguir demonstrar aos convidados que a realização de um estudo com egressos é também uma forma de proporcionar à toda à comunidade científica, inclusive aos realizadores da investigação, uma oportunidade de repensar as suas próprias relações com os fenômenos e experiências que costumam atravessar as interfaces entre a educação e o mundo do trabalho. Afinal, qualquer pesquisador de egresso e muito possivelmente qualquer leitor de

uma pesquisa sobre egressos é também, em alguma medida, egresso de alguma instituição de ensino.

Apêndice B – Termo de consentimento livre e esclarecido (entrevista oral)

Você está sendo convidada(o) a participar pesquisa intitulada “Impactos do doutoramento sobre a carreira de psicólogos(as): análise psicossocial da trajetória de egressos de um doutorado em Psicologia”. A referida pesquisa faz parte do trabalho de Doutorado em Psicologia desenvolvido pelo estudante Fabrício Aparecido Bueno, com orientação do Professor Doutor Sérgio Dias Cirino, e está inserida no escopo das investigações conduzidas pelo *Alumni* – Grupo Transdisciplinar de Estudos sobre Carreiras e Egressos, vinculado ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Cumpre informar que o projeto que rege a realização do presente estudo foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, estando registrado com o número de protocolo 53354621.6.0000.5149.

1. Esta etapa da investigação tem como objetivo principal compreender as percepções que os(as) psicólogos(as) doutores(as) possuem a respeito de suas carreiras e os sentidos que atribuem aos impactos do doutorado no âmbito de suas trajetórias profissionais.
2. Trata-se de uma iniciativa de fundamental relevância para que possamos conhecer um pouco mais sobre as condições de trabalho e carreira de profissionais da Psicologia que optam por dar prosseguimento às suas formações acadêmicas no âmbito da pós-graduação *stricto sensu*. Ao aceitar colaborar com esta etapa da investigação você estará prestando contribuições valiosas para a concretização deste estudo.
3. Ademais, consideramos que a pesquisa proporcionará aos participantes que com ela aceitarem colaborar a oportunidade para que possam refletir de maneira mais aprofundada a respeito dos diferentes sentidos e aspectos de sua formação em conexão com a sua atuação profissional.
4. A concordância em participar desta etapa da pesquisa implicará em aceitar o convite para uma entrevista semi-estruturada contemplando informações sobre as suas percepções a respeito da sua trajetória profissional.
5. É importante frisar que, caso aceite participar da pesquisa, isso não acarretará a você nenhum custo de qualquer ordem, salvo com relação ao tempo que dispenderá para conceder a entrevista, prevista para durar aproximadamente 60 minutos.
6. A presente pesquisa oferece riscos mínimos aos sujeitos participantes, relacionados a eventuais constrangimentos pela exposição de suas opiniões ou de informações a respeito de sua vida profissional. Para minimizar tais riscos, a entrevista será realizada conforme sua disponibilidade, e as informações por você prestadas serão mantidas sob o mais estrito sigilo. Além disso, será garantido o seu anonimato através da não divulgação de sua identidade em tempo algum, bem como da exclusão de indícios que tornem possível a sua identificação. Também lhe será garantida a liberdade irrestrita de se recusar a participar, ou retirar o seu consentimento, em qualquer momento da

entrevista, inclusive posteriormente ao seu término, sem que disso resultem quaisquer tipos de consequências.

7. A entrevista será realizada de forma virtual, mediante a utilização da plataforma Google Meet, e será gravada, podendo você ficar à vontade para abrir ou não a câmera durante a gravação. O pesquisador responsável por esta pesquisa se responsabiliza integralmente pela não divulgação do arquivo gerado pela gravação da entrevista ou pela difusão do conteúdo em áudio e/ou vídeo referente à conversa. A divulgação do conteúdo das informações prestadas durante a entrevista, quando ocorrer, se dará única e exclusivamente mediante a transcrição literal de trechos da conversa.
8. Cumpre reiterar que em nenhum momento a sua identidade será revelada. Caso seja necessário divulgar elementos do discurso proferido por você durante a entrevista, em algum produto da pesquisa (artigo, tese, etc.), seu nome real será trocado por um nome fictício ou código, de forma a manter preservada o sigilo da correlação entre o que foi dito e a sua autoria.
9. Os dados gerados pela pesquisa serão mantidos em um banco de dados, ao qual somente terão acesso os pesquisadores responsáveis por esta pesquisa, e serão armazenados por no mínimo 5 (cinco) anos.
10. Feitas essas considerações, cabe por fim informar que a sua decisão em colaborar com esta pesquisa é inteiramente voluntária e que uma eventual recusa em participar não acarretará a você nenhum tipo de prejuízo. Ademais, em caso de se sentir lesado ou prejudicado por qualquer procedimento relativo a essa pesquisa você poderá buscar por indenização nos termos da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.

Caso mesmo diante das informações aqui prestadas ainda reste alguma dúvida referente à pesquisa ou à sua participação, sinta-se à vontade para entrar em contato com os pesquisadores responsáveis através dos canais abaixo indicados:

Fabício Aparecido Bueno

E-mail: fabricaopbueno@hotmail.com

Telefones: (35) 9 8817-9543/(35) 9 9976-7378

Sérgio Dias Cirino

E-mail: sergiocirino99@yahoo.com

Telefone: (31) 9 7519-7595

Em caso de dúvidas de ordem ética, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º Andar (Sala 2005) Campus Pampulha – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901, Fone: (31) 3409-4592, e-mail: coop@prpq.ufmg.br

Apêndice C – Termo de consentimento livre e esclarecido (entrevista escrita)

Você está sendo convidada(o) a participar pesquisa intitulada “Impactos do doutoramento sobre a carreira de psicólogos(as): análise psicossocial da trajetória de egressos de um doutorado em Psicologia”. A referida pesquisa faz parte do trabalho de Doutorado em Psicologia desenvolvido pelo estudante Fabrício Aparecido Bueno, com orientação do Professor Doutor Sérgio Dias Cirino, e está inserida no escopo das investigações conduzidas pelo *Alumni* – Grupo Transdisciplinar de Estudos sobre Carreiras e Egressos, vinculado ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Cumpre informar que o projeto que rege a realização do presente estudo foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, estando registrado com o número de protocolo 53354621.6.0000.5149.

1. Esta etapa da investigação tem como objetivo principal compreender as percepções que os(as) psicólogos(as) doutores(as) possuem a respeito de suas carreiras e os sentidos que atribuem aos impactos do doutorado no âmbito de suas trajetórias profissionais.
2. Trata-se de uma iniciativa de fundamental relevância para que possamos conhecer um pouco mais sobre as condições de trabalho e carreira de profissionais da Psicologia que optam por dar prosseguimento às suas formações acadêmicas no âmbito da pós-graduação *stricto sensu*. Ao aceitar colaborar com esta etapa da investigação você estará prestando contribuições valiosas para a concretização deste estudo.
3. Ademais, consideramos que a pesquisa proporcionará aos participantes que com ela aceitarem colaborar a oportunidade para que possam refletir de maneira mais aprofundada a respeito dos diferentes sentidos e aspectos de sua formação em conexão com a sua atuação profissional.
4. A concordância em participar desta etapa da pesquisa implicará em aceitar o convite para uma entrevista semiestruturada contemplando informações sobre as suas percepções a respeito da sua trajetória profissional.
5. É importante frisar que, caso aceite participar da pesquisa, isso não acarretará a você nenhum custo de qualquer ordem, salvo com relação ao tempo que dispenderá para conceder a entrevista, que no seu caso ocorrerá de forma escrita.
6. A presente pesquisa oferece riscos mínimos aos sujeitos participantes, relacionados a eventuais constrangimentos pela exposição de suas opiniões ou de informações a respeito de sua vida profissional. Para minimizar tais riscos, a entrevista será realizada conforme sua disponibilidade, e as informações por você prestadas serão mantidas sob o mais estrito sigilo. Além disso, será garantido o seu anonimato através da não divulgação de sua identidade em tempo algum, bem como da exclusão de indícios que tornem possível a sua identificação. Também lhe será garantida a liberdade irrestrita

de se recusar a participar, ou retirar o seu consentimento, em qualquer momento da entrevista, inclusive posteriormente ao seu término, sem que disso resultem quaisquer tipos de consequências negativas para você.

7. A entrevista será realizada de maneira escrita, mediante o envio de um roteiro de questões abertas que deverá ser respondido e devolvido por você através do email do pesquisador responsável pela pesquisa. O pesquisador responsável por esta pesquisa se responsabiliza integralmente pela não divulgação do arquivo gerado pela entrevista. A divulgação do conteúdo das informações prestadas durante a entrevista, quando ocorrer, se dará única e exclusivamente mediante a transcrição literal de trechos da conversa.
8. Cumpre reiterar que em nenhum momento a sua identidade será revelada. Caso seja necessário divulgar elementos do discurso proferido por você durante a entrevista, em algum produto da pesquisa (artigo, tese, etc.), seu nome real será trocado por um nome fictício ou código, de forma a manter preservada o sigilo da correlação entre o que foi dito e a sua autoria.
9. Os dados gerados pela pesquisa serão mantidos em um banco de dados, ao qual somente terão acesso os pesquisadores responsáveis por esta pesquisa, e serão armazenados por no mínimo 5 (cinco) anos.
10. Feitas essas considerações, cabe por fim informar que a sua decisão em colaborar com esta pesquisa é inteiramente voluntária e que uma eventual recusa em participar não acarretará a você nenhum tipo de prejuízo. Ademais, em caso de se sentir lesado ou prejudicado por qualquer procedimento relativo a essa pesquisa você poderá buscar por indenização nos termos da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.

Caso mesmo diante das informações aqui prestadas ainda reste alguma dúvida referente à pesquisa ou à sua participação, sinta-se à vontade para entrar em contato com os pesquisadores responsáveis através dos canais abaixo indicados:

Fabrizio Aparecido Bueno

E-mail: fabrizioapbueno@hotmail.com

Telefones: (35) 9 8817-9543/(35) 9 9976-7378

Sérgio Dias Cirino

E-mail: sergiocirino99@yahoo.com

Telefone: (31) 9 7519-7595

Em caso de dúvidas de ordem ética, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º Andar (Sala 2005) Campus Pampulha – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901, Fone: (31) 3409-4592, e-mail: coep@prpq.ufmg.br

Apêndice D – Roteiro de entrevista semiestruturada**Informações preliminares**

Nome: _____ **Data da entrevista:** __/__/____

Quantos anos?

Estado civil:

- Solteiro(a)
- União estável
- Casado(a)
- Separado(a)/desquitado(a)/divorciado(a).
- Viúvo(a).
- Outro.

Tem filho(s)/a(as)?

- Não
- Sim. Quantos? _____

Mora em qual cidade?

Qual a sua cidade Natal?

Qual a sua cor/raça (de acordo com as categorias do IBGE)?

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela/Asiática
- Indígena
- Prefere não responder

Tem atualmente quantos vínculos profissionais (formais e informais)? Quais?

Questões

Eixo 1 – Trajetória até o início do doutorado

Gostaria que me falasse um pouco sobre a sua trajetória desde o término da graduação em Psicologia até a chegada ao doutorado. Como foi a sua vida profissional nesse período?

Quando e como surgiu a intenção de fazer doutorado?

A conclusão da graduação em Psicologia traz uma dupla vertente de possibilidades de investimento na carreira: a atuação profissional como psicólogo e a construção de uma trajetória acadêmica via pós-graduação. Como você administrou o investimento em cada uma dessas vertentes nesse período pré-doutorado?

Quais eram as suas expectativas (em termos profissionais) quando você iniciou o doutorado? (explorar aqui os significados de carreira subjacentes a essas expectativas)

Eixo 2 – O doutoramento

Gostaria que a gente conversasse, agora, um pouco sobre como foi o seu processo de doutoramento:

Em primeiro lugar, por que o Doutorado em Psicologia da UFMG?

Em termos ocupacionais, como você se organizou nesse período?

(Por exemplo: Dedicou-se exclusivamente ao doutorado? Conciliou com algum tipo de atuação profissional? Teve bolsa? Como se manteve financeiramente?)

Na sua visão, o que pesou para você adotar esse modo específico de organização da sua vida ocupacional durante o doutorado e não outro?

Eu gostaria que você fizesse um balanço da sua opção por esse modo de organização da vida ocupacional que você adotou durante o doutorado. Quais os pontos positivos e negativos você destaca?

(É aqui uma oportunidade para você avaliar um pouco as escolhas que você fez durante esse período. Você mudaria alguma coisa se pudesse voltar atrás?)

Eixo 3 – Os impactos do doutorado sobre a vida profissional

O que aconteceu na sua vida profissional após a conclusão no doutorado?

No momento em que você terminou o doutorado, quais os projetos você tinha para a sua vida profissional?

Gostaria que você fizesse um balanço desses projetos: 1) Quais você considera que já conseguiu realizar e quais ainda você não atingiu?

Como você se organizou para esses projetos? O que favoreceu o alcance desses projetos realizados?

E quanto aos projetos que você ainda não conseguiu alcançar, a que você atribui o fato de ainda não ter conseguido realiza-los?

Considerando o perfil de carreira que você estabeleceu como meta para a sua vida profissional, quais os desafios você destaca como presentes no caminho que leva até o alcance dessa meta? Dentre aquelas expectativas com relação ao doutorado que você tinha antes de iniciar o curso, quais foram e quais não foram satisfeitas?

Eixo 4 - Percepções sobre a realidade sociolaboral e projetos de futuro

Gostaria de ouvir você sobre a sua vida profissional atual:

Como você enxerga a relação entre o seu doutorado com o que você trabalha atualmente? Gostaria de saber a sua avaliação em relação a alguns aspectos da sua atual realidade profissional:

- a) condições para desempenhar o seu trabalho;
 - b) reconhecimento profissional;
 - c) remuneração
- O que planeja para os próximos anos da sua vida profissional?

Eu gostaria de saber se tem alguma pergunta que você considera relevante, ou que imaginou que eu faria a você dentro dessa temática sobre a qual conversamos, mas que não foi feita (ou não precisa ser exatamente uma pergunta, mas algum assunto que você pensa ser relevante mas não foi tratado).

Apêndice E - Relação de estudos empíricos realizados com egressos do ensino superior (2001-2020)*

* Disponível também para consulta em: <https://scholar-tools.github.io/pesquisa.com.egressos/>

(Levantamento bibliográfico realizado nas bases de dados *Scielo*, *Redalyc*, *Scopus*, *Pepsyc*, *SocIndex*, *Educ@* e *Web of Science*)

EGRESSOS DA GRADUAÇÃO

AMARAL, Daniela Patti; OLIVEIRA, Fátima Bayma de. O Prouni e a conclusão do ensino superior: novas trajetórias pessoais e profissionais dos egressos. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 73, p. 861-890, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v19n73/08.pdf>>. Acesso em 24 fev. 2021.

AMORIM, Marina Alves. Quem ainda quer ser professor? A opção pela profissão docente por egressos do curso de história da UFMG. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 30, n. 4, p. 37-59, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/edur/v30n4/03.pdf>>. Acesso em 24 fev. 2021.

ANDRE, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Professores iniciantes: egressos de programas de iniciação à docência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v23/1809-449X-rbedu-23-e230095.pdf>>. Acesso em 24 fev. 2021.

ANDRIOLA, Wagner Bandeira. Avaliação diagnóstica dos egressos de 2003 e 2004 dos cursos de graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC). **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Sorocaba, v. 11, n. 4, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/avaliacao/article/view/952/949>>. Acesso em 24 fev. 2021.

ANDRIOLA, Wagner Bandeira. Estudo de egressos de cursos de graduação: subsídios para a autoavaliação e o planejamento institucionais. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 54, p. 203-220, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/er/n54/a13n54.pdf>>. Acesso em 24 fev. 2021.

BAHIA, Norinês Panicacci. Curso de Pedagogia presencial e a distância: uma análise sobre a formação e a atuação de egressos. **Acta Scientiarum Education**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 301-312, 2015. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/24388/pdf_56>. Acesso em 24 fev. 2021.

BARDAGI, Marucia Patta et al. Avaliação da formação e trajetória profissional na perspectiva de egressos de um curso de psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 28, n. 2, p. 304-315, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pcp/v28n2/v28n2a07.pdf>>. Acesso em 15 out. 2020.

BARRESE, Paula Filócomo; BASTONI, Thayse Ruas; NOGUEIRA, Daniel Ramos. Percepção sobre o desenvolvimento de competências profissionais no curso de ciências contábeis de acordo com o IAESB: uma análise com os egressos de 2011 a 2015. **Revista Unemat de Contabilidade**, v. 6, n. 11, p. 66-89, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/ruc/article/view/1526/0>>. Acesso em 03 fev. 2020.

BONALDI, Eduardo Vilar. Licenciados e licenciadas em Ciências Sociais na UFSC: experiências, sentidos e trajetórias. **Política e Sociedade**, Florianópolis, v. 18, n. 41, p. 147-

186, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2019v18n41p147/40910>>. Acesso em 23 jan. 2021.

BRAGA, Eugênio Carlos Ferreira. Novos elementos para uma sociologia dos cientistas sociais: a situação ocupacional dos egressos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 26, n. 76, p. 103-122, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v26n76/06.pdf>>. Acesso em 21 jan. 2021.

BRANDALISE, Loreni Tereseinha et al. O papel social da universidade no preparo profissional: uma pesquisa junto aos egressos de administração da UNIOESTE-Cascavel. **Revista Gual**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 176-196, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2013v6n1p176/23992>>. Acesso em 27 fev. 2021.

CAJAZEIRA, Paulos Eduardo Silva Lins. O perfil do egresso dos cursos de Jornalismo do Reuni no Ceará. **Interin**, Curitiba, v. 24, n. 2, p. 71-86, 2019. Disponível em: <<https://interin.utp.br/index.php/i/article/view/813>>. Acesso em 25 fev. 2021.

CALBINO, Daniel et al. Avaliação dos egressos de engenharias: um estudo a partir da inserção e desafios no mercado das primeiras turmas da UFSJ (2013-2017). **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 25, n. 2, p. 477-500, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/aval/v25n2/1982-5765-aval-25-02-477.pdf>>. Acesso em 26 fev. 2021.

CAMARA, Ana Maria Chagas Sette; SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão. Um estudo com egressos do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG): 1982-2005. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 5-17, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbem/v36n1s1/v36n1s1a02.pdf>>. Acesso em 23 fev. 2021.

CANDIDO, Luana de Oliveira; ROSSIT, Rosana Aparecida Salvador; OLIVEIRA, Rogério Cruz de. Inserção profissional dos egressos de um curso de Educação Física com ênfase na formação em saúde. **Trabalho, educação e saúde**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 305-318, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/tes/v16n1/1678-1007-tes-1981-7746-sol00096.pdf>>. Acesso em 24 fev. 2021.

CANEVER, Bruna Pedroso et al. Processo de formação e inserção no mercado de trabalho: uma visão dos egressos de enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 87-93, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rgenf/v35n1/pt_1983-1447-rgenf-35-01-00087.pdf>. Acesso em 13 jan. 2021.

COELHO, Maria do Socorro da Costa; OLIVEIRA, Ney Cristina Monteiro. Os egressos no processo de avaliação. **E-curriculum**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 1-19, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/10855>>. Acesso em 27 out. 2020.

COLENCI, Raquel; BERTI, Heloísa Wey. Formação profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de egressos de graduação em enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 158-166, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n1/v46n1a22.pdf>>. Acesso em 17 dez. 2020.

DUTRA, Letícia Rocha; SANT'ANNA, Paulo Afrânio. As representações sociais dos discentes e egressos sobre a terapia ocupacional. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 19, n. 1, p.

79-93, 2017. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1938/193851916005.pdf>>. Acesso em 21 out. 2020.

ESPARTEL, Lélis Balestrin. O uso da opinião dos egressos como ferramenta de avaliação de cursos: o caso de uma instituição de ensino superior catarinense. **Revista Alcance**, v.16, n. 1, p. 102-114, 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=477748586007>>. Acesso em 21 jan. 2021.

FARIA, Emilia de Oliveira; SILVEIRA, Tatiana Rodrigues. Os fatores que influenciam os egressos do curso de secretariado executivo trilingue da Universidade Federal de Viçosa a ingressarem no Serviço Público. **Revista Gestão e Secretariado**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 48-73, 2015. Disponível em: <https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/288/pdf_63>. Acesso em 22 fev. 2021.

FELICETTI, Vera Lucia. Egressos das licenciaturas: o que move a escolha e o exercício da docência. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 67, p. 215-232, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/er/v34n67/0104-4060-er-34-67-215.pdf>>. Acesso em 25 nov. 2020.

FERREIRA, André; ABRANCHES, Caroline Salles. Desempenho acadêmico versus renda: análise comparativa realizada com egressos de um curso de administração. **Revista GUAL**, Florianópolis, v. 11, n. 3, p. 1-19, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2018v11n3p01/37277>>. Acesso em 28 jan. 2021.

FERRUGINI, Lílian; CASTRO, Cleber Carvalho de. Repercussões socioeconômicas do curso piloto de administração da UAB na visão de egressos e coordenadores. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 993-1008, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ep/v41n4/1517-9702-ep-s1517-9702201506132787.pdf>>. Acesso em 3 fev. 2021.

FRANCISCO, Anete Maria et al . Avaliação da formação de enfermeiros: o reflexo dos métodos de ensino-aprendizagem e pressupostos curriculares na prática profissional. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba , v. 21, n. 2, p. 479-502, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/aval/v21n2/1982-5765-aval-21-02-00479.pdf>>. Acesso em 26 fev. 2021.

FURTADO, Roberto Pereira; SANTIAGO, Lorena Paes. Educação Física e trabalho: considerações a respeito da inserção profissional de egressos da FEF-UFG. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 325-336, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbefe/v29n2/1807-5509-rbefe-29-02-00325.pdf>>. Acesso em 22 jul. 2020.

GIACOMIN, Camila; SIMON, Lilian Wrzesinski; TOSTA, Kelly, Cristina Benetti Tonani. Perfil e perspectivas dos egressos do curso de administração da UFFS: um estudo realizado no Campus Chapecó/SC. **Revista GUAL**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 183-205, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-535.2019v12n2p183/38495>>. Acesso em 27 fev. 2021.

GONCALVES, Mirian L; PEREIRA, Elisabete M. A. Contribuições da educação geral na formação de médicos e pedagogos egressos de uma universidade pública. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 20, n. 2, p. 513-530, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/aval/v20n2/1414-4077-aval-20-02-00513.pdf>>. Acesso em 21 jan. 2021.

HIGA, Elza de Fátima Ribeiro et al. Percepção do egresso de enfermagem sobre a contribuição do curso para o exercício do cuidado. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.22, n.1, p. 97-105, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v22n1/pt_12.pdf>. Acesso em 27 fev. 2021.

JESUS, Bruna Helena et al. Inserção no mercado de trabalho: trajetória de egressos de um curso de graduação em enfermagem. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 336-345, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ean/v17n2/v17n2a19.pdf>>. Acesso em 7 fev. 2021.

LIMA, Cristina, SCHOUTEN, Mariana e MARTINELLI, Dante. Perfil profissiográfico de egresso das cinco primeiras turmas de graduação de uma instituição de ensino superior. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 13, nº especial, p. 1-18, 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rege/article/view/36538/39259>>. Acesso em 1 mar. 2021.

LIMA, Leonardo Araújo; ANDRIOLA, Wagner Bandeira. Acompanhamento de egressos: subsídios para a avaliação de Instituições de Ensino Superior (IES). **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 23, n. 1, p. 104-125, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/aval/v23n1/1982-5765-aval-23-01-00104.pdf>>. Acesso em 1 mar. 2021.

LIMA, Marília Bonelli; HOBOLD, Márcia de Souza. O PIBID como programa de inserção profissional na docência: dados dos egressos do programa. **Olhar de Professor**, v. 21, n. 1, p. 24-37, 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/jatsRepo/684/68460140002/html/index.html>>. Acesso em 22 out. 2020.

LIMA, Mônica et al. Trajetórias acadêmicas de estudantes dos Bacharelados Interdisciplinares e do curso de Psicologia: análise de históricos escolares. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 91, p. 395-423, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v24n91/1809-4465-ensaio-24-91-0395.pdf>>. Acesso em 1 mar. 2021.

LOBATO, Vivian Silva; DAVIS, Cláudia Leme Ferreira. Saberes e profissionalidade de egressos do curso de Pedagogia das Águas: a formação inicial em foco. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, n. 78, p. 167-185, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602019000600167>. Acesso em 23 fev. 2021.

LORENA, Allan Gomes de et al. Graduação em saúde coletiva no Brasil: onde estão atuando os egressos dessa formação? **Saúde e sociedade**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 369-380, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/sausoc/v25n2/1984-0470-sausoc-25-02-00369.pdf>>. Acesso em 21 dez. 2020.

MACEDO, Douglas Henrique de; BATISTA, Nildo Alves. O Mundo do Trabalho durante a graduação médica: a visão dos recém-egressos. **Revista brasileira de educação médica**, Rio

de Janeiro, v. 35, n. 1, p. 44-51, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbem/v35n1/a07v35n1.pdf>>. Acesso em 1 mar. 2021.

MACIEL, Caroline Azevedo et al. Situação e satisfação profissional na percepção de egressos de Fonoaudiologia. **Audiology - Communication Research**, São Paulo, v. 24, e2094, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/acr/v24/2317-6431-acr-24-e2094.pdf>>. Acesso em 01 mar. 2021.

MARTINS, Karla Patrícia Holanda; MATOS, Tereza Gláucia Rocha; MACIEL, Regina Heloisa Mattei de Oliveira. Formação em psicologia e as novas demandas sociais: relato dos egressos da Universidade de Fortaleza. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 1023-1042, 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v9n3/13.pdf>>. Acesso em 18 abr. 2020.

MATTOSINHO, Mariza Maria Serafim et al. Mundo do trabalho: alguns aspectos vivenciados pelos profissionais recém- formados em enfermagem. **Acta paulista de enfermagem**, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 466-471, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ape/v23n4/04.pdf>>. Acesso em 26 fev. 2021.

MAUES, Cristiane Ribeiro et al. Formação e Atuação Profissional de Médicos Egressos de uma Instituição Privada do Pará: Perfil e Conformidade com as Diretrizes Curriculares Nacionais. **Revista brasileira de educação médica**, Brasília, v. 42, n. 3, p. 129-145, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbem/v42n3/1981-5271-rbem-42-3-0129.pdf>>. Acesso em 01 mar. 2021.

MEIRELES, Fernanda Rosalina Silva et al. Uma avaliação dos conhecimentos necessários, adquiridos e utilizados pelos egressos do curso de administração. **Revista Gual**, Florianópolis, v. 6, n. 3, p. 190-209, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2013v6n3p190/25427>>. Acesso em 24 fev. 2021.

MIRANDA, Claudio de Souza; PAZELLO, Elaine Toldo; LIMA, Cristina Bernardi. Egressos como instrumento de avaliação institucional: uma análise da formação e empregabilidade dos egressos da FEA-RP/USP. **Revista Gual**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 298-321, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2015v8n1p298/28706>>. Acesso em 20 nov. 2020.

MURITIBA, Patrícia Morilha et al. Satisfação dos egressos em administração, economia e contabilidade e desempenho profissional. **Revista Alcance**, v. 19, n. 3, p. 308-326, 2012. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/ra/article/view/2319/2389>>. Acesso em 24 jan. 2021.

PALHARINI, Francisco de Assis; PALHARINI, Desirée Barros. Opinião de diplomados sobre o curso de Psicologia da UFF. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 583-600, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/fractal/v20n2/20.pdf>>. Acesso em 21 jan. 2021.

PICOLI, Renata Palópoli et al. Competências Propostas no Currículo de Medicina: Percepção do Egresso. **Revista brasileira de educação médica**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 4, p. 525-532, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbem/v41n4/0100-5502-rbem-41-04-0525.pdf>>. Acesso em 1 mar. 2021.

PINHEIRO, Virgínia Costa et al. Inserção dos egressos do curso de odontologia no mercado de trabalho. **RGO - Revista Gaúcha de Odontologia**, Porto Alegre, v. 59, n. 2, p. 277-283, 2011. Disponível em: <<http://revodontobvsalud.org/pdf/rgo/v59n2/a16v59n2.pdf>>. Acesso em 20 nov. 2020.

PIRES, Regina Celi. M. Formação inicial do professor pesquisador através do programa PIBIC/CNPq: o que nos diz a prática profissional de egressos? **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 14, n. 2, p. 487-514, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/aval/v14n2/a12v14n2.pdf>>. Acesso em 22 out. 2020.

REGASSON, Carlos Augusto Linassi; SILVA, Vanderlei Rodrigues da; PILLA, Ricardo Bauer. O Perfil Migratório dos Egressos do Curso de Agronomia da Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen, como Fonte de Informação para a Avaliação Institucional e o Desenvolvimento Regional. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, RS, v. 17, n. 48, p. 282-299, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/7383>>. Acesso em 25 fev. 2021.

RIOS, Mônica Piccione Gomes; SOPELSA, Ortenila. O Curso de Pedagogia da Unoesc em tela: concepção dos docentes e dos egressos. **Roteiro**, v. 36, n. 1, p. 129-146, 2011. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/807/pdf_120>. Acesso em 21 nov. 2020.

ROCHA, Stephanie Kalyinka; CARVALHO, Fernando Nitz de. Análise da percepção dos acadêmicos egressos do curso de ciências contábeis das Instituições de Ensino Superior Públicas da grande Florianópolis sobre o Sistema Público de Escrituração Digital. **Revista Catarinense da Ciência Contábil - CRCSC**, Florianópolis, v. 11, n. 31, p. 23-36, 2012. Disponível em: <<https://revista.crcsc.org.br/index.php/CRCSC/article/view/1256>>. Acesso em 2 mar. 2021.

SALLES, William das Neves; FARIAS, Gelcemar Oliveira; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. Inserção profissional e formação continuada de egressos de cursos de graduação em Educação Física. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 475-486, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbefe/v29n3/1981-4690-rbefe-29-03-00475.pdf>>. Acesso em 29 jan. 2021.

SANTOS, Magda Guedes dos et al. Egressos do Curso de Enfermagem da Faculdade de Medicina de Jundiá: perfil e inserção no mercado de trabalho. **Perspectivas Médicas**, v. 25, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=243230610006>>. Acesso em 1 mar. 2021.

SCOZ, Emanuella; HEINZLE, Márcia Regina Selpa; LENZI, Gabriel Poltronieri. A trajetória dos egressos de um curso de Moda: reflexões curriculares e campo de atuação. **Moda Palavra**, Florianópolis, v. 13, n. 28, p. 233-256, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/16739/11299>>. Acesso em 21 fev. 2021.

SILVA DE SÁ, Maria das Graças Carvalho et al. O processo de formação inicial em Educação Física na perspectiva inclusiva: o que nos dizem os egressos? **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 2, p. 356-372, 2017. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=89453001004>>. Acesso em 22 jan. 2021.

SILVA, Danielle Chagas Pereira da; GRAZZIANO, Carlos Roberto; CARRASCOSA, Andréa Corrêa. Satisfação profissional e perfil de egressos em fisioterapia. **ConsScientiae Saúde**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 65-71, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.uninove.br/saude/article/view/7694/3732>>. Acesso em 26 fev. 2021.

SILVA, Lucas Carmo da et al. Acompanhamento de egressos como ferramenta para a gestão universitária: um estudo com graduados da UFBA. **Revista GUAL**, Florianópolis, v. 10, n. 4, p. 293-313, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2017v10n4p293/35458>>. Acesso em 29 nov. 2020.

SILVEIRA, Carlos Eduardo; MEDAGLIA, Juliana; NAKATANI, Marcia Shizue Massukado. O mercado de trabalho dos egressos de cursos superiores em turismo: comparações dos dados de 2012 - 2018. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 83-94, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbtur/v14n2/1982-6125-rbtur-14-2-0083.pdf>>. Acesso em 21 fev. 2021.

SOUTO, Romélia Mara Alves. Egressos da licenciatura em matemática abandonam o magistério: reflexões sobre a profissão e condição docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 4, p.1077-1092, 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=29848830014>>. Acesso em 24 fev. 2021.

SOUTO, Romélia Mara Alves; PAIVA, Paulo Henrique Apipe Avelar de. A pouca atratividade da carreira docente: um estudo sobre o exercício da profissão entre egressos de uma licenciatura em matemática. **Pro-Posições**, Campinas, v. 24, n. 1, p. 201-224, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pp/v24n1/v24n1a13.pdf>>. Acesso em 22 fev. 2021.

SPINAZOLA, Cariza de Cássia; GALVANI, Márcia Duarte. Impactos do PIBID sobre atuação de professores egressos do curso de licenciatura em Educação Especial. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. 1, p. 293-308, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/10944/7903>>. Acesso em 2 mar. 2021.

TEIXEIRA, Dirceu Esdras et al. Avaliação institucional em Ciências Biológicas nas modalidades presencial e a distância: percepção dos egressos. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 86, p. 159-180, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v23n86/0104-4036-ensaio-23-86-159.pdf>>. Acesso em 20 nov. 2020.

TEIXEIRA, Dirceu Esdras et al. Perfil e destino ocupacional de egressos graduados em ciências biológicas nas modalidades a distância e presencial. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 67-84, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/epec/v16n1/1983-2117-epec-16-01-00067.pdf>>. Acesso em 1 mar. 2021.

TEIXEIRA, Letícia Caldas et al. Trajetória profissional de egressos em Fonoaudiologia. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 15, n. 6, p. 1591-1600, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rcefac/v15n6/54-12.pdf>>. Acesso em 1 mar. 2021.

TOLEDO, Elizabeth Maria Lopes; BARBOSA, Holda Coutinho; BRASILEIRO, Maria Fatima Viana. EAD no Tocantins: o egresso como agente de transformação social. **Texto Livre: linguagem e tecnologia**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 92-107, 2013. Disponível em:

<<https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/16632/13391>>. Acesso em 21 fev. 2021.

VARGAS, Michely de Lima Ferreira. Ensino superior, assistência estudantil e mercado de trabalho: um estudo com egressos da UFMG. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 16, n. 1, p. 149-163, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/aval/v16n1/v16n1a08.pdf>>. Acesso em 26 nov. 2020.

VARGAS, Michely de Lima Ferreira; PEIXOTO, Maria do Carmo de Lacerda. A formação em Pedagogia na Faculdade de Educação da UFMG: um olhar a partir das percepções de professores e egressos. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, n. 76, p. 279-304, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/er/v35n76/1984-0411-er-35-76-0279.pdf>>. Acesso em 1 mar. 2021.

VIANA, Jussara Lisboa; SOUZA, Elizabete Cristina Fagundes de. Os novos sanitaristas no mundo do trabalho: um estudo com graduados em Saúde Coletiva. **Trabalho, educação e saúde**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 1261-1285, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/tes/v16n3/1678-1007-tes-16-03-1261.pdf>>. Acesso em 2 mar. 2021.

VOIGT, Jane Mery Richter; AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de. A investigação de sentidos e significados com egressos de um curso de Licenciatura em Matemática. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 98, n. 250, p. 729-746, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbeped/v98n250/2176-6681-rbeped-98-250-729.pdf>>. Acesso em 2 mar. 2021.

EGRESSOS DA PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*

BAHRY, Carla Patrícia; TOLFO, Susana da Rosa. Mobilização de competências nas atividades profissionais dos egressos de um programa de formação e aperfeiçoamento. **Revista de Administração Pública**, v. 41, n. 1, p. 125 a 146, 2007. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6883/5456>>. Acesso em 24 de fev.2021.

BARBOSA, Dalila Maria de Meirelles et al. Análise do perfil dos egressos do Programa de Pós-Graduação em Medicina (Radiologia) da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Radiologia Brasileira**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 121-124, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rb/v42n2/11.pdf>>. Acesso 22 nov. 2020.

BRAGA, Mauro Mendes; AZEVEDO, Sérgio de. Formação e trabalho de mestres e doutores em química titulados no brasil. **Química Nova**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 696-712, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/qn/v25n4/10548.pdf>> . Acesso em 19 mai. 2021.

BRAGA, Mauro Mendes; AZEVEDO, Sérgio de. Formação e trabalho de mestres e doutores em bioquímica titulados no brasil. **Química Nova**, São Paulo, v. 25, n. 5, p. 866-886, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/qn/v25n5/11420.pdf>>. Acesso em 2 mar. 2021.

DEPES, Valéria Binato Santili; PEREIRA, Wilza Rocha. Mobilização do conhecimento científico por egressos de um mestrado em enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 34, n. 4, p. 84-90, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rngen/v34n4/11.pdf>> . Acesso em 25 fev. 2021.

ESTEVAM, Humberto Marcondes; GUIMARAES, Selva. Avaliação do perfil de egressos do programa de pós-graduação *stricto sensu* em educação da UFU: impacto na formação docente e de pesquisador (2004-2009). **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba , v. 16, n. 3, p. 703-730, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/aval/v16n3/v16n1a12.pdf>>. Acesso em 1 mar. 2021.

GOMES, Diana Coelho et al. Doutor em enfermagem: capacidade de construção do projeto de carreira profissional e científica. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 25, n. 3, p. 1-9, 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71446759016>>. Acesso em 21 jan. 2021.

GOMES, Mara Helena de Andréa; GOLDENBERG, Paulete. Retrato quase sem retoques dos egressos dos programas de pós-graduação em Saúde Coletiva, 1998-2007. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 1989-2005, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/csc/v15n4/a14v15n4.pdf>>. Acesso em 20 mar. 2021.

GUTIERREZ, Maria Gaby Rivero de; BARROS, Alba Lúcia Bottura Leite de; BARBIERI, Márcia. Seguimento de doutores egressos de um programa de pós-graduação em enfermagem. **Acta paulista de enfermagem**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 129-138, 2019. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/ape/v32n2/1982-0194-ape-32-02-0129.pdf>>. Acesso em 08 de jan. 2021.

HORTALE, Virginia Alonso et al . Trajetória profissional de egressos de cursos de doutorado nas áreas da saúde e biociências. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 1-9, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rsp/v48n1/0034-8910-rsp-48-01-0001.pdf>>. Acesso em 1 mar. 2021.

MARTINS, Orleans Silva; MONTE, Paulo Aguiar do. Um Recorte da Produção Científica dos Egressos de um Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Contabilidade. **Revista Contemporânea em Contabilidade**, v. 1, n. 12, p. 127-149, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/contabilidade/article/view/2175-8069.2009v6n12p127/11626>>. Acesso em 1 mar. 2021.

MEDEIROS, Thalita Melo de Souza; SANTOS, Jocyléia Santana dos; PINHO, Maria José de. Memórias de egressos: mestrado em educação/UFT. **Revista Exitus**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 386-409, 2018. Disponível em: <<http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/542>>. Acesso em 1 mar. 2021.

MOREIRA, Evandro Carlos; TOJAL, João Batista Andreotti Gomes. Prioridades dos Programas de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação Física: a visão dos egressos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 161-178, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbce/v35n1/a13v35n1.pdf>>. Acesso em 1 mar. 2021.

MOREIRA, Maria Lígia; VELHO, Léa. Trajetória de egressos da pós- graduação do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais: uma ferramenta para avaliação. **Avaliação (Campinas)**,

Sorocaba, v. 17, n. 1, p. 255-288, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/aval/v17n1/a13v17n1.pdf>>. Acesso em 29 jan. 2021.

NEPOMUCENO, Livia Dias de Oliveira; COSTA, Helder Gomes; SHIMODA, Eduardo. Impacto do mestrado profissional no desempenho dos seus egressos: intercomparação entre as percepções de discentes, docentes, coordenadores e empresa. **Gestão & Produção**, São Carlos, v. 17, n. 4, p. 817-828, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/gp/v17n4/a14v17n4.pdf>>. Acesso em 1 mar. 2021.

NORONHA, Daisy Pires et al. Egressos dos programas de pós-graduação em ciência da informação: por onde andam os doutores? **Perspectivas em ciências da informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 94-107, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pci/v14n2/v14n2a07.pdf>>. Acesso em 1 mar. 2021.

NUNES, Lucila Maria Teixeira; GREGÓRIO, Sandra Regina; VITA, Gilmar Ferreira. Caracterização do perfil pedagógico de egressos e da área de Ensino dos Saberes Técnicos de Mestrado Acadêmico em Educação Agrícola. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, PR, v. 14, n. 3, p. 847-870, 2019.

ORTIGOZA, Sílvia Aparecida Guarnieri; POLTRONIÉRI, Lígia Celoria; MACHADO, Lucy Marion C. Philadelpho. A atuação profissional dos egressos como importante dimensão no processo de avaliação de programas de pós-graduação. **Sociedade & Natureza**, v. 24, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/17491/pdf>>. Acesso em 2 mar. 2021.

PAIXÃO, Roberto Brasileiro; ASTENREITER FILHO, Horácio Nelson. Autoavaliação de impactos: o que nos dizem os egressos de uma Mestrado Profissional em Administração. **Administração: ensino e pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 831-959, 2014. Disponível em: <<https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/9/7>>. Acesso em 15 jan. 2021.

RAMOS, Flávia Regina Souza et al. Formação de mestres em enfermagem na Universidade Federal de Santa Catarina: contribuições sob a ótica de egressos. **Revista brasileira de enfermagem**, Brasília, v. 63, n. 3, p. 359-365, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/reben/v63n3/a02v63n3.pdf>>. Acesso em 20 mar. 2021.

RISSI, Maurício et al. Análise dos egressos de doutorado quanto aos requisitos para serem docentes da pós-graduação *stricto sensu*. **Revista GUAL**, Florianópolis, v. 10, n. 3, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2017v10n3p296/35286>>. Acesso em 2 mar. 2021.

SILVA, Jaqueline Roberta da; MANIGLIA, Fabíola Pansani; FIGUEIREDO, Glória Lúcia Alves. Paulo Freire e Edgard Morin na pós-graduação: perfil e percepções de egressos de um programa de pós-graduação em Promoção da Saúde. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 25, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v25/1809-449X-rbedu-25-e250061.pdf>>. Acesso em 2 mar. 2021.

SOUZA, Liv Katyuska de Carvalho Sampaio de et al. "Eu queria aprender a ser docente": sobre a formação de mestres nos programas de pós-graduação do campo da Alimentação e Nutrição no Brasil. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 27, n. 6, p. 725-734, 2014. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/pdf/rn/v27n6/1415-5273-rn-27-06-00725.pdf>>. Acesso em 20 mar. 2021.

VALADÃO JÚNIOR, Valdir Machado; RODRIGUES, Henrique. Competências na pós-graduação: o olhar dos egressos. **Administração: Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 325-354, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pp/v24n1/v24n1a13.pdf>>. Acesso em 29 jan. 2021.

VELLOSO, Jacques. Mestres e doutores no país: destinos profissionais e políticas de pós-graduação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 123, p. 583-611, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cp/v34n123/a05v34123.pdf>>. Acesso em 1 mar. 2021.

WAISBERG, Jaques; GOFFI, Fábio Schmidt. Avaliação dos Egressos de Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Cirurgia. **Revista brasileira de educação médica**, Brasília, v. 28, n. 1, p. 16-20, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbem/v28n1/1981-5271-rbem-28-01-16.pdf>>. Acesso em 2 mar. 2021.

Z Aidan, Samira et al. Pós-Graduação, saberes e formação docente: uma análise das repercussões dos cursos de mestrado e doutorado na prática pedagógica de egressos do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFMG (1977-2006). **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n.1, p. 129-160, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/edur/v27n1/v27n1a07.pdf>>. Acesso em 2 mar. 2021.

EGRESSOS DA PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

FREITAS, Maria Aparecida de Oliveira et al. Docência em saúde: percepções de egressos de um curso de especialização em Enfermagem. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 20, n. 57, p. 427-436, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/icse/v20n57/1807-5762-icse-1807-576220150391.pdf>>. Acesso em 27 fev. 2021.

RODRIGUES, Luzia Coelho; PAIXÃO, Roberto Brasileiro; DUARTE, Francisco. Percepção das contribuições da formação em gestão em saúde do PNAP a partir da visão de egressos: uma avaliação negociada e contextualizada. **Revista Gual**, Florianópolis, v. 10, n. 4, p. 269-292, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2017v10n4p269/35457>>. Acesso em 29 jan. 2021.

ANEXO

Anexo A - Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Impactos do doutoramento sobre a carreira de psicólogos(as) doutores(as): análise psicossocial da trajetória de egressos de um doutorado em Psicologia

Pesquisador: Sérgio Dias Cirino

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 53354621.6.0000.5149

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.183.352

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa ora analisado se refere a processo de qualificação acadêmica, doutorado, realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG e tem sua conclusão prevista para o mês de fevereiro de 2024. A partir de três perguntas principais relacionadas às trajetórias socioprofissionais e as percepções que destas têm os egressos da pós-graduação strictu sensu em psicologia, o projeto abordará um total de 83 participantes que se enquadrem na descrição acima indicada. A metodologia, cuja démarche é empírica, está estruturada em duas fases. A primeira “terá como eixo central descrever e caracterizar analiticamente os diferentes perfis de trajetória socioprofissional de psicólogos doutores, egressos de um programa de Doutorado em Psicologia”. A segunda “será dedicada a identificar e compreender as percepções que parte desses egressos possuem a respeito de suas carreiras e os sentidos que atribuem aos impactos do doutorado no âmbito de suas trajetórias profissionais”. O público-alvo da participação são egressos da pós-graduação em psicologia da UFMG. A primeira etapa será efetivada mediante a aplicação de questionários e a segunda por meio de entrevistas com os participantes selecionados a partir da análise de perfil. A base para análise do material empírico colhido se baseará “as discussões acerca das noções de carreira e mundo contemporâneo do trabalho”, em especial o padrão metodológico desenvolvido por Spink, visando “pensar a questão da produção de sentidos no cotidiano”. Tanto a aplicação de questionário quanto a realização de entrevistas se darão por meio remoto, utilizando-se o envio de formulários e o uso de plataformas

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º Andar 2, Sala 2005 2, Campus Pampulha

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31.270-901

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 5.183.352

de TDIC, respectivamente. Isso se deve, inicialmente, à grande dispersão geográfica dos egressos e, principalmente, o atual contexto de pandemia. As atividades de coleta empírica de dados estão previstas para acontecer entre os meses de abril e maio de 2022, a aplicação de questionários, e de outubro e novembro de 2022, a realização de entrevistas.

Objetivo da Pesquisa:

“Objetivo Primário:

Analisar os impactos psicossociais do doutorado em Psicologia sobre a trajetória socioprofissional de psicólogos doutores.

Objetivo Secundário:

> Caracterizar analiticamente os diferentes perfis de trajetória socioprofissional e levantar indicadores sobre a realidade sociolaboral de psicólogos doutores, egressos de um programa de doutorado em Psicologia; > Descrever o perfil dos egressos do referido programa, buscando identificar a relação entre indicadores como perfil sociodemográfico; percursos de formação acadêmica; inserção e atuação profissional; tipos de vínculos de trabalho antes, durante e após o doutorado; > Identificar e compreender as percepções que os psicólogos doutores possuem a respeito de suas carreiras e os sentidos que atribuem aos impactos do doutorado no âmbito de suas trajetórias profissionais.”.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O teor da pesquisa envolve a abordagem de diversos aspectos da formação acadêmico-profissional dos sujeitos em articulação com diversos aspectos da vida vivida e da elaboração da identidade pessoal. Nesse sentido, o proponente da pesquisa reconhece que os riscos estão “relacionados a exposição de suas opiniões e de informações particulares relativas à vida profissional”.

Como benefícios potenciais advindos da realização da pesquisa são apresentados aqueles referentes à produção de elementos e dados de natureza empírica que subsidiem a elaboração de reflexão crítica e de conhecimento qualificado acerca do desenvolvimento da pós-graduação em psicologia em sua articulação com as atividades dos profissionais nela formados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O tema da pesquisa é, social e academicamente, relevante, porquanto pretenda reunir elementos e análises sobre as relações complexas que existem entre a formação de profissionais da psicologia em nível de pós-graduação e a atuação destes sujeitos na sociedade.

A metodologia apresentada é adequada ao campo de trabalho e possui mecanismos de proteção

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 2 Campus Pampulha

Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 5.183.352

ética de dados e informações.

Conquanto isso, nota-se a falta de explicitação de benefícios, que virtualmente estão dados na proposta do projeto, para os participantes como indivíduos. Por exemplo, a oferecimento de estímulos para que os sujeitos possam refletir mais aprofundadamente sobre os diferentes sentidos e aspectos de sua formação em conexão com sua atuação profissional. Esta observação é importante do ponto de vista ético, na medida em que a pesquisa com seres humanos precisa oportunizar benefícios para as pessoas dela participem.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A proposta de investigação foi encaminhada com toda documentação pertinente à sua instrução, abrangendo: folha de rosto, devidamente firmada; versões integral e básica do projeto; parecer favorável à realização da pesquisa com a aprovação ad referendum da Câmara Departamental do professor orientador; questionário de trajetória socioprofissional, com seu respectivo TCLE e disponibilização de alternativa de download de seu conteúdo integral respondido; roteiro de entrevista; e TCLE aos participantes das entrevistas.

Com relação a este último TCLE, assinala-se que este se encontra adequadamente formulado como carta-convite, na qual se descrevem detalhada e organizadamente os diferentes aspectos da atividade de entrevista, como seu teor, objetivo, modo – remoto – e duração de sua realização, condições de segurança dos dados oriundos, riscos implicados e as medidas para mitigá-los.

Recomendações:

1. Incluir a menção de benefícios potenciais aos participantes – cf. sugestão acima registrada.
2. Numerar as páginas do TCLE.
3. Incluir espaços para as rubricas ou marcações de concordância dos participantes.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando o relatado neste parecer, uma vez que as recomendações acima enumeradas não se constituem em pendências que justifiquem a colocação deste projeto em diligência, somos, s.m.j., favoráveis a sua aprovação em seus aspectos éticos, condicionando-se à observância das recomendações enumeradas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º Andar 2 Sala 2005 2 Campus Pampulha

Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 5.183.352

desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1810118.pdf	17/11/2021 18:08:36		Aceito
Outros	Aprovacao_adreferendum.pdf	17/11/2021 18:06:02	Fabício Bueno	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_entrevista.pdf	17/11/2021 18:03:54	Fabício Bueno	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	17/11/2021 12:11:56	Fabício Bueno	Aceito
Outros	Parecer_consubiado.pdf	17/11/2021 12:09:38	Fabício Bueno	Aceito
Outros	Questionario.pdf	17/11/2021 12:08:33	Fabício Bueno	Aceito
Outros	Roteiro_Entrevista.pdf	17/11/2021 12:07:46	Fabício Bueno	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_brochura.pdf	17/11/2021 11:39:23	Fabício Bueno	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	17/11/2021 11:37:10	Fabício Bueno	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELO HORIZONTE, 21 de Dezembro de 2021

Assinado por:
Críssia Carem Paiva Fontainha
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º Andar Sala 2005 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br